

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Luiz Felipe Napole de Haro Alvares

Perspectivas da Casa do Amanhã

o impacto das tecnologias da inteligência na máquina de morar

Mestrado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital

São Paulo

2020



PUC-SP

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Luiz Felipe Napole de Haro Alvares

Perspectivas da Casa do Amanhã

o impacto das tecnologias da inteligência na máquina de morar

Mestrado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Tecnologias da Inteligência e Design Digital sob orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Lucia Santaella Braga.

São Paulo

2020

Banca Examinadora

Ao reencontro do amor, mil anos depois...

Dedico este trabalho, principalmente, aos meus familiares, amigos e professores, com admiração e gratidão por seu apoio, orientação, carinho e presença ao longo do período de elaboração deste trabalho.

Dedico também, aos colegas arquitetos e urbanistas, não como último suspiro das ciências humanas, mas como objeto de reflexão, e crítica, aos devaneios das ciências exatas diante dos assentamentos humanos, principalmente, em relação ao habitar a cidade contemporânea.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

NÚMERO DO PROCESSO 88887.207347/2018-00

AGRADECIMENTOS

À Prof^a Dr^a Maria Lucia Santaella Braga pela atenção e apoio durante o processo de definição e orientação deste trabalho, que nos anos de convivência muito ensinou e contribuiu para meu crescimento científico e intelectual com a apresentação de inúmeros autores contemporâneos, me proporcionando uma incrível liberdade investigativa.

À Prof^a Dr^a Ana Maria Haddad Baptista pelas gentis e significativas contribuições no processo de amadurecimento do presente trabalho, principalmente ao permitir meu regresso ao mundo acadêmico. Me incentivando a introduzir a literatura como parte do processo.

Ao Prof. Dr. Winfried Maximillian Nöth que colaborou significativamente no meu desenvolvimento científico, sobre o papel da pesquisa, e, principalmente, na revisão do projeto de pesquisa, de maneira a construir e aprofundar seus aspectos epistemológicos.

Ao Prof. Dr. Nelson Brissac Peixoto pela parceria no enfrentamento da complexidade que são as grandes escalas impostas pela globalização, questões que alteraram nossos parâmetros de espaço e tempo, revisadas a partir da incipiente individualização dos espaços habitacionais em virtude das novas tecnologias que se apresentam.

Ao Prof. Dr. Luis Carlos Petry por apresentar reflexões sempre pertinentes. Nossas pausas para o café, com discussões acerca da filosofia da técnica em Flusser, Adorno, Spengler e Heidegger serviram para aprofundar a contextualização do design dentro da pesquisa.

Ao Prof. Dr. Sérgio Roclaw Basbaum, que permitiu discussões acerca do nomadismo e do sedentarismo, numa perspectiva aberta a relação com os problemas da cultura, da tecnologia e da linguagem. Nossos encontros foram sempre iluminados.

Ao Prof. Dr. Marcus Vinicius Fainer Bastos e ao Prof. Dr. Hermes Renato Hildebrand por apresentarem as teorias críticas das linguagens técnicas, uma reflexão mais aprofundada quanto aos papéis das novas mídias nas dinâmicas sociais contemporâneas.

À CAPES, pela concessão da bolsa de mestrado e à PUC-SP, pela oportunidade de realização do curso.

E principalmente, aos meus familiares e amigos, em especial consideração ao camarada Bruno Grandchamp Rodilha, sempre presente nos nossos estudos de caso e elaboração de artigos, e à Pollyana Ferrari por toda dedicação e intensidade intelectual. Sua presença, seus olhos, sempre foram luz generosa no espaço de discussão sobre os impactos sociais e políticos das novas mídias que extrapolam os fatores técnicos da telemática atual.

Pois ele quis informar-se sobre o que, nesse meio tempo, acontecera ao homem: se ele havia ficado maior ou menor. E vendo certa vez uma fileira de casas novas, admirou-se e disse: ‘Que significam essas casas? Com certeza, não foi nenhuma grande alma que as ergueu, à sua semelhança! ...esses quartos e câmaras: podem homens entrar e sair deles?’

*

E Zaratustra parou e pensou. Finalmente, disse, entristecido: ‘Tudo ficou menor!’

Em todo os lugares, vejo portões mais baixos: quem é do meu porte provavelmente ainda consegue passar, mas – terá de se curvar!

... Ando por entre esse povo mantendo os olhos abertos: eles se tornaram menores e ficam cada vez menores: – nisso, contudo, consiste sua concepção de felicidade e virtude.

... Alguns deles querem; quanto à maioria, porém, outros querem por eles...

... São redondos, corretos e bons uns com os outros, assim como grãos de areia são redondos, corretos e bons com grãos de areia.

Abraçar modestamente uma pequena felicidade – a isso chamam ‘resignação’!...

Querem no fundo ingenuamente uma coisa acima de tudo: que ninguém lhes faça mal...

A virtude é para eles aquilo que torna modesto e domesticado: com ela fazem do lobo um cão, e dos próprios homens os melhores animais domésticos para os homens.

(NIETZCHE, Friedrich. 1883)

RESUMO

O presente mestrado trata dos emergentes espaços de permanência doméstica, forma evolutiva de refúgio, que acompanham as rupturas de mundo diante de uma sociedade onde o aperfeiçoamento tecnológico é incessante, na medida em que extrapola o limite do corpo, em todos os sentidos, e o conecta ao mundo liso, organizado imunologicamente por telas. Nos debruçamos sobre um pensar moderno na arquitetura, que recebeu a tela pela primeira vez, e a relação que teria com o habitar contemporâneo, centrado nas pequenas unidades habitacionais que vemos emergir pela cidade atualmente. A proposta metodológica do presente estudo é uma análise qualitativa de formas de vida urbana apresentadas midiaticamente, entre as telas, como vídeos depositados na plataforma YouTube que tratam do morar em espaços diminutos. Procurou-se identificar nesses espaços, novos modos de uso e convivência, onde as relações são substituídas pelas conexões. As casas que habitam o fluxo estão desprovidas de medida.

Palavras-chave: Morar. Telas. TV. Espaço. Youtube.

ABSTRACT

The present master's degree deals with the emergent spaces of domestic permanence, an evolutionary form of refuge, that accompany the ruptures of the world in the face of a society where technological improvement is incessant, insofar as it goes beyond the limit of the body, in all senses, and the connects to the smooth world, immunologically organized by screens. We look at a modern thinking of architecture, which received the screen for the first time, and the relationship that would have with contemporary inhabit, centered on the small housing units that we see emerge throughout the city today. The methodological proposal of the present study is a qualitative analysis of urban life forms presented by media, between the screens, such as videos deposited on the YouTube platform that deal with living in miniature spaces. We tried to identify in these spaces, new modes of use and coexistence, where relationships are replaced by connections. The houses that inhabit the flow are devoid of measure.

Keywords: Live. Screens. TV. Space. Youtube.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Em 1960 a televisão começa a ocupar o ambiente doméstico	57
Figura 2	Trajetos Propostos 1	64
Figura 3	Trajetos Propostos 2	64
Figura 4	Itinerário detalhado parte 1 de 2	65
Figura 5	Itinerário detalhado parte 2 de 2	65
Figura 6	Trajetos de ônibus identificados os pontos de alerta do aplicativo	66
Figura 7	Propaganda para investidores em moradia <i>on demand</i>	73
Figura 8	Serviço de casa por assinatura	74
Figura 9	Serviços associados a startups parceiras	74
Figura 10	<i>Perspectiva artística da casa on demand</i>	75
Figura 11	Logomarcas do YouTube	80
Figura 12	<i>Lineups</i> do YouTube	82
Figura 13	Vídeos indicados na aba "em alta", da posição 1 até 5	83
Figura 14	Vídeos indicados na aba "em alta", da posição 6 até 10	84
Figura 15	Vídeos indicados na aba "em alta", da posição 11 até 15	84
Figura 16	Vídeos indicados na aba "em alta", da posição 16 até 20	85
Figura 17	Vídeos indicados na aba "em alta", da posição 21 até 25	85
Figura 18	Relação dos <i>Lineups</i> com os vídeos indicados na aba "em alta"	86
Figura 19	Envios mais visualizados do canal <i>Life by Lufe</i>	88
Figura 20	Envios mais visualizados do canal <i>Living Big In a Tiny House</i>	89
Figura 21	Imagem Panorâmica da unidade habitacional do André	90
Figura 22	Imagem Panorâmica da unidade habitacional da Emma	93

SUMÁRIO

DIÁRIO DE BORDO	23
INTRODUÇÃO	30
CAPÍTULO 1 - A MÁQUINA DE MORAR	38
1.1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES DE FORMAS DE VIDA URBANA	40
1.2 ATUALIZAÇÃO DA MÁQUINA DE MORAR	51
CAPÍTULO 2 – A VIDA NERVOSA	62
2.1 ERA UMA VEZ O STREAMMING	68
2.2 O AMBIENTE “INSTAGRAMÁVEL”	76
2.3. O <i>YOUTUBE</i> É TV	79
2.4 O SER NÔMADE	80
CAPÍTULO 3 - RESSIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO DE MORAR	82
3.1 LINEUPS DO <i>GOOGLE PREFERRED</i> E ALGORITMOS	83
3.2 METODOLOGIA	87
3.3 ANÁLISE DOS VÍDEOS	91
CONDIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS	100

DIÁRIO DE BORDO

Iniciei minha trajetória acadêmica ao ingressar em 1998, no curso de bacharelado em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Anhembi Morumbi. Desde o primeiro ano da graduação, já atuava neste ramo profissional em virtude de minha formação técnica em Edificações, cursado na Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas, na capital.

Antes disso, em 1995, teve início meu percurso profissional, como estagiário de uma das muitas empresas construtoras de São Paulo. Na época, minha responsabilidade era acompanhar e fiscalizar o andamento de obras, das quais destaco aqui: um edifício comercial Helena Milan, situado a rua Julio Diniz, número 56, destinado à escritórios no bairro de Vila Olímpia (parte de um processo que perdura até hoje ao substituir áreas residenciais por áreas de uso misto ao longo da várzea do Rio Pinheiros), e uma casa de alto padrão residencial em Tamboré (processo que também encontra semelhanças com os dias atuais onde pessoas mudam de lugar para outros que, supostamente, oferecem melhores condições de habitabilidade, embora estas localidades também estejam circunscritas à região metropolitana que não para de crescer).

Em 1996, ingressei no quadro de funcionários de uma empresa que oferecia consultoria em “engenharia social”, atuando em diversos projetos de urbanização e recuperação de áreas degradadas no município, e Estado, de São Paulo. O trabalho consistia em apresentar projetos de obras de infraestrutura, regularização fundiária e habitação de interesse social (conjuntos habitacionais), os quais, a partir do meu ingresso na universidade, passei a chamar de ideais modernizantes. Dentre as inúmeras participações nesta dinâmica comum, ao menos em São Paulo, destaco o “Programa Lote Legal”, o “Projeto Cingapura”¹ e seus respectivos desdobramentos em gestões posteriores – “PROVER” e “PROCAV”, e o trecho oeste do “Rodoanel Mário Covas”. Para aprofundar um pouco a descrição destes trabalhos, seguem algumas atividades metodológicas que faziam parte do meu cotidiano: demarcação e setorização *in loco* de área objeto de investigação; execução de selagem dos domicílios, que consiste em mapeamento das moradias daquela região, para pesquisa socioeconômica; produção de mapas, com base em levantamento aerofotogramétrico ², para o georreferenciamento das informações levantadas em campo; produção de cartas temáticas com

¹ Prefeitura de São Paulo gestão Paulo Maluf, década de 1990. Disponível em <http://www.prodiam.sp.gov.br/invfut/cinga/cinga1.htm>. Acesso em 25/08/2019.

² Levantamento Aerofotogramétrico é um conjunto de fotografias aéreas obtidas por meio de câmeras fotográficas acopladas em avião e tomadas sequencialmente, conforme Instituto Geográfico e Cartográfico do Estado de São Paulo. Disponível em <http://www.igc.sp.gov.br/produtos/fotografias.html>. Acesso em 25/08/2019.

base nos dados pesquisados; elaboração de material didático e visual para capacitação de comissões de moradores; participação em projetos de unidades habitacionais e moradias provisórias; entre outras. Esta vivência envolveu grupos de profissionais diversos: sociólogos, advogados, pedagogos, psicólogos, assistentes sociais, engenheiros, especialistas em bancos de dados, arquitetos; todos juntos e misturados. Essa interdisciplinaridade era fundamento do método de análise e enfrentamento das questões.

Minha experiência profissional até 2001 abarca o período de transição do papel para a tela, do nanquim para o teclado e mouse, do físico para o digital, sem perder de vista as relações humanas com o espaço construído, principalmente na favela, ao sentir o barro mole e o cheiro misturado dos diversos odores, refletindo pela primeira vez sobre quantos mundos enxergamos. Era também, a época do início da internet no Brasil, o som da internet discada após a meia-noite para economizar a ligação telefônica, o pulso único para passar parte da madrugada a deriva.

A partir do ano de 2001, tive uma série de propostas profissionais para ingressar em grupos que desenvolviam trabalhos fora da cidade de São Paulo. Minha primeira experiência com a área da educação foi nesses termos. Um dos trabalhos, para a Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FDE, consistia na elaboração de proposta técnica abrangendo três colegiados no interior do Estado de São Paulo, com os respectivos estudos preliminares e memoriais descritivos, ambos adequados as diretrizes para projetos na área da educação. O desdobramento desse projeto resultou no primeiro levantamento arquitetônico, entre maio e julho de 2003, e avaliação de 30 escolas na região metropolitana, grande São Paulo e interior do Estado para adequação de salas de aula em laboratórios de ensino informatizados, à distância, para o Programa de Formação Universitária de Professores da Rede Pública. Além, do interesse pela habitação residencial, minha formação também se voltou às questões tecnológicas.

No mesmo ano fui convidado para coordenar a elaboração do primeiro mapeamento das áreas indígenas do município de Boa Vista - RR, para a Secretaria Municipal de Gestão Participativa e Cidadania, em parceria com a Secretaria Municipal de Assuntos Indígenas e Agronomia. Como resultado deste trabalho, apresentamos ao Ministério Público Estadual, uma série de políticas públicas centradas na melhoria das condições de habitabilidade em 13 comunidades indígenas, integrando dados de pesquisas socioeconômicas quantitativas e qualitativas.

Em 2005 concluí minha graduação com uma pesquisa monográfica de cunho documental sobre as questões ligadas à cidade e os sistemas de informação e sobre a coleta de resíduos sólidos da cidade de São Paulo. O interesse pela circulação do lixo, no momento em

que a reciclagem vinculada ao discurso da sustentabilidade ganhava força, me fez refletir sobre as condições de trabalho, e de vida, das pessoas que coletam produtos industriais descartados nas grandes cidades. Além disso, indiquei que os dados, ao menos em cidades brasileiras, não conversam entre si: estados e municípios indicam um número, associações indicam outros, enfim, um caos de dados estatísticos que indicam que o volume é grande e não temos áreas adequadas para o manejo ideal do material.

Concluída a graduação, ingressei na equipe técnica de arquitetos do escritório de Ruy Ohtake, notório arquiteto, mundialmente conhecido. Meu primeiro trabalho teve como cliente o DAEE – Departamento de Águas e Energia Elétrica do Estado de São Paulo, para elaboração dos diagnósticos físico, fundiário e ambiental para futura ampliação do Parque Ecológico do Tietê. Concluída esta etapa inicial, me interessei em fazer parte do setor de projetos executivos de arquitetura com participação nos seguintes projetos: Estádio do Gama, Edifício Santa Catarina, Edifício Comercial Central Park, Edifício Sede Ajinomoto, Salas de Cinema PlayArte nos Shoppings Butantã, Ibirapuera e Plaza Sul; e as reformas do Cine Marabá e Cine Lumière, estes últimos vinculados ao processo de recuperação da área central da cidade.

Em 2006, aceitei retornar à empresa que me acolheu durante dez anos e partir rumo ao continente africano, mais especificamente Moçambique. O trabalho consistia na gestão dos investimentos em projetos e obras, na fase dos estudos de viabilidade do Projecto de Carvão de Moatize³; de propriedade da Rio Doce Moçambique, uma empresa da Companhia Vale do Rio Doce (VALE). Nesta fase, desenvolvemos diversos estudos e obras dos quais destaco o estudo preliminar de impacto ambiental sobre os assentamentos urbanos e rurais da cidade costeira de Beira, em Moçambique. O estudo para a fase de implantação do projeto com levantamento e avaliação de edificações na província de Tete, com trabalhos na capital Tete e na cidade de Moatize, centrado em obras de cunho social, destinadas a escola, orfanatos e centros de saúde. Na África do Sul, Zimbábue, Malawi, Zâmbia e Tanzânia pude ver e entrar nas casas das pessoas, com paredes feitas de barro, em sua maioria, amassadas com as próprias mãos e cobertas com chapas zincadas (cobertura metálica) produzidas por uma indústria que pouco existia nesses países. A tecnologia móvel, por meio de telefones celulares, já estava presente num continente com baixa taxa de implantação de infraestrutura básica. No final de 2007 fui trabalhar no México, para consultoria técnica na implantação de projetos sociais no Proyecto Hidro-Agrícola Michoacán Sur⁴, de propriedade do governo estadual orientado pela construtora

³ Disponível em <https://noticias.sapo.mz/actualidade/artigos/projecto-carvao-moatize-um-sonho-de-decadas-tornado-realidade>. Acesso em 25/08/2019.

⁴ Disponível em <http://www.imcyc.com/revistacyt/ago11/artinfraestructura.html>. Acesso em 25/08/2019.

Odebrecht. Como produto, um diagnóstico dos aspectos urbanos regionais de 16 municípios para recuperação de área agriculturável. Minha avó materna muito doente me faz voltar para casa.

Era 2008 retorno ao escritório de Ruy Ohtake para continuar o projeto interrompido em 2006, agora nomeado como Projeto Várzeas do Tietê⁵, com definição dos limites do parque, das áreas de remoção e de núcleos com equipamentos educacionais, recreativos e ambientais. Além do DAEE, entra em cena a CDHU – Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado, para ampliar o escopo e propor um projeto piloto para pintura de 300 unidades habitacionais e comerciais na Comunidade União de Vila Nova, com ampla participação comunitária aos moldes do que o escritório havia realizado em Heliópolis, outra ocupação informal em São Paulo. Em dois anos de projeto, entregamos à comunidade, diretamente beneficiada, uma série de parques equipados e uma ciclovia ao longo de um trecho da várzea. Missão cumprida. Em 2009 participo como convidado, em banca de avaliação de trabalho final de graduação, do Centro Universitário de Belas Artes de São Paulo, que tratava sobre a implantação de ciclovia no bairro de Vila Mariana. Vejo esta experiência como um ensaio para regresso ao mundo acadêmico.

De 2010 a 2016, passo a coordenar projetos de regularização física, fundiária e ambiental de empreendimentos habitacionais de interesse social e, de patrimônio cultural, na mesma empresa que iniciei o enfrentamento de questões sociais. Só que agora, ao invés de engenharia social, a empresa se propõe a transformar territórios. Neste longo período, uma série de novos clientes das quais destaco CDHU – Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado, CPOS – Companhia Paulista de Obras e Serviços, COHAB – Companhia Metropolitana de Habitação e Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo. O trabalho consistia na elaboração de projetos para regularização fundiária, problema que persiste no Brasil desde as Capitâneas Hereditárias. Realizamos mais de 250 intervenções por todo o Estado de São Paulo, inclusive da antiga Hospedaria de Imigrantes, atualmente ocupada parcialmente pelo Museu da Imigração⁶. Em setembro de 2012, participei do Seminário Estadual de Regularização Fundiária, “Novas Perspectivas para a Regularização Fundiária – Implementar a Vontade da Lei”.

Em 2017, o declínio do ciclo industrial se faz presente também na arquitetura. Passo a atuar como consultor, elaborando laudos técnicos para a indústria farmoquímica e alimentícia.

⁵ Disponível em http://www.dae.sp.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=565:parque-varzeas-do-tiete-o-maior-parque-linear-do-mundo&catid=48:noticias&Itemid=53. Acesso em 25/08/2019.

⁶ Disponível em <http://museudaimigracao.org.br/>. Acesso em 25/08/2019.

Neste novo ciclo, me interessei por retornar à universidade. Minha questão inicial de pesquisa está centrada na tela, ou melhor, no lugar que a televisão agora ocupa na sala, no quarto ou no celular dos telespectadores. Qual o impacto disso na civilização ocidental, acostumada aos confortos dos projetos de lar moderno centrados na coletividade, mesmo que não seja para todos? Ingressei no Programa de Estudos Pós-Graduados em Tecnologias da Inteligência e Design Digital – TIDD, conhecendo minha futura orientadora, profa. Dra. Lucia Santaella, em sua disciplina ministrada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. Um semestre inteiro dedicado a Sloterdijk, filósofo alemão contemporâneo, seus textos caíam como uma luva de sentidos críticos.

Em 2018 fui aprovado no PEPG-TIDD com uma bagagem profissional que trazia a elaboração de projetos sociais, principalmente no trabalho de pós-ocupação, com metodologia de avaliação de projetos e participação popular, em áreas rurais e urbanas, no Brasil e no exterior. No início escolhi as disciplinas baseado na bibliografia indicada, a busca por conhecimento através de autores que eu tive algum contato. Assim conheci Nelson Brissac Peixoto, que trabalha com um projeto denominado “ZL Vórtice”⁷, na várzea do rio Tietê, área que eu conheço de longa data, e assim participamos de algumas reuniões de grupo juntos.

Aos poucos, busquei entender outras perspectivas do problema e cursei outras disciplinas, o programa interdisciplinar ligado à tecnologia e design aceita meus anseios de pesquisa, um projeto que une a arquitetura residencial incipiente e a interface digital da rede. Fiz amizades, escrevi artigos, participei de congressos. Conheci também Marcus Bastos, Luis Carlos Petry, Sergio Basbaum, professores que lembrarei para sempre através de seus ensinamentos. Neste último semestre, 1/2019 passei a colaborar com o grupo de estudos “Comunidata”, ligado ao CNPq (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2154095947170866>), do qual me tornei pesquisador, coordenado pela professora Pollyana Ferrari, onde pesquiso as implicações tecnológicas nas práticas cotidianas e a relação entre projeto de arquitetura e as dinâmicas sociais contemporâneas, e espero colaborar por muitos anos.

Posso dizer que meu tema tem muito da minha vivência, tanto profissional na área da construção civil, quanto das observações de mundo que fiz, e que faço na universidade. Pelas pesquisas realizadas até aqui, usando as redes sociais para coletar alguns dados secundários, meu trabalho pretende observar como, e em que medida, a rede tem influencia no espaço privado das habitações propostas pelo mercado de construção civil no cenário atual, talvez ressignificando os espaços de convivência da casa.

⁷ Disponível em <https://zlvortice.wordpress.com/>. Acesso em 25/08/2019.

INTRODUÇÃO

Uma tendência parece crescer como modelo no cenário urbano do século XXI, uma morada pequenina, considerada no século XX de dimensões precárias e projetada apenas para uma parcela da população: o visitante da cidade, seja ele estudante, negociante ou turista. Em toda sua amplitude atual, o discurso urbanístico, o estudo científico e o projeto arquitetônico buscam contribuir para a produção de pequenos espaços privados ligados aos espaços abertos coletivos, significativos para as cidades conectadas midiaticamente que não param de crescer e que atingirão dezenas de milhões de habitantes em várias partes do mundo. Isto é parte da cidade inteligente, isto é o espelho da estrutura social contemporânea a ela.

O sistema de normas de construção dos espaços urbanos que limitam a entrada, a saída, a circulação, de pessoas e mercadorias, que definem o estatuto de determinados indivíduos e grupos sociais, de lugares e territórios, essa complexa trama de leis que regula o que é formal e o que é informal na cidade, sofre para compreender sua natureza. Dada a grande diversidade de situações e modalidades, as cidades são organismos de dimensões variadas, com enormes contrastes, taxativas justaposições de escalas e estilos, incongruências formais e econômicas, informalidades e descontinuidades, com problemas ambientais e sociais por um lado, e poderes especulativos e financeiros dominando a área por outro, esta complexa e difícil mescla resulta em um conjunto altamente desequilibrado, de apreensão racional muito difícil e de solução coordenada mais difícil ainda. Para Bernardo Secchi, “a tradição das políticas da cidade declinou e utilizou de modo diverso esses materiais heterogêneos, construindo diferentes formações discursivas, diferentes representações e diferentes partes da cidade: disso nascem suas diferenças nas várias partes do planeta” (SECCHI, 2019, p.46).

Certamente existem razões para os desdobramentos desta história ao longo dos séculos, distorcidas pela perspectiva da lente adotada, sendo um desses o manifesto corbusiano “Por uma Arquitetura”, um compilado de ensaios escritos para a revista *L'Esprit Nouveau* entre 1920 e 1921. Nele, Le Corbusier evocava a nova época, o planejamento urbano incipiente entre guerras como solução para o “caos” urbano emergente do período comumente chamado de Revolução Industrial. Nesse momento aparece a casa como “máquina de morar”, as cidades seriam feitas de habitações seriadas e planejadas, a ideia é que fosse mais um produto da indústria que já desenvolvia veículos e eletrodomésticos. Há um rigor metodológico para tal proposta, que unia antropometria e programa de necessidades, era preciso determinar funções e programar os espaços para tal. Era preciso também, mais adiante, medir com uma nova unidade, híbrida, unindo o mundo da polegada e o mundo do metro, nomeada de Modulor.

Então temos uma casa, a máquina de morar, como um centro corruptor⁸ do ordenamento espacial privado estabelecido no final do século XVIII, a casa burguesa.

[...] com a emergência gradual de uma consistente burguesia, na Inglaterra e também em outros países europeus, modifica-se todo um sistema de valores relativos à moradia e à cidade. A domesticidade começa a assumir uma importância cada vez maior, por três ordens de motivos: a pressão dos movimentos evangélicos, para os quais a casa se torna um microcosmo, núcleo de uma sociedade ideal oposta ao mundo externo; os progressos tecnológicos e sanitários, com a consequente diminuição da mortalidade infantil e a maior presença de jovens nas famílias; o afastamento, por fim, da família e da casa das atividades profissionais ou empregatícias das novas gerações. O mundo burguês se separa em dois: em uma espécie de lado externo o mundo do trabalho e a cidade, e no lado interno o mundo da casa e da família [...] (SECCHI, 2019, p.51-52).

Nas palavras de Antoine Prost, falamos em “fronteiras” quando o assunto é a vida privada, sendo que “o apartamento⁹ ou a casa burguesa, aliás, se caracterizam por uma nítida diferença entre as salas para as visitas e os demais aposentos. De um lado, o que a família mostra de si, o que pode vir a público, o que ela julga “apresentável”; de outro o que ela conserva ao abrigo de olhares indiscretos” (PROST, 1992, p.15-16). Além disso, esta casa, rompe com um outro modo de vida que tem relação com o trabalho, onde estar em casa ou estar no trabalho significavam a mesma coisa, o que era determinante para que houvesse a indiferenciação do espaço doméstico. De repente, ergueu-se uma parede que dividiu o que era do trabalho e o que era do lar.

Obviamente, esta casa burguesa não era morada de todo cidadão. Assim como atualmente, mesmo com todo esforço de políticas públicas que avançaram muito nesse sentido, não há casas confortáveis para toda a gente. Entretanto, o que vale destacar é que seria muito difícil conceber a racionalização dos espaços pretendida pelos arquitetos modernistas, sem que houvesse a especialização do espaço industrial, a qual dispõe máquinas e operadores num lugar, determinando espaços diferenciados de circulação, de produção, de estocagem de matéria prima e produto acabado dentro da fábrica, sendo assim, o ambiente doméstico reflete o hábito fabril, traduzido em lugares para execução de tarefas. Na escala da cidade, quando a fábrica se separa

⁸ Dissemos um centro corruptor porque haviam outros dentro do movimento moderno, em outras partes da Europa. Para citar um outro, temos o texto “Ornamento e Crime” de Adolf Loos, onde o discurso se resume a ornamentação como prática de povos selvagens e que, sendo assim, a sociedade moderna deveria rejeitar o ornamento na produção de casas, roupas e equipamentos. Implícito neste argumento estão ideais no valor universal do progresso e de igualdade. O ornamento é o elemento que difere, é aquilo que personaliza. O modernismo implica num primeiro impulso de hibridização universal e de desaparecimento de fronteiras.

⁹ Não consideráramos o apartamento porque a organização condominial e o método construtivo pressupõem o coletivo e o igual, o andar tipo já indica racionalização, algo diferente da intenção ao construir uma casa burguesa.

do tecido urbano é preciso fazer chegar o operário. E no projeto de Le Corbusier, previa-se até grandes centros administrativos, tudo no seu devido lugar, conectados por um sistema viário próprio para veículos automotores e não mais carroças de tração animal.

Como aponta Antonio Risério, ao menos no Brasil, “nossos “racionalistas” criaram casas para eles mesmo, e casas para a classe dirigente, mas também moradias classemedianas e conjuntos residenciais mais populares” (RISÉRIO, 2019, p.250). Esses nossos “racionalistas” foram visitados e, foram visitar Le Corbusier e Walter Gropius, sendo este, fundador da Bauhaus, notória escola do movimento moderno alemão, que buscava “impedir a escravização do homem pela máquina, preservando da anarquia mecânica o produto de massa e o lar, insuflando-lhes novamente sentido prático e vida” (GROPIUS, 2015, p.30). Essa democratização dos serviços de arquitetura, essa preocupação social soa estranha se é produto da própria indústria e fomenta o mínimo para uma parcela da população. Eis que hoje, esta casa pretendida como máquina, idealizada na “primeira era da máquina” conforme Reyner Banham aponta nos últimos anos da década de 50 ao se debruçar sobre ideais e produção arquitetônica desde os anos de 1900, que aparece toda distorcida em situações diversas e adversas por todas as cidades, da região central às periferias, se vê ameaçada pelo mínimo do mínimo. Não que ela irá desaparecer como bem construído, ela já é parte da paisagem urbana, da imagem da cidade, mas nossa hipótese é que o conceito de máquina de morar foi engolido silenciosamente por uma janela eletrônica, a tela, que aparece num primeiro momento como televisão e depois como dispositivo de comunicação móvel acoplado ao corpo.

É essencial aprendermos a interpretar as comunicações silenciosas com a mesma facilidade com que interpretamos as impressas e faladas. Somente agindo desse modo poderemos nos aproximar de outras pessoas, tanto dentro como fora das fronteiras nacionais, como cada vez mais nos é exigido (HALL, 2005, p. 8).

Na era da comunicação, das sociedades em rede, vive-se uma revolução conceitual na máquina de morar, onde a partir deste mestrado, pretende-se propor contribuições futuras sob o ponto de vista técnico-artístico da formação em arquitetura e urbanismo.

Em 2016, ao folhear a introdução do livro “O Terceiro Território: habitação coletiva e cidade” (RUBANO, 2015), talvez o primeiro sobre o tema da habitação social na qual o escritório Vigliecca & Associados tem produção notória, ficamos diante da temática desta pesquisa. Vigliecca provoca uma reflexão e rompe com a ideia de bem-estar moderno, tratada no texto como ilusão. O relato, transcrito abaixo, aconteceu durante um voo de helicóptero com o objetivo de fotografar suas obras: “a distância lhe revelou uma imagem comparativa sobre a

relação de nossos raciocínios com a escala estarrecedora dos âmbitos das periferias urbanas onde os projetos se inserem”. Continua dizendo que “após 40 anos enfrentando projetos concretos, refletindo sempre o sentido de cada ação, com certeza vêm à tona as convicções da nossa formação moldada nas formas urbanas da ideologia modernizante.” E constata que “na maioria dos nossos projetos, uma vez materializados e entregues à população, acontece uma rápida inversão de valores, em que os esforços presentes na etapa de projeto se transformam, mesmo aqueles objetivos que tenham sido estabelecidos em conjunto com a comunidade e o poder público, [...] depreda-se o que foi pensado para a melhoria do âmbito urbano daquele lugar. Só podemos concluir nostalgicamente que nossos projetos são uma ilusão”.

Esse olhar pela lente pressupõe um recorte a distância, que no caso apresentado envolve questões de escala, de medida. A tal “ideologia modernizante”, nos trouxe à memória Le Corbusier e seus projetos nunca alheios à crítica sobre as relações humanas¹⁰, mas o que intriga neste debruçar acadêmico é olhar o mundo através da lente político-social, por meio do habitar as telas, já que o ideal de conforto moderno estava ligado à busca por estabilidade e o mundo globalizado contemporâneo se apresenta como instável, fluido.

Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente ao seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que afinal, preenchem apenas “por um momento” (BAUMAN, 2001, p.8).

Para Le Corbusier, “o problema da casa é um problema de época. O equilíbrio das sociedades hoje depende dele. A arquitetura tem como primeiro dever, em uma época de renovação, operar a revisão dos valores, a revisão dos elementos constitutivos da casa”. (LE CORBUSIER, 2014, p. XXXII). Isto significa trazer para si a responsabilidade pela preservação do habitar, pensando o espaço transformado, de certa forma antecipando a terceira revolução industrial, a eletrônica. Esta máquina de morar, fundada sobre as bases do estado de bem-estar social, nos parece um bom lugar para começar a investigação, partindo do cenário de produção industrial, tanto da construção civil, quanto da tecnologia digital a partir da chegada da WWW

¹⁰ Podemos citar Jane Jacobs logo na introdução do livro *Morte e Vida de Grandes Cidades*: “Este livro é um ataque aos fundamentos do planejamento urbano e da reurbanização ora vigentes. É também, e principalmente, uma tentativa de introduzir novos princípios no planejamento urbano e na reurbanização, diferentes daqueles que hoje são ensinados em todos os lugares, de escolas de arquitetura e urbanismo a suplementos dominicais e revistas femininas, e até mesmo conflitantes em relação a eles. Meu ataque não se baseia em tergiversações sobre métodos de reurbanização ou minúcias sobre modismos em projetos. Mais que isso, é uma ofensiva contra os princípios e os objetivos que moldaram o planejamento urbano e a reurbanização modernos e ortodoxos (JACOBS, 2000, p.1).

no início dos anos 1990. Neste ambiente, se sugere uma quarta revolução industrial, quando a cultura da convergência e a vida conectada ganham relevância, principalmente com a chegada das redes sociais em 2004 e as redes sem fio mudando o modo de comunicar, morar, trabalhar e conviver.

Por convergência refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação de múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam (JENKINS, 2008, p. 29).

Portanto, a discussão desta pesquisa gira em torno das telas nos ambientes privados, telas essas que com o avanço da computação em nuvem e da incipiente presença de serviços de assinatura *on demand* na casa do homem contemporâneo do século XXI. Segundo a reportagem de capa da revista Exame, edição número 1191, datada de 07/08/2019 e intitulada “Tudo por assinatura”:

De acordo com a consultoria de tecnologia Gartner, em 2020 mais de 80% dos provedores de software terão mudado para sistemas baseados em assinatura, e metade das maiores companhias do mundo vai depender de produtos, serviços e experiências aprimorados digitalmente – e, portanto, passíveis de assinatura” (COHEN; SERRANO, 2019, p. 22).

Por isso, este mestrado mostra-se como uma atualização sobre o assunto, ao mesmo tempo que preenche uma lacuna deixada pela própria arquitetura, já que passa a incluir as ferramentas digitais a partir da tela na relação informacional com o refúgio moderno que é a casa.

Dessa forma, a pesquisa passa a abranger um número de pessoas circunscritas numa modalidade de construção, estúdios de morar de 8 a 25 metros quadrados. Além disso, a pesquisa faz frente às dinâmicas sociais urbanas digitalizadas, promovendo reflexões mais diretas quanto à prática projetual dos espaços de morar, incluindo a tela e a rede, com o propósito de desenhar um panorama que se apresenta como modelo no contexto da cidade fluxo. O cenário delineado nesta pesquisa parte da coleta de dados em rede, por meio de canais no YouTube sobre morar, tais como Life by Lufe¹¹, Living Big In A Tiny House¹² e Never too Small¹³, de jornais, revistas e aplicativos de redes sociais utilizados para divulgar informações

¹¹ Life by Lufe, canal de morar brasileiro, disponível em <https://www.youtube.com/channel/UCwlrqVg7vmqzoHeCfDB1uEA>. Acesso em 25/08/2019.

¹² Living Big In A Tiny House, disponível em <https://www.youtube.com/channel/UCoNTMWgGuXtGPLv9UeJZwBw>. Acesso em 25/08/2019.

¹³ Never too Small, disponível em https://www.youtube.com/channel/UC_zQ777U6YTyatP3P1wi3xw. Acesso em 25/08/2019.

acerca do morar contemporâneo, expandindo a discussão para além dos domínios da tela. O que permite uma análise da prática cotidiana destes agentes e sua percepção de moradia atualmente, resultando num deslocamento do olhar tecnocêntrico para uma abordagem que privilegie os fenômenos humanos. Portanto, buscamos identificar o que se percebe como morada humana, a casa em si, numa perspectiva de futuro dentro da megacidade global informatizada, deixando fora do recorte deste mestrado a análise dos panoramas econômicos, geográficos ou de vanguardas arquitetônicas.

Isto posto, que fatores e aspectos notáveis emergem de um estudo bibliográfico, dentro das redes informacionais, de enfoque exploratório, acerca da relação entre o morar e as telas, especialmente para análise em estudo de caso de vídeos no *YouTube*? O que se pretende é uma reflexão sobre a casa frente as tecnologias que se apresentam a nós, não se trata de resolver problemas técnicos, econômicos e políticos, mas pensar sobre a relação entre a casa e as tecnologias da inteligência. Portanto, a questão que se coloca é: A tecnologia social das redes engoliu a medida da casa, no seu modo de uso e convivência, em torno de um artefato, a tela?

O olhar para o futuro, em perspectiva, pressupõe um fragmento temporal, que recorta e projeta no espaço uma ideia a partir de uma coleção de referências.

O perspectivismo concebe o mundo a partir do “olho que vê do indivíduo” ele acentua a ciência da óptica e a capacidade das pessoas de representarem o que vêem como uma coisa de certo modo “verdadeira”, em comparação com verdades sobrepostas da mitologia ou da religião. (HARVEY, 2007, p. 223).

Quando Le Corbusier avançou no conceito da casa como uma “máquina de morar” é preciso destacar que, o movimento moderno na arquitetura estava em sua fase inicial [segunda década do século XX], se consolidava numa época de pleno desenvolvimento das indústrias, e as propostas para a melhoria das condições estético-funcionais estavam ligadas ao papel da moradia na reconstrução das cidades, depois da primeira guerra mundial.

Nesta pesquisa fazemos um salto temporal de 100 anos. O *flâneur* benjaminiano, do início do século passado, que sentia um prazer imenso de morar na massa, no ondulante, foi substituído por um mundo liso, organizado imunologicamente pelas telas. Segundo Byung-Chul Han:

O mundo organizado imunologicamente possui uma topologia específica. É marcado por barreiras, passagens e soleiras, por cercas, trincheiras e muros. Essas impedem o processo de troca e intercâmbio. A promiscuidade geral que hoje em dia toma conta de todos os âmbitos da vida, e a falta de alteridade imunologicamente ativa, condicionam-se mutuamente (HAN, 2017, p. 13).

Tudo o que é descoberto, criado ou disputado acaba tendo uma representação no morar. O conceito da casa mudou a partir da primazia da tecnologia de conexão, emergindo de uma ideia antiga de ambientes coletivos, já presente em povos ancestrais onde os ambientes privados praticamente não existiam, resultando em construções físicas menores, atravessadas pela conectividade ampliada. Ampliar a reflexão também é necessário, principalmente sobre a relação entre as tecnologias da inteligência com o espaço a construir, ou seja, a maneira que conceberemos novas configurações espaciais da habitação a partir do lugar. Portanto, esta pesquisa busca entender como a casa, um receptor complexo de tecnologias a partir da revolução industrial, mudou com as telas.

A crítica em relação ao modelo de arquitetura vigente, derivado da era da máquina e encabeçado principalmente por Le Corbusier, propõe que não é possível tratar a casa como uma máquina diante da complexidade nas relações humanas. Com as novas tecnologias de rede ocorre o fenômeno deleuziano denominado desterritorialização, onde o sujeito não é parte de um lugar, mas de uma rede, desenvolvidos de tal maneira para a alocação global da produção e integração na distribuição dos insumos, ou seja, a capacidade de gerenciamento passa a ser mais importante que a produção.

Do ponto de vista sociológico, a sociologia do conflito de Georg Simmel, nos pareceu um interessante ponto, com a ampliação do conceito de “vida nervosa”, extraído do ensaio, publicado em 1903, *As grandes cidades e a vida do espírito* (SIMMEL, 2013). O pensamento dos filósofos Peter Sloterdijk e Byung-Chul Han dialogam com o pensamento simmeliano que permeia este estudo, e resgatam as imunizações necessárias a vida do espaço midiático.

Quando surgiu, *Por uma Arquitetura* (LE CORBUSIER, 1998) ensinava que “o problema da casa é um problema de época”. Um dos trajetos para compreender nossa época é através da *História da Vida Privada* (ARIÈS e DUBY, 1992), que adota uma narrativa a partir de eventos domésticos e investiga tais ambientes. Neste estudo percebe-se uma tendência na diminuição da área destinada à habitação ao longo tempo, mas não é conclusivo dada a natureza da obra e não avança no século XXI. Ainda na questão de época constata-se uma alteração na dinâmica urbana, dada a alteração na dinâmica dos meios de produção, através de *Sociedade em Rede* (CASTELLS, 1999) e *Condição Pós-Moderna* (HARVEY, 2009), ambos trabalhando com questões relacionadas à estrutura do território. Ainda neste sentido, consideramos os estudos nos conceitos de pós-humano e pós digital através dos autores Massimo Di Felice e Lúcia Santaella para melhorar a compreensão da contemporaneidade. O uso de tecnologias móveis no contexto do lar urbano caminha juntamente com o adensamento populacional e o crescimento das metrópoles.

Como estrutura de análise do espaço edificado, *A Casa Subjetiva* (BRANDÃO, 2008), *Em casa: uma breve história da vida doméstica* (BRYSON, 2010), *Todo Sobre la Casa* (ZABALBEASCOA, 2011) e *Casa: Pequena História de um Ideia* (RYBCZYNSKI, 2002) mostram como as tecnologias proporcionaram alterações no modo de vida e na configuração dos ambientes da casa. *O Espaço Crítico* (VIRILIO, 1984) nos coloca diante de um caminho de análise, considerando que a visão dá lugar à visualização. Em *As Tecnologias da Inteligência. O futuro do pensamento na era da informática*. (LÉVY, 2010), temos uma outra abordagem filosófica e otimista em relação ao tema. O pensamento de Peter Sloterdijk, que trabalha a questão de espaço em sua trilogia *Esferas* (bolhas, globo e espuma) permeia todo texto.

Em relevância ao tema proposto, destacam-se as seguintes dissertações de mestrado acadêmico: *Habitar Híbrido: interatividade e experiência na era da cibercultura* (REQUENA, 2007), que buscou estudar as transformações na família contemporânea e em seus modos de vida, verificando os impactos das novas tecnologias de informação e comunicação no cotidiano doméstico. Destacou o termo *screenagers*, que trata da geração que utiliza os monitores de imagem como um meio interativo, ao contrário da geração anterior que assimilava tais conteúdos de maneira passiva e contemplativa. No contexto da cibercultura, afirmou que as famílias já não são mais as mesmas, e isto indica a necessidade de novos arranjos, ritos e hábitos que transformam a tarefa de projetar os espaços. Indicou a importância da influência das tecnologias da inteligência em todas as etapas da arquitetura, no entanto, sua fundamentação encontra-se ancorada na questão da família e suas configurações.

Em *A experiência sensorial de habitar e respectiva relação com o espaço idealizado pelo projeto de arquitetura* (MARTINS 2016) propôs-se uma reflexão crítica e analítica do impacto das sensações que o espaço arquitetônico exerce sobre a percepção. Concluiu que o homem, através da “evolução temporal”, adquiriu características que transparecem na arquitetura contemporânea, nomeadamente, na configuração e funcionalidade das casas, demarcadas pelos dois últimos séculos. Um outro tema é tratado pela dissertação *Transhabitat: topologias transorgânicas em arte e tecnologia* (CAMARGO 2016), que trata outros modos comunicativos de habitar no contexto da arte e tecnologia. A partir de conceitos como transorgânico (DI FELICE 2009), analisou ambientes através de tecnologias emergentes, que proporcionam uma simbiose entre indivíduo, mídia e meio, gerando trocas de informações em rede. O habitar na época das redes digitais é caracterizado pela perda da definição de lugar fixo e pelo desencadeamento de uma transformação da relação entre sujeito e espaço, marcada pelo surgimento de uma forma interativa de habitar.

CAPÍTULO 1 - A Máquina de Morar

A questão do espaço é uma das mais relevantes que se colocaram à reflexão humana. Peter Sloterdijk, parte do pensamento heideggeriano, e o desloca de uma filosofia do tempo para uma filosofia do espaço¹⁴. Dá ênfase as “antropotécnicas” (os dispositivos midiáticos), postas como integrante do homem, estabelecendo relação entre o exterior (o espaço da linguagem, a cidade) interpretado a partir do interior (o lugar da arquitetura, a casa), como conjunto de subculturas, comunidades e redes, um conjunto de unidades isoladas conectadas midiaticamente. Sugerindo assim, uma filosofia e sociologia, do espaço habitado:

Mas a história da clareira não pode ser desenvolvida apenas como narrativa da chegada dos seres humanos às casas das linguagens. Pois assim que os seres humanos falantes começam a viver juntos em grupos maiores e se ligam não só às casas da linguagem, mas também às casas construídas, eles ingressam no campo de força do modo de vida sedentário. Daí em diante, eles estão não apenas resguardados por sua linguagem, mas também domesticados por suas habitações (SLOTERDIJK, 2000, p.35).

O mundo atual é uma habitação completamente submetida aos nossos projetos. Este mundo é dinamizado por criatividades humanas e observado pela visão eletrônica celestial dos satélites artificiais, que orbitam o planeta desde 1957¹⁵, e dimensionado pela produção telemática de lugares, através da conexão com as redes digitais de comunicação desde 1991¹⁶.

O dinamismo reside no desenvolvimento de mundo atual projetado, o aperfeiçoamento tecnológico é delírio do ser humano na medida em que extrapola os limites do corpo e nos auxilia na conexão com ele. Inerentes ao ser estão as “antropotécnicas” segundo Peter Sloterdijk (2000), ou, as “extensões ecotécnicas do humano” como expressão que o define como um conjunto histórico de acontecimentos sucessivos, “evolutivos” segundo Lucia Santaella, que

¹⁴ Tivemos a impressão que Heidegger ensaiou tal deslocamento, em 1951, no período pós-guerra durante a reconstrução das cidades, com o texto “Construir, Habitar, Pensar”. Apesar da seguinte ressalva do próprio autor: “As páginas que se seguem são uma tentativa de pensar o que significa habitar e construir. Esse pensar o construir não pretende encontrar teorias relativas à construção e nem prescrever regras à construção. Este ensaio de pensamento não apresenta, de modo algum, o construir a partir da arquitetura e das técnicas de construção”. (HEIDEGGER, 2008, p.125).

¹⁵ Ano de lançamento do programa soviético *Sputnik 1*. A função básica do satélite era transmitir sinais de rádio com frequências entre 20,005 e 40,002 MHz, suficientes para serem sintonizadas por qualquer operador de rádio amador, conforme reportagem do jornal *The New York Times*: “Two radio transmitters, Tass said, are sending signals continuously on frequencies of 20.005 and 40.002 megacycles. These signals were said to be strong enough to be picked up by amateur radio operators. The trajectory of the satellite is being tracked by numerous scientific stations.” (JORDEN, 1957)

¹⁶ Ano de operação da *World Wide Web*. Em 6 de agosto de 1991, Tim Berners-Lee, marca a estreia da *web* como o serviço que conhecemos, ao postar a descrição do próprio projeto com todas as ferramentas necessárias para o funcionamento do sistema: navegador, servidor e primeiras páginas *web*.

marcam os seis ciclos de formações culturais: oral, escrita, impressa, massiva, mídias e agora, digital. “O humano foi cobrindo o planeta com marcas crescentes de si mesmo, pois linguagem é devir. Daí a marca irredutivelmente evolutiva que é constitutiva do humano” (SANTAELLA, 2017, p.258).

A habitação em si, e é a concreta, arquitetônica, que nos interessa nesta pesquisa, como forma evolutiva de refúgio, acompanhou as rupturas de mundo ao seu tempo, lento, como destacam Leonardo Benevolo e Benno Albrecht: “a cultura arquitetônica percorreu um longo itinerário para reconhecer e modificar a paisagem a partir da época industrial, mas não tem ainda o domínio suficiente sobre a situação de fato. As transformações não previstas antecedem quase sempre as intervenções planejadas” (BENEVOLO; ALBRECHT, 2002, p.267). Podemos dizer que, a frase proferida pelos dois pesquisadores, expressa uma constatação quanto a dimensão escatológica do mundo atual, onde o projeto é orientado por uma ideia limite de concretude programática que o circunscreve e não é suficiente, algo percebido como a ilusão relatada por Vigliacca em relação a ideologia modernizante que abordamos na Introdução. Projeto que significa:

[...] de-cisão de um passado e prefiguração de um futuro, do qual a real possibilidade é garantida pela individualização real do percurso e dos meios através dos quais persegui-lo. O projeto será tanto mais eficaz quanto mais à altura estiver de antecipar o futuro, na forma presente, do seu dispositivo lógico-prático (CACCIARI, 2017, p.104).

Nesse cenário espetacular, do ser criativo hiperconectado com o espaço projetado (fruto da mistura entre físico e virtual), ocorrem transformações cognitivas na medida em que os dispositivos acoplados ao corpo, que denominamos como simples *smartphones*, se conectam a *internet*¹⁷. No Brasil, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (IBGE, 2017), a *internet* como serviço estava disponível à 69,9% dos brasileiros (por pessoas de 10 anos ou mais de idade), destes, 97% se conectam através de telefone móvel celular. E esses números tendem a crescer¹⁸, basta um olhar atento ao redor para perceber que a tela do dígito integra todos os lugares. Apesar de tratar sobre outro tema, neste caso se refere à educação, Santaella nos fornece material para nossas afirmações preliminares:

¹⁷ Para se ter uma ideia, só em 2008, a *Google*, considerada umas das cinco *BigTechs* do planeta (as outras são Apple, Facebook, Microsoft e Amazon), iniciou o desenvolvimento de seu próprio sistema operacional para dispositivos móveis denominado *Android*, que em 2017 corresponde a 93,2% do mercado brasileiro. (KANTAR, 2017).

¹⁸ A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (IBGE, 2017), recorre a dados do ano anterior como comparativo, sendo assim, os números em 2016 apontavam que a *internet* como serviço estava disponível à 64,7% dos brasileiros (por pessoas de 10 anos ou mais de idade) e destes, 94,6% se conectavam através de telefone móvel celular.

[...] nos últimos dez anos, as transformações por que tem passado a cultura digital trouxeram equipamentos móveis, portáteis que disponibilizam as redes informacionais na palma de nossas mãos, em qualquer lugar em que estejamos. Surgiu com isso um quarto tipo de leitor que batizei de leitor ubíquo. Seu perfil cognitivo é inédito e nasce do cruzamento e mistura das características do leitor movente com o leitor imersivo. É ubíquo porque está continuamente situado nas interfaces de duas presenças simultâneas, a física e a virtual, interfaces que reinventam o corpo, a arquitetura, o uso do espaço urbano e as relações complexas nas formas de habitar, o que repercute nas esferas de trabalho, de entretenimento, nas esferas de serviços, de mercado, de acesso e troca de informação, de transmissão de conhecimento e de aprendizado. O que caracteriza o leitor ubíquo é uma prontidão cognitiva ímpar para orientar-se entre nós e nexos multimídia, sem perder o controle da sua presença e do seu entorno no espaço físico em que está situado (SANTAELLA, 2017, p.23).

Não aprofundaremos a discussão em torno do acoplamento entre ser e máquina, mas estamos atentos à essa transformação, que nas palavras de Massimo Di Felice supera os “aspectos socio-comunicativos” para alcançar a “digitalização das territorialidades, dos ecossistemas e de suas populações” e, de fato, “provocar uma alteração maior que a esfera comunicativa e que abrange as dimensões habitativas.” (DI FELICE, 2012, p. 12). Isto posto, a discussão que pretendemos abordar em torno do território, mais especificamente sobre parte do fenômeno urbano e a incipiente camada informacional que se sobrepõe silenciosamente a ele, pressupõe o surgimento de novos espaços socioculturais. Mais especificamente, abordaremos os espaços de estar na vida privada, associada ao projeto de cidade moderna, mirando no novo jeito de morar a partir das conexões em rede. São estes os espaços de produção capitalista que nos interessam. Nessa perspectiva, este capítulo pretende identificar e relacionar a morada paulistana, e por que não, de grandes cidades em geral, desde 1950 com as telas, que neste momento, controlam as tecnologias em desenvolvimento.

1.1 Considerações preliminares de formas de vida urbana

Ao estabelecer a diferença entre o termo grego *pólis* e o termo latino *civita*, Massimo Cacciari sublinha que “a cidade enquanto tal não existe. Existem diferentes e distintas formas de vida urbana” (CACCIARI, 2010, p.9), já que o fenômeno urbano do primeiro império do ocidente, que pressupunha confluência, a convergência de pessoas que só concordam entre si em virtude da lei, feito de gente diferente que vem de todos os lados, que fala todas as línguas, e não mais exclusivamente da minha gente. Portanto, o modo operacional para estabelecer assentamentos humanos seguiu, em princípio, a posição romana. Mas esta tensão para a universalidade, mais adiante, coloca-se em conflito com a nostalgia da *pólis*, da cidade-lugar

para morar. Além desse, outro conflito apareceu na cidade do ideal moderno, concebida ora como cidade conectada para indústria-mercado ora como cidade conectada para encontros entre pessoas. Ou seja, ao mesmo tempo que tudo tinha um lugar para estar, e uma razão para ser, pretendia-se uma forma de vida associada, o interior e o exterior se ligam na dissolução da forma anterior, a mistura.

Tendo a casa como ideia reguladora, Le Corbusier propõe a série, que se baseia sobre a análise e a experimentação da técnica que existe. “A tecnicidade desta época – técnica da finança e técnica da construção – está preparada para realizar esta tarefa.” (LE CORBUSIER, 2014, p. 32). Tarefa que consiste em modelar a cidade e “modular” o humano, um módulo que mede e unifica tudo através de um traçado regulador, híbrido em essência, “essa matemática sensível que dá percepção da ordem” (LE CORBUSIER, 2014, p.47), que é garantia contra o arbitrário, a mistura da cidade foi subtraída de suas propostas como podemos verificar em seu comentário descritivo acerca das “Cidades Torre”.

L. C. 1920. AS CIDADES-TORRES. Proposição de Loteamento. Sessenta andares, altura, 220 metros; distâncias entre as torres 250 a 300 metros (equivalente à largura do Jardin des Tuilleries¹⁹). Largura das torres, 150 a 200 metros. Malgrado a grande superfície dos parques, a densidade normal das cidades é aumentada de 5 a 10 vezes. Parece que tais construções devem ser consagradas exclusivamente aos negócios (escritórios) e em consequência construídas nos centros das grandes cidades das quais descongestionariam as artérias; a vida de família se adaptaria mal ao mecanismo prodigioso dos ascensores. As cifras são espantosas e sem piedade, magníficas: concebendo a cada empregado uma superfície de 10m², um arranha-céu de 200m de largura abrigaria 40.000 pessoas. Haussmann²⁰, em vez de praticar cortes estreitos²¹ em Paris, deveria ter demolido bairros inteiros, concentrando-os em altura; depois, deveria ter plantado parques mais bonitos do que os do Grande Rei (LE CORBUSIER, 2014, p.34).

Neste exemplo, a citada cidade de Paris nunca mais foi a mesma depois de Haussmann, mesmo não “demolindo bairros inteiros”. O construtor anterior, aquele que construía as cidades com suas próprias mãos, aquele que tomou como medida os instrumentos que dispunha: seu passo, seu pé, seu cotovelo, seu dedo (unidades de medida utilizadas até hoje, como a polegada que corresponde a 2,54 centímetros e o pé que corresponde a 30,48 centímetros); viu ruir sua

¹⁹ Atual parque parisiense situado na margem direita do rio Sena. Criado no século XVI, decora o entorno do palácio de mesmo nome. Em 1664, o arquiteto André Le Nôtre, o transformou num jardim formal e simétrico, ornamentado por diversas estátuas.

²⁰ Na Paris do século XIX ocorreu o projeto de “modernização e embelezamento” estratégico da cidade realizado pelo Barão de Haussmann. Dessa forma se ergue a elegante, geométrica e homogeneizadora Paris, sobre os escombros da antiga, expulsando seus antigos moradores para a periferia a partir da demolição de ruas e construções, apagando-as da memória histórica junto das correntes guerras civis, influenciando a “modernização” de outras tantas cidades desde o século XIX até hoje.

²¹ Os “cortes estreitos” são as 12 principais avenidas de Paris que se conectam ao Arco do Triunfo.

obra. Este plano remodelador tinha como premissa melhorar a infraestrutura de abastecimento de água e sistema coletor de esgotos.

“Ninguém nega hoje²² a estética que exala das criações da indústria moderna. Cada vez mais, as construções, as máquinas se afirmam com proporções, jogos de volumes e de matérias tais que muitas dentre elas são verdadeiras obras de arte, porque comportam o número, isto é, a ordem.” (LE CORBUSIER, 2014, p.59)

Esta ordem projetual, que segundo Bauman (2001, p.72) significa “monotonia, regularidade, repetição e previsibilidade”, está associada a uma série de instrumentos jurídicos, desde a esfera federal até a esfera municipal, a partir de experimentações científicas, que regulam a forma urbana. Por exemplo, na cidade de São Paulo, “ninguém” ocupa uma edificação sem “Habite-se”, um entre tantos outros documentos, onde a Prefeitura certifica que a obra foi concluída, trata-se de uma autorização para que um imóvel, recém-construído ou reformado, possa ser ocupado. Para ocorrer a emissão deste documento, é preciso uma vistoria de regularidade que verifica se a obra foi executada conforme o projeto aprovado²³, sendo necessário apresentar um dossiê com a aprovação de diversos grupos técnicos, dentre os quais podemos citar as companhias de luz, gás, água e esgoto, e o corpo de bombeiros. Um imóvel só pode ser ocupado depois da concessão do “Habite-se”. E um imóvel só pode ser regularizado depois da apresentação do “Habite-se” ao Oficial de Registro de Imóveis, que faz, nos termos da lei, o registro e a averbação dos títulos ou atos constitutivos, declaratórios, translativos e extintos de direitos reais sobre imóveis reconhecidos em lei para sua completa eficácia e validade.

A sociedade que modela tudo o que a cerca construiu uma técnica especial para agir sobre o que dá sustentação a essas tarefas: o próprio território. O urbanismo é a tomada de posse do ambiente natural e humano pelo capitalismo que, ao desenvolver sua lógica de dominação absoluta, pode e deve agora refazer a totalidade do espaço como seu próprio cenário (DEBORD, 1997, p.112).

²² O hoje de Le Corbusier se refere a outubro de 1920, data de publicação da revista “Esprit Nouveau”.

²³ Documento que requer a apresentação de peças gráficas para o atendimento ao Código de Obras e Edificações do Município de São Paulo – COE (Lei nº 16.642/2017), que, conforme disposição em seu artigo 1º, disciplina, no Município de São Paulo, as regras gerais a serem observadas no projeto, no licenciamento, na execução, na manutenção e na utilização de obras, edificações e equipamentos, dentro dos limites do imóvel, bem como os respectivos procedimentos administrativos, executivos e fiscalizatórios. É a diretriz para qualquer projeto de edificação a ser realizado dentro da cidade. Para além disso, deve ser observado também o Plano Diretor Estratégico, que é a lei que contém as exigências fundamentais de ordenação da cidade com vistas a assegurar o atendimento das necessidades dos cidadãos quanto à qualidade de vida, à justiça social e ao desenvolvimento das atividades econômicas, baseado nos estudos sobre o zoneamento estabelecido, que é a divisão de um município em zonas com características urbanísticas (destinação, tipo de construção e de atividade) específicas: residencial, comercial, mista (comercial e residencial), industrial, área de proteção do ambiente cultural, de preservação de mananciais, entre outras.

Debord provoca o urbanismo, porque entende que a realização moderna é um esforço permanente que “salvaguarda” o poder de classe, da cidade do rico e da cidade do pobre, do centro e da periferia, é o distanciamento dos trabalhadores que a mistura tinha perigosamente reunido no período industrial.

A integração do sistema deve recuperar os indivíduos isolados como indivíduos isolados em conjunto: as fábricas e os centros culturais, os clubes de férias e os “condomínios residenciais” são organizados de propósito para esta pseudocoletividade que acompanha também o indivíduo isolado na célula familiar: o emprego generalizado de aparelhos receptores de mensagem espetacular faz com que esse isolamento seja povoado pelas imagens dominantes, imagens que adquirem sua plena força por causa desse isolamento (DEBORD, 1997, p.114)

Fazemos este breve desvio da temática do trabalho por três motivos: o primeiro numa tentativa que se compreenda que o fazer a cidade é muito mais complexo do que se limitam algumas ciências ordenadoras de território, as centralidades artificiais criadas pelo urbanismo e os instrumentos de controle jurídico foram engolidos pela mistura rizomática²⁴, mas estão aí como mais uma camada; o segundo para marcar um ponto de deflexão na história da cidade-conflito, porque pensa-se um novo modo de morar, desenraizado do grupo que detém o poder da ordem pública no cenário espetacular das telas; e por fim o terceiro quer dizer que a casa não é produto isolado, ela é parte de algo maior, mesmo diante do ímpeto em regressar ao estágio primeiro, embrionário.

Isto posto, o modelo habitual de cidade, considerando também as raras exceções de cidade modelo-moderna, incluindo Brasília, formada por um centro de implantação e por uma ampla coroa de habitações já não é mais praticável quando a indústria abandona o tecido urbano. A cidade utópica moderna, passa a não ter forma, escapa a uma imagem desenhada, não procura ter uma orientação e não é proporcional às exigências e às dimensões do homem, este em especial era o ponto corbusiano, uma medida híbrida entre o humano e as coisas. O volume de construções é tão grande, e realizado num espaço de tempo tão curto, que suplanta a ideia de autenticidade que nos acostumamos a usar para avaliar as cidades históricas: o lugar da casa, o

²⁴ Basta observar o fenômeno da conurbação das cidades-satélites de Brasília, a materialização do conceito moderno de planejar e habitar a cidade. As fronteiras administrativas do próprio município de São Paulo sofrem do mesmo fenômeno. Além disso, os pesquisadores Marcelo Batista Nery, Altay Alves Lino de Souza e Sergio Adorno publicaram em 2019 um estudo sobre os padrões urbano-demográficos da cidade de São Paulo, a partir dos setores censitários, e constataram que “há ao menos oito diferentes tipos de fragmentação urbana na escala micro/local [...] nenhum dos grupos de A a H refletem-se nas divisões político-administrativas existentes, denotando uma desconexão entre gestão pública e estrutura da cidade [...] nota-se que a dicotomia centro-periferia é inadequada ao entendimento da cidade e à sua boa gestão, pois ignora ou minimiza a diversidade social, a econômica e os usos do tecido urbano” (NERY; SOUZA; ADORNO, 2019, p.29-30).

lugar do trabalho, o lugar da instituição. Para Massimo Cacciari, a característica fundamental, “programática” da *civitas* romana é a de crescer; “não existe *civitas* que não seja *augescens*, que não de-lire (a lira é o sulco, sinal que delimitava a cidade, delírio significa sair da lira, ultrapassar os limites da cidade)” (CACCIARI, 2010, p. 16).

O que vem depois é discurso, também programático segundo uma nova camada que se sobrepõe a malha urbana, ele é informacional²⁵, distribuída por dispositivos lançados para muito além crosta terrestre, para o rádio e para a televisão, para a televisão e para a tela acoplada ao corpo. Antes de qualquer vislumbre do que passamos hoje com esta nova camada, David Harvey, colhe um apontamento de Charles Jencks: “data o final simbólico do modernismo e a passagem para o pós-moderno de 15h32m de 15 de julho de 1972, quando o projeto de desenvolvimento da habitação Pruitt-Igoe, de St. Louis (uma versão premiada da “máquina para a vida moderna” de Le Corbusier), foi dinamitado como um ambiente inabitável para as pessoas de baixa renda que abriga” (HARVEY, 2009, p.45). Ao que parece, se a fábrica muda de lugar, o discurso deve mudar junto. E conforme o próprio Harvey aponta sobre o movimento moderno na arquitetura, “esses movimentos vanguardistas²⁶ tinham uma forte fé em seus próprios objetivos e uma imensa crença em novas tecnologias” (HARVEY, 2009, p.62). Em certa medida ele tem razão se considerarmos toda retórica propagandista sobre o automóvel, a telha de fibrocimento ou amianto, os eletrodomésticos, o ar-condicionado, entre outros na época ao olhar do nosso tempo. Mas não é o mesmo fenômeno positivista que ocorreu recentemente na era da informação com teóricos de mídia como Marshall McLuhan ou Pierre Lévy? Talvez a intenção de ambos fosse outra, assim como para Le Corbusier, apesar de toda fé nos produtos da indústria e para além da antropometria aplicada, o importante era a preservação do vazio e nesta era da informação o vazio não existe, estamos em constante busca pelo silêncio do privado, o mesmo movimento conflituoso de buscar o passado.

Uma percepção ao olhar atento para os edifícios representantes do poder nas grandes cidades, pode nos dar pistas daquilo que se passa com a época. Guilherme Wisnik, procura marcar essas transformações a partir dos materiais que revestem esses prédios e estabelece uma progressão sistemática de substituições a partir do vidro totalmente transparente, passando pelo

²⁵ Além de informacional, ela é telemática, que pressupõe um conjunto híbrido de tecnologias da informação e da comunicação, isto é, entre os recursos das telecomunicações (telefonía, satélite, cabo, fibras ópticas, entre outros) e da informática (computadores, periféricos, softwares e sistemas de redes), que possibilitou o processamento, a compressão, o armazenamento e a comunicação de grandes quantidades de dados (nos formatos texto, imagem e som), em curto prazo de tempo, entre usuários localizados em qualquer ponto do planeta.

²⁶ “Vanguardismo é a capacidade de forçar todos os membros de uma sociedade a se decidirem por uma proposta que não se originou dessa própria sociedade” (SLOTTERDIJK, 2016, p.13).

vidro espelhado que a tudo e todos reflete e, atualmente, uma série de materiais enevoados, que vão desde resinas onduladas até chapas metálicas perfuradas, sempre com o aspecto de nuvem, algo turvo. Essas percepções em torno das superfícies arquitetônicas “passam progressivamente a ganhar ambiguidade justamente no momento (anos 1960 e 1970 em que os arquitetos pós-modernos, em sintonia com a arte pop, começam a convertê-las em repositórios cenográficos de símbolos” (WISNIK, 2018, p.33). Assim como a vida em nuvem sugere, a linguagem arquitetônica da cidade marca o novo universo pós-industrial, cujo funcionamento não nos é evidente tal como era nos objetos mecânicos.

Em reportagem divulgada pela National Geographic²⁷, numa perspectiva de que até 2050 a população mundial deve atingir 9,8 bilhões de pessoas e, quase 70% dessa população em expansão, isto é, 6,7 bilhões de pessoas está programada para viver em áreas urbanas, solicitou-se ao renomado escritório Skidmore, Owings & Merrill (SOM) a tarefa de projetar uma cidade do futuro. Desta tarefa surge uma proposta de ocupação muito próxima da modernista, atualizada pelo conceito de antropoceno²⁸ e o porvir de novas tecnologias em desenvolvimento.

Assim, estabelece dez princípios fundamentais, usados como chaves: a “**ecologia**”, que pressupõe a proteção de recursos naturais pela cidade que é compacta e densa para limitar os impactos no ecossistema; a “**água**”, que pressupõe a proteção dos sistemas hídricos, naturais ou artificiais, a fim de restaurar a permeabilidade do solo como medida de proteção contra inundações e aumento do nível do mar; a “**energia**”, que pressupõe uma série de medidas em pequena escala, incentivando a energia sustentável e a agricultura de pequena escala, e além disso, os edifícios compartilham recursos energéticos, gerando tanta energia quanto consomem; o “**desperdício**”, que pressupõe que o esgoto é tratado para irrigação ou consumo humano e o resíduo sólido torna-se um recurso para produzir energia ou material alternativo, além disso, os aterros e áreas industriais abandonadas são gradualmente convertidos para outros propósitos após a remediação do solo; a “**comida**”, que pressupõe que as práticas de sustentabilidade são obrigatórias em todo o ciclo de vida de um produto, assim padrões globais são estabelecidos para agricultura orgânica e tratamento animal, sendo a maioria dos produtos de origem local; a

²⁷ TREAT, Jason. Cities of the future: from mega-regions to micro-size homes. Disponível em: <https://www.nationalgeographic.com/magazine/2019/04/see-sustainable-future-city-designed-for-people-and-nature/>. Acesso em 25/08/2019.

²⁸ Segundo Guilherme Wisnik, “o termo antropoceno foi cunhado pelo químico holandês Paul Crutzen nos anos 1990. Paralelamente, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, ocorrida no Rio de Janeiro em junho de 1992, e conhecida como Eco-92, é considerada um marco crucial na conscientização sobre a crise energética do planeta” (WISNIK, 2018, p.56). Em termos gerais, significa que as ações humanas provocaram uma alteração geológica na camada do planeta.

mobilidade, que pressupõe um tráfego mais acessível, seguro e conveniente por causa da tecnologia automatizada e dos trens de alta velocidade; a “**cultura**”, que pressupõe um povoamento denso e diversificado do futuro, onde o patrimônio histórico é preservado e celebrado, assim como as artes e o entretenimento que podem ser compartilhados globalmente através da realidade virtual e aumentada; a “**habitabilidade**”, que pressupõe acessibilidade e segurança à medida que mais pessoas povoam áreas urbanas, onde os residentes têm vidas mais saudáveis, com acesso mais simplificado à natureza, serviços e tecnologia automatizada; a “**infraestrutura**”, que pressupõe edifícios mais eficientes, que incluem tecnologia que pode melhorar a qualidade dos recursos naturais, como água, solo e ar; e a “**economia**”, que pressupõe trabalhar em conjunto com políticas que salvaguardam a sustentabilidade ecológica, onde as pessoas se adaptam a horários de trabalho mais flexíveis à medida que a inteligência artificial e a automação se tornam mais difundidas.

Todas essas chaves estão articuladas, permeiam cinco grandes escalas, camadas estabelecidas para esta cidade imaginada, das quais destacamos abaixo apenas as que se referem ao nosso objeto de estudo, a habitabilidade. É importante sublinhar que se descartou o conflito deste cenário, presente em toda a história das cidades. As escalas são:

- o Eixo Urbano, um centro densamente desenvolvido, onde o uso sustentável da terra dentro e fora de suas fronteiras ajuda as pessoas a prosperar, fornecendo água, comida e recreação. O trânsito de alta capacidade reduz as emissões de poluentes e acelera os tempos de deslocamento.
- os Edifícios Inteligentes, incorporam elementos naturais e são em grande parte modulares, levando a uma produção mais rápida com menos desperdício. Os espaços podem ser rapidamente transformados para atender às necessidades variáveis de habitação, industriais ou comerciais. A habitabilidade se refere aqui a edifícios altos, setorizados por escritórios, depois residências, depois hotel e depois coroado por turbinas eólicas que geram energia, há uma sequência hierárquica. Andares dotados de espaços verdes promovem o fluxo de ar natural em edifícios, proporcionando sombra e áreas sociais.
- os Interiores, espaços compartilhados e comodidades aumentam a interação humana e permitem casas menores e de tamanho micro. As atividades de toda a comunidade visam promover um sentimento de pertença e igualdade social. A habitabilidade se refere aqui a um termo estranho, “habitação intergeracional”, constituída por unidades pequenas e familiares, que recebem uma série de idades

num prédio. Além disso, são totalmente acessíveis, dando a todos os residentes acesso irrestrito a bens e serviços, como entrega sob demanda. Refrigeradores e despensas inteligentes são automatizados para pedir comida e outros suprimentos para a casa.

- os Bairros Independentes, projetados para atender necessidades mais diárias dentro de uma caminhada de 10 minutos. Diversas tipologias habitacionais atraem comunidades de renda mista; pessoas de todos os estratos econômicos podem viver perto do trabalho.
- as Regiões Resilientes, compostas por uma série de centros urbanos: desenvolvimentos densos conectados por trilhos de alta velocidade. A ecologia regional determina onde e como os hubs crescem; os centros das cidades se movem para o interior, longe dos mares em ascensão.

Neste relato que partiu da proposta do escritório Skidmore, Owings & Merrill (SOM) podemos perceber que não se conceitua mais habitação como uma série de residências isoladas, sim como uma comunidade integrada, ora no próprio edifício, através de suas camadas hierárquicas tipológicas (primeiro escritórios, depois residência, depois hospedagem e por fim turbinas eólicas, algo como uma atualização, um *upgrade* do pensar modernista) ; ora na relação que estabelece com a cidade projetada a partir dos dispositivos inteligentes que se comunicam entre si (o refrigerador e a despensa que se comunicam entre si e com o exterior para seu regular abastecimento conforme a necessidade do morador). Não se pensa mais a casa como um lugar para dormir, comer e educar uma família segmentada por sua composição, típico do pensar modernista, conservador nesse sentido de preservação do lugar, mas como parte de um complexo espacial, um lugar que se entra e sai com dignidade humana, para se trabalhar, jogar e estudar independente da composição familiar, é tudo junto e misturado, a vida dos hábitos familiares está fora.

Além da mobilidade digital, em que um agente pode deslocar-se na rede independentemente de onde esteja fisicamente, existe também a mobilidade física, o que confunde os limites entre presença e ausência, antes evidenciados nas sociedades tradicionais. Com os avanços tecnológicos, um computador, enquanto maquinário de inteligência informacional, não precisa mais estar atrelado a uma localização fixa no espaço. As tecnologias móveis, seguem, aleatoriamente, o percurso que seu usuário faz. Isso afeta diretamente nos parâmetros de mobilidade, pois “a ubiquidade destaca a coincidência entre deslocamento e comunicação, pois o usuário comunica-se durante seu deslocamento” (SANTAELLA, 2010, p. 17).

O senso de interconexão, estabelecido por esse complexo de lugares reconfigurados, é o que dá o tom da morada do século XXI, e é através da visualização da tela digital democratizada que controlamos os nossos hábitos e somos controlados por nossos aplicativos, em maior ou menor medida. Apesar de prédios projetados individualmente, eles não são experienciados dessa forma, longe disso, eles sempre se diferenciam e definem a si mesmos com cenografias e situações em seu meio, de acordo com graus de diferença e semelhança.

Se há uma dignidade do ser humano que merece ser trazida ao discurso de forma conscientemente filosófica, isso se deve sobretudo ao fato de que as pessoas não apenas são mantidas nos parques temáticos políticos, mas porque se mantêm lá por si mesmas. Homens são seres que cuidam de si mesmos, que guardam a si mesmos, que – onde quer que vivam – geram ao seu redor um ambiente de parque. Seja em parques municipais, nacionais, estaduais, ecológicos – por toda parte os homens têm de decidir como deve ser regulada sua automanutenção. (SLOTTERDIJK, 2000, p. 49).

Luis Fernández-Galiano (2011, p.3), capta bem o conflito existente entre o espaço privado que se dissolveu e o espaço público que se apresenta como intencionalidade arquitetônica na solução de problemas contemporâneos, como na proposta relatada acima do Skidmore, Owings & Merrill (SOM) em relação ao aumento da densidade. “Há amores que matam, e nossa devoção pela casa é um deles²⁹”. A moradia unifamiliar e o automóvel são colocados como absurdo ecológico em toda sua amplitude. Ele exemplifica a questão através de uma forma de vida urbana disseminada globalmente através dos filmes de Hollywood (temos também versões brasileiras desse modelo), a casa de subúrbio. Esse modelo, segundo um discurso, destrói a rede de contatos que é a principal riqueza das cidades, além disso tem impacto no saber atual sobre mudanças climáticas, o esgotamento de combustíveis fósseis e crises econômicas, “a única coisa que pode ser defendida com responsabilidade é a densidade urbana, afinal incompatível com a casa³⁰”. Mas a casa, segundo ele, nos fascina e nos seduz, “seja em sua versão antropológica de abrigo elementar e sala essencial, seja em sua variante tecnológica de vitrine da vida privada e no peito do conforto da família, e acabamos sucumbindo ao feitiço de seu encanto³¹”. Entretanto, essas novas bolhas que arranham o céu defendidas em parte por Galiano e projetadas como futuro da habitação por Skidmore, Owings & Merrill (SOM) são emergentes, são produtos do próprio sistema.

²⁹ Tradução livre do autor – “Hay amores que matan, y nuestra devoción por la casa es uno de ellos”.

³⁰ Tradução livre do autor – “[...] lo único que cabe preconizar responsablemente es la densidad urbana, al cabo incompatible con la casa”.

³¹ Tradução livre do autor – “[...] sea en su versión antropológica de cobijo elemental y habitación esencial, sea en su variante tecnológica de escaparate de la vida privada y cofre del confort familiar, y acabamos sucumbiendo al embrujo de su encanto”.

Esses rizomas propositivos apresentados dão o tom do discurso atual em detrimento do ideal moderno. A ideologia modernizante se converte em outra coisa da mesma coisa, o controle das formas de vida urbana, entendida como sistema complexo, que se ordena à medida que funciona. Ao menos num primeiro momento, não olhar a cidade à distância, através da lente e depois da tela, talvez seja o segredo para compreendermos como se dá esse funcionamento, numa tentativa de resgatar um pensar arquitetônico. Esse instrumento de controle territorial permitiu ao mundo uma sensação de homogeneidade ao planejar e executar a cidade em escala global. Marshall McLuhan já havia percebido em 1969, que “o jovem estudante cresce num mundo eletronicamente estruturado. Não é um mundo de rodas, mas de circuitos, não é um mundo de fragmentos, mas de configurações e estruturas” (MCLUHAN, 2007, p.11), por isso o ambiente da cidade se apresenta como novo através das tecnologias aperfeiçoadas, as extensões de nós mesmos. Se a máquina era centralizadora, superficial e fragmentária, o oposto a ela constitui a automação pretendida, o lugar fica sem importância.

Se interpretada como simples abrigo, a habitação em sentido amplo é uma extensão dos mecanismos corporais de controle térmico, já a cidade é uma extensão ainda mais ampla dos órgãos corpóreos, visando atender as necessidades dos grandes grupos. McLuhan começa a marcar um regresso aos tempos da aldeia, uma aldeia global, a partir dos meios de comunicação. Assim, estabelece a diferença entre o habitante da cidade e o habitante da natureza: “o homem letrado e civilizado tende a restringir o espaço e separar as funções, enquanto o homem tribal livremente projeta a forma de seu corpo para abranger o Universo” (MCLUHAN, 2007, p.145). O conceito de uma aldeia global parece interessante ao romantizar os arranjos tradicionais de vida nas aldeias, se excluído o fato de que os acordos de aldeia são socialmente sufocantes e limitam as habilidades dos indivíduos para realizar seu potencial. Nas aldeias se observa, constantemente, e discute, incessantemente, o que todo mundo está fazendo. O que de fato ocorreu se observadas as discussões em torno da privacidade atualmente, das quais destacamos apenas dois episódios emblemáticos, amplamente divulgados pela imprensa, para iluminar o assunto: os casos *WikiLeaks*³² e *Facebook*³³.

³² Em 2006 a plataforma *WikiLeaks* é criada para divulgar anonimamente injustiças de “regimes repressores”. Em 2010 libera milhares de documentos confidenciais dos Estados Unidos da América. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/entenda-o-caso-assange-e-wikileaks-fato-a-fato/>. Acesso em 25/05/2019.

³³ Em 2004 a mídia social *Facebook* é criada para “ajudar você a se conectar e compartilhar com as pessoas que fazem parte da sua vida”, como aponta na tela de *login*. Em 2012, atinge a marca de 1 bilhão de usuários ativos, se tornando a maior rede social virtual em todo o mundo. Em 2018 deve explicações ao Senado dos Estados Unidos América como o Facebook reagiu ao vazamento de dados de 87 milhões de pessoas pela consultoria política Cambridge Analytica e afirmou que a empresa vai investir em medidas para proteger os dados de usuários da rede social. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/mark-zuckerberg-depoe-ao-senado-sobre-uso-de-dados-pelo-facebook.ghtml> Acesso em 15/05/2018:

Para Georg Simmel, em 1903, a vida na cidade pequena, em forma de aldeia, impõe limites de movimento e de relações em direção ao exterior e de autonomia e diferenciação em direção ao interior, sob os quais o homem letrado e civilizado de McLuhan não conseguiria respirar. O quadro todo explode uma especificação puramente quantitativa e qualitativa de cidade inteligente³⁴ pretendida, essa que é automatizada, em rede e que escolhe por nós, onde o homem letrado é vigiado em suas realizações, em sua conduta de vida e em sua mentalidade individual.

O estágio mais inicial das formações sociais, que se encontra tanto nas formações históricas como naquelas que se formam atualmente, é este: um círculo relativamente pequeno, com uma limitação excludente rigorosa perante círculos vizinhos, estranhos ou de algum modo antagônicos, e em contrapartida com uma delimitação includente estrita em si mesmo, que permite ao membro singular apenas uma margem restrita de jogo para o desdobramento de suas qualidades peculiares e para movimentos mais livres, de sua própria responsabilidade. (SIMMEL, 2013, p.320).

O regresso para uma sociedade organicamente reunida, como na aldeia, onde as relações de autoridade são bem estabelecidas, onde as coisas estão nos seus lugares, onde a gente se sente como se fosse a parte do corpo, onde cada um tem um papel a desempenhar e deve se contentar com esse lugar para que o corpo social funcione perfeitamente, enfim, essa diferença estabelecida entre o fragmento e a unidade, nos parece a ideia de um processo regressivo, como já dissemos, romantizado, pelo funcionamento social perfeito através da coleta de dados ininterrupta do cidadão.

Como tudo está em fluxo informacional na cidade, o fluir do tráfego, da informação, da produção e das pessoas, a arquitetura da nova era intenta representar a forma predominante do discurso. É composta por elementos que guiam e dirigem o movimento contínuo, como Spengler argumentava, “vivemos o aqui, ao passo que assistimos o ali. O primeiro é para nós o próprio; o segundo, é o estranho” (SPENGLER, 1973, p.110). Esse movimento entre o “aqui e o “ali” são as formas de vida que se movimentam livremente no espaço. Hoje são as telas que nos conduzem pelo espaço fluido, um espaço híbrido, onde essas formas chegam à sua própria linguagem de sentimento de mundo, ao seu próprio simbolismo de espaço. O espaço é contínuo, interconectado e complexo, pressupõem o movimento do corpo que o percebe através de

³⁴ A palavra inteligência tem a sua origem no latim, vem de **INTELLEGENCIA**, que significa capacidade de entender, de INTELLIGERE, formada por INTER-: “entre” e LEGERE: “escolher”. Portanto, o vocábulo inteligência refere-se ao que se revela INTELLEGENS (inteligente), ou aquele (e agora aquilo) que compreende, percebe, conhece e sabe discernir sobre determinadas questões. O verbo latino – LEGERE – também significa “ler”, pois a leitura é também uma escolha, é um juntar de letras, palavras e períodos.

cenários, enquanto estes, se desdobram em sequência e se abrem por meio de ver o mundo através da tela. Os conteúdos e as formas de vida mais amplos e universais estão intimamente ligados aos mais individuais, para a cidade grande é decisivo o fato de que sua vida interior se espraie em ondas sobre um amplo território, mas não deve perder a dimensão humana.

Que a vida é uma questão de forma, essa é a tese que associamos à venerável expressão “esfera” dos filósofos e geômetras. Ela sugere que viver, constituir esferas e pensar são diferentes expressões para uma mesma coisa. Nessa medida, a referência a uma geometria esférica vital só faz sentido se admitirmos que existe uma espécie de teoria que sabe mais sobre a vida do que a vida ela própria – e que, por toda parte onde existe a vida humana, seja ela nômade, seja sedentária, surgem bolas habitadas, itinerantes ou presas ao solo, que, por um certo aspecto, são mais redondas do que tudo que pode ser desenhado com círculos (SLOTERDIJK, 2016, p.14).

1.2 Atualização da máquina de morar

Le Corbusier é sem dúvida a grandeza da intenção de projetar a arquitetura a partir do século XX em diante, principalmente no Brasil, onde Lúcio Costa³⁵ o coloca como gênio, não mais como um exemplo entre tantos outros, mas como o autor do “Livro Sagrado” da arquitetura, “logo” após Brunelleschi, sendo este, arquiteto do século XV (COSTA, 2018, p.111). Captou a transformação do mundo exterior em consequência da máquina, a produção industrial e seus desdobramentos sociais, e disseminou pelos mais variados veículos de comunicação disponíveis: jornais, revistas, livros, congressos, seminários, carros, bondes, aviões, entre outros; um manifesto. Seu pensamento ecoa no nosso espaço físico. O termo “máquina de morar” é dele, extraído do livro sob o título “*Vers une Architecture*”, publicado em 1923, fruto de um compilado de artigos publicados desde 1920 na revista “*L’Esprit Nouveau*”, e aparece assim:

Uma casa é uma máquina de morar. Banhos, sol, água quente, água fria temperatura conforme a vontade, conservação dos alimentos, higiene, beleza pela proporção. Uma poltrona é uma máquina de sentar etc. Maple mostrou o caminho. As jarras são máquinas de se lavar: Twyford criou-as. Nossa vida moderna, toda essa atividade, com exceção da hora do chá de tília e camomila, criou seus objetos: seu terno, sua caneta, seu *eversharp*, sua máquina de escrever, seu aparelho telefônico, seus admiráveis móveis de escritório, os vidro de Saint-Gobain e as malas “Innovation”, o barbeador Gillete e o cachimbo inglês, o chapéu coco e a limusine, o transatlântico e o avião (LE CORBUSIER, 2014, p.65).

³⁵ Em carta endereçada a Le Corbusier, intitulada “Acerto” de 1949, Lúcio Costa escreve: “Aliás, nunca deixamos de vincular diretamente à você o admirável impulso da arquitetura brasileira: se a floração é bela, deveria lhe dar prazer, pois o tronco e as raízes – são você”. (2018, p.140).

Pouco mais adiante aparece como outra metáfora, e ao longo do livro sugere outros veículos de transporte motorizado, carro e navio, como modelos de interpretação:

O avião é um produto de alta seleção.
 A lição do avião está na lógica que presidiu ao enunciado do problema e à sua realização.
 O problema da casa não está colocado.
 As coisas atuais da arquitetura não respondem mais às nossas necessidades.
 No entanto os padrões da habitação existem.
 A mecânica traz consigo o fator de economia que o seleciona.
 A casa é uma máquina de morar (LE CORBUSIER, 2014, p.69).

Mas o termo “máquina de morar” sugere uma reflexão: Le Corbusier está localizado num mundo que mede e se desloca por meio da ciência incipiente, medindo ele estabeleceu a ordem através do traçado e, viajando ele observou como problemas semelhantes ao que ele vivenciava eram solucionados por outros países. Ele está no período entre a primeira e a segunda guerra mundial, o momento era de reconstrução, e cabia encontrar a solução modelo dentro dos processos industriais, ou seja, a casa devia ser produto da indústria por isso é uma máquina, deve ser produzida em série³⁶, e a série pressupõe uma igualdade no fazer, há um limite no fazer da máquina. Ao mesmo tempo, nos países industrializados da primeira metade do século XX, apareciam outros produtos que se acoplavam as casas por meio da energia elétrica, os eletrodomésticos com seus pequenos motores, como sugere em suas pesquisas Bill Bryson, neste momento a casa se torna um complexo receptor de tecnologias. De fato, ela se torna máquina.

O consumo da eletricidade também foi retardado pela depressão econômica da década de 1890. Mas por fim a iluminação elétrica demonstrou ser irresistível. Era limpa, estável, de fácil manutenção e disponível instantaneamente, em quantidades infinitas, ao simples toque de um interruptor. A iluminação a gás havia levado meio século para se estabelecer, mas a elétrica se generalizou muito mais depressa. Ao chegar o ano de 1900, pelo menos nas cidades, a iluminação elétrica cada vez mais era a norma – e, inevitavelmente, surgiram os eletrodomésticos: o ventilador elétrico em 1891, o aspirador de pó em 1901, a máquina de lavar e o ferro elétrico em 1909, a torradeira em 1910, a geladeira e a máquina de lavar louça em 1918. Nessa época já havia cerca de cinquenta eletrodomésticos razoavelmente comuns. Os aparelhos elétricos entraram na moda de tal maneira que os fabricantes passaram a produzir todos os tipos possíveis e imagináveis, desde ferros para enrolar o cabelo até um descascador de batatas (BRYSON, 2011, p.154).

³⁶ Le Corbusier dedica um capítulo inteiro denominado “Casas em Série” em “Por uma Arquitetura”, mais precisamente da página 159 à 188. E conclui ao final do livro “Arquitetura ou revolução. Podemos evitar a revolução.” (LE CORBUSIER, 2014, p.205). Esta revolução se trata do estado de guerra, Walter Gropius, foi mais claro ao estabelecer um marco no período referente a Primeira Guerra Mundial: “após a brutal interrupção, todo indivíduo pensante sentia necessidade de uma mudança intelectual de linha” (GROPIUS, 2015, p.30).

Ainda sobre a máquina de morar, para além da funcionalidade por trás dos dispositivos que mudaram a sociedade a qual Marshall McLuhan observa: “o que o século XIX delegara a servos e empregadas, agora executamos nós mesmos. Este princípio se aplica *in toto* na era da eletricidade” (MCLUHAN, 2007, p.54); Le Corbusier pretendia preservar as medidas do homem, elas tinham relação direta com a arquitetura proposta. Não por acaso, desenvolveu um sistema de medidas nomeado por Modulor, com o propósito que servisse a unificar os sistemas de medidas metro e polegada, na busca por uma padronização das medidas utilizadas pelos projetistas, facilitando assim, a padronização e a industrialização dos elementos construtivos.

O Modulor é uma medida organizada com base na matemática e na escala humana; é constituída por uma dupla série de números, a vermelha, e a azul. Assim sendo, bastaria uma tabela de números? Não! É então que desejo incansavelmente explicar o ponto de vista que coloco na própria base da invenção. O metro não passa de um número, não tendo existência física: centímetro, decímetro, metro são apenas denominações de um sistema decimal [...] os números do Modulor são medidas. Isso significa que são fatos em si, tendo uma corporalidade; são o resultado de uma escolha entre uma infinidade de valores. Essas medidas, além do mais, dizem respeito aos números e contêm as suas virtudes. Mas os objetos a construir, cujas dimensões serão determinadas por elas, são, de todos os modos, contedores ou prolongamentos do ser humano³⁷ (LE CORBUSIER, 2010, p.81).

Então podemos dizer que a máquina de morar pressupunha uma qualidade no habitar. Este conceito de qualidade abarca o contexto social, o econômico, o cultural e o tecnológico; se trata de uma complexa rede que procura manter aspectos antropométricos diante das transformações incipientes do meio ambiente. Portanto a habitação se torna um elemento imunizador, não mais um simples refúgio, ela preserva o ser da vida nervosa na metrópole, ela representa uma medida. Entretanto, a ideia por trás do Modulor corbusiano se tornou puro devaneio. Coube ao alemão Walter Gropius e sua nova arquitetura estabelecer a habitação mínima para o cenário do pós-guerra. Se destaca ainda o manual prático de Ernest Neufert, publicado em 1936 com recomendações dimensionais necessários ao projeto arquitetônico.

[...] na nova arquitetura constituíam se em normalização tipificação padronização e planejamento da construção em que a redução progressiva do número de elementos padronizados espaços elementos aparelhos seria uma forma de socialização da vida das massas tento dessa ótica noção de beleza arquitetônica perde todo o sentido e Com Ela as regras clássicas da composição arquitetônica a nova arquitetura seria regida por aspectos técnicos práticos é funcionais de sua atividade abandonado toda referência dos aspectos estéticos (BOERI, 2004, p.26).

³⁷ “uma máquina ou um móvel, um jornal, são todos prolongamentos de gestos humanos...” (LE CORBUSIER, 2010, p.81). O Modulor consiste num sistema de medidas concebido por Le Corbusier entre 1943 em 1950, assente nas dimensões do corpo humano e na matemática.

A este processo de converter o mundo em manual, ao menos na arquitetura, se convém chamar de racionalização da construção, com estudo em busca do mínimo, devido a relação entre área construída e custo da unidade. “As bases sociológicas da habitação mínima para a população das cidades industriais” (GROPIUS, 2015, p.143) é um capítulo essencialmente otimista de nossa história, considerando que a época social do futuro, com o direito social, estava por vir. Le Corbusier pontua, antes de explicar o Modulor que “a vida para os seres humanos não é enciclopédica, mas pessoal [...] Trata-se do contrário da estante de uma biblioteca enciclopédica, onde os volumes detentores da sabedoria são elegantemente dispostos” (LE CORBUSIER, 2010, p.14).

Abri uma porta opaca, pesada, que rangia, e entramos num espaço soturno, desordenado (era o que eles chamavam de “apartamento”). Vimos aquele mesmo instrumento musical estranho, a que chamam “real”, e ouvimos sua música selvagem, desorganizada e insana como era então – uma mistura absurda de cores e formas. Um plano branco acima de paredes escuras; livros da antiguidade com lombadas vermelhas, verdes, laranjas; candelabros de bronze e uma estátua de Buda; móveis com linhas distorcidas pela epilepsia de coisas que não entram em equação alguma (ZAMIÁTIN, 2017, p.41).

Diante deste cenário, considerando a fala do arquiteto do século XX, Le Corbusier, influenciador direto da arquitetura moderna brasileira e seu respectivo ensino, que avançou no conceito da casa como uma “máquina de morar”, pode-se pensar, hipoteticamente, que o conceito da casa fluxo em rede emergirá de uma ideia antiga, próxima da aldeia, uma máquina de trabalhar e dormir, o retorno da supremacia dos ambientes coletivos. Não há como negar o artificial na nova arquitetura, principalmente se ela é produzida em escala e feita toda ao mesmo tempo como, por exemplo, a construção da cidade de Brasília, no Distrito Federal, na década de 1950. Essa perspectiva leva a considerar o conjunto das modificações e alterações introduzidas no contexto urbano como modelo a ser seguido. Na mesma medida em que o homem passou a ser auxiliar da máquina, o operário; surge também, aquele que sabe projetar, construir e manter as máquinas, o engenheiro. As formas de vida surgem, cada uma a sua maneira, como observa Lúcio Costa:

Morei nos subúrbios da cidade, nos quartos sublocados e nas favelas onde o operário vive. Segui-o, muito cedo, na caminhada à estação; no trem apinhado, no ‘caradura’; presenciei a chamada, ao reinício do trabalho interrompido na véspera. Vi como ele come, sentado na calçada da fábrica ou encostado ao andaime, o almoço requentado. Depois, à tarde, ainda o ‘caradura’, o trem apinhado, a caminhada e por fim, de novo, o quarto sublocado ou, lá em cima, a favela. É o que se convencionou chamar o ‘dia de oito horas’. Trabalha a vida toda – ganha apenas para sobreviver (COSTA, 2018, p. 82).

Lúcio Costa inclusive observa o mesmo fenômeno que McLuhan, a máquina de morar no Brasil também é interpretada como repositório de tecnologias que impactam nas relações socioeconômicas e destaca a diferença entre o cenário europeu e o brasileiro:

Dois fatores fundamentais, ambos originários do século XIX, condicionaram a natureza das transformações por que passaram entre nós, nesta primeira metade do século, tanto o programa da habitação, quanto a técnica construtiva e a expressão decorrente dela.

O primeiro, de alcance limitado ao país e conquanto de consequências imediatas para a vida rural, de efeito lento, embora progressivo, na economia doméstica citadina: a abolição.

A *máquina brasileira de morar*, ao tempo da colônia e do império, dependia dessa mistura de coisa, de bicho e de gente, que era o escravo. Se os casarões remanescentes do tempo antigo parecem inabitáveis devido ao desconforto, é porque o negro está ausente. Era ele que fazia a casa funcionar – havia negro para tudo, desde negrinhos sempre a mão para recados, até negra velha, babá. O negro era esgoto; era água corrente no quarto, quente e fria; era interruptor de luz e botão de campainha, o negro tapava goteira e subia vidraça pesada; era lavador automático, abanava que nem ventilador.

Mesmo depois de abolida a escravidão, os vínculos da dependência e os hábitos cômodos da vida patriarcal de tão vil fundamento perduraram, e, durante a primeira fase republicana, o custo baixo da mão de obra doméstica ainda permitiu à burguesia manter, mesmo sem escravos oficiais, o trem fácil de vida do período anterior, tanto mais assim porquanto, além da água encanada, era então iniciada aqui a exploração dos serviços de utilidade pública – *City Improvements, Compagnie du Gaz, Light & Power* – capazes de tornar menos rude a faxina caseira. Só mais tarde, com o primeiro pós-guerra, a pressão econômica e a consequente valorização do trabalho despertaram nas ‘domésticas’ a consciência da sua relativa libertação, iniciando-se então a fase da *rebeldia*, caracterizada pelas ‘exigências absurdas’ (mais de 100 mil réis!) e pela petulância no trato ao invés da primitiva humildade (COSTA, 2018, p.160).

Mesmo hoje, nesta terceira década do segundo milênio, ao menos no Brasil, em São Paulo, condomínios residenciais e comerciais em pré-lançamento insistem na manutenção do quarto de empregado(a). O que mudou, ao menos no fazer da arquitetura, é o lugar do humano, o indivíduo do espaço privado deu lugar a uma missão social onde a intimidade se desloca para o geral, para a multiplicidade, isto era a ideologia modernizante.

Quando arquiteto quer reformá-las de acordo com suas ideias, ele constrói o “novo” morador para si mesmo. Com tais experiências, comprova para si próprio, por meio de vários exemplos do dia a dia, que a vida do operário se tornaria muito mais proletária do que antes, caso elas se transformassem em regra. De qualquer forma, para compreender isso ao olhar as plantas e as moradias em exposição, é preciso utilizar a fantasia, que busca seu conteúdo no conhecimento da vida operária, isto é, da própria pobreza. isso parece então um oásis de bem-estar “para o bem dos pobres” (LISSITZKY, 2019, p.173-174).

Os objetos que se acoplavam à rede elétrica por meio de *plugs* transformaram a sociedade na medida em que funcionavam. Se o trabalho que gerava renda estava fora, em outro lugar, ainda permanecia uma série de atividades a executar dentro do lar, desde a manutenção dos ambientes e rouparia higienizados até a preparação do alimento, entre outros pormenores como fazer a barba ou cuidar do cabelo. A arquitetura se debruça sobre a simplificação das tarefas domésticas, necessária diante da lógica industrial de eficiência, a cozinha tornou-se o elemento essencial de estudo doméstico, com critérios que poderiam ser aplicados posteriormente a tudo que existe em uma habitação, desde a forma dos ambientes e mobiliário, até diagramas de circulação e localização dos equipamentos, do ponto de vista do conforto e facilidade de manutenção. A cozinha, importante na habitação moderna não só por agregar grande parte dos serviços, mas também por ser um dos ambientes de maior custo da habitação, ao longo das décadas, aos poucos, foi engolida pelo fluxo informacional na medida em que não precisamos mais nos deslocar para que ela chegue até nós, temos as telas na palma de nossa mão, que através de seus aplicativos *on demand*, como *iFood* ou *Uber Eats*, faz por nós.

A Exposição Internacional de 1939 apresenta pela primeira vez ao mundo a televisão. Interrompida pela Segunda Guerra Mundial, a exposição do novo aparelho de uso doméstico reaparece em 1950. Como fato histórico do período de Guerra Fria, destacamos que em junho de 1959, a Exposição Nacional Soviética chega à cidade de Nova York. O ponto central da exposição era o Sputnik, o satélite soviético que entrara em órbita ao redor da Terra em 1957, mas o que também despertou a atenção dos visitantes foi a casa-modelo russa. Em 24 de julho de 1959, o então vice-presidente norte-americano Richard Nixon foi à Moscou apresentar a exposição dos Estados Unidos da América à Nikita Khrushchev. O evento tornou-se conhecido pelo diálogo registrado pela imprensa enquanto os dois estavam em frente ao modelo de cozinha americana. A cena ficou conhecida como “Debate da Cozinha”, e ganharia status de disputa geopolítica, conforme reportagem publicada na BBC³⁸. Mas, este evento também mostrou a televisão à cores, e entendemos que, se num primeiro momento os eletrodomésticos se conectaram as casas e provocaram uma fissura significativa em todo o sistema de organização

³⁸ [...] os dois homens caminhavam pela exposição comercial americana no Parque Sokolniki, em Moscou, antes da abertura. Eles pararam em frente a uma cozinha norte-americana que exibia os mais recentes aparelhos - máquinas de lavar, torradeiras e centrífugas para fazer suco de frutas. Khrushchev diante das exposições disse: Vocês, americanos, esperam que o povo soviético fique surpreso. Não é assim. Temos todas essas coisas em nossos novos apartamentos. O Sr. Nixon respondeu: Não pretendemos surpreender o povo soviético. Esperamos mostrar o nosso direito de escolha. Não queremos que decisões tomadas no topo, por funcionários do governo, afirmem que todas as casas devem ser construídas da mesma maneira ³⁸ (Tradução do autor. Disponível em http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/july/24/newsid_2779000/2779551.stm. Acesso em 26 de agosto de 2019).

social, todo o sistema televisivo pressupunha um projeto, um modelo que visava definir uma ordem sociopolítica deslocalizada, universal para as massas de trabalhadores que passaram a ter tempo livre em casa.

O aparecimento da televisão em 1950, no Brasil, marca o início da ruptura definitiva entre a produção de cultura a nível popular e a capacidade de divulgá-la aproveitando os meios cada vez mais sofisticados da tecnologia da comunicação (TINHORÃO, 2014, p.207).

Segundo esse autor (ibid., diante do rádio, que permite aos curiosos a construção de seus próprios aparelhos receptores, a televisão apresentou uma barreira tecnológica nesse sentido, além disso, gera uma expectativa econômica e social por parte dos telespectadores propensos a afastar progressivamente dos vídeos a representatividade popular que havia no rádio. Entretanto, essa seleção não foi imediata, só se estabeleceu a partir de 1960, quando apareceram os filmes cinematográficos na estruturação básica da programação das televisões, fazendo predominar os chamados em “enlatados”, ou seja, os documentários, seriados, shows, todos produzidos no exterior. No início da televisão, todos os programas eram produzidos ao vivo.

Ainda segundo Tinhorão (ibid.), para ver os artistas sem sair de casa, e animados por essa possibilidade nova de um “cinema à domicílio”, apenas no primeiro ano do surgimento da TV no Brasil, três mil paulistanos compraram um aparelho de televisão importado dos Estados Unidos, número que já no ano seguinte passaria para sete mil unidades, ou seja, sua base instalada nos lares dobra de tamanho. Além disso, diante do alto custo dos aparelhos, tomando por base a renda da maioria das famílias da classe média, possuir um aparelho de televisão passou a constituir um indicador de boa condição financeira. Elza Berquó (1998, p.448) enfatiza que, em 1960, apenas 4,61% dos domicílios brasileiros possuíam TV, e o número cresce para 71% trinta anos depois. O salto significativo ocorreu nos anos de 1970, muito provavelmente devido ao evento da Copa do Mundo de futebol.

Um anúncio publicado pela primeira agência especializada em produção de anúncios para a televisão no matutino *O Jornal*, porém, já apontava em seu texto, no próprio dia da inauguração da TV Tupi do Rio, a diferença que haveria finalmente de separar o rádio da TV. O anúncio lembrava que, se o rádio era ideal para vender produtos populares, era a televisão que estava vendendo, nos Estados Unidos, automóveis e apartamentos (TINHORÃO, 2014, p.238).

Abre-se então, na máquina de morar, uma nova janela para ver o mundo. Os assentos da família burguesa, que outrora estavam ao redor do fogo, já são dispostos da mesma maneira ao redor da tela da televisão.

[...] a conquista do fogo separava definitivamente o homem do animal, mas talvez não se tenha percebido que o espírito, em seu destino primitivo, com sua poesia e sua ciência, formou-se na meditação do fogo. O *homo faber* é o homem das superfícies, seu espírito fixa-se em alguns objetos familiares, em algumas formas geométricas grosseiras. Para ele, a esfera não tem centro, realiza simplesmente o gesto arredondado que solidariza o oco das mãos. O *homem sonhador* diante da lareira é, ao contrário, o homem das profundezas e o homem de um devir. (BACHELARD, 2008, p.83).

A lareira é um símbolo burguês da separação entre o fogo destinado ao prazer do fogo destinado à preparação de alimentos. Como observa Pallasmaa (2017), a lareira deixou de ser um artefato relacionado a pele para se tornar um meio de prazer visual, poderíamos falar que o fogo frio da casa moderna perdeu sua essência metafísica e se tornou um produto funcionalizado e mercantilizado.

Janelas são os olhos frágeis da casa, que observam o mundo e inspecionam os visitantes. Os olhos da casa pré-selecionam e pré-visualizam a paisagem para os olhos humanos. O mundo visto através de uma janela é um mundo domesticado e controlado. A vista de uma janela possui um significado específico já atribuído. A casa oferece proteção ao sonhador, mas são as janelas que lhe permitem sonhar. (PALLASMAA, 2017, p.103)

Figura 1 – Em 1960 a televisão começa a ocupar o ambiente doméstico



Década de 1960. Revista Acropole, jul. 1967, ano 29, número 340. Disponível em <http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/340>. Acesso em 29 de julho de 2019.

Ao mesmo tempo que a TV se popularizava, segundo Gérard Vincent (1992, p.618), nos anos 1960, época do conflito Estados Unidos da América e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, militares americanos se debruçaram sobre o problema das comunicações, na hipótese de centros de comando serem destruídos no caso de nova guerra. A internet nasceu dessa preocupação. Nos anos 1980, essa nova rede se torna um instrumento de comunicação universitária. Em 1992 abre-se para o grande público e as sociedades comerciais, o computador é realidade nas casas, *Windows* é o nome do sistema operacional da Microsoft.

Ao final do século XX há várias dezenas de milhões de usuários que consultam informações em forma de textos, fotos, sequências curtas de vídeos e sons. O correio eletrônico, o *e-mail*, permitiu escrever e responder mensagens através da tela, ao passo que uma carta levava dias para chegar ao destinatário. A participação em grupos de discussão, *chats*, permitia conhecer pessoas de outros países favorecendo assim o cruzamento de círculos sociais, ao mesmo tempo as mais próximas relações de vizinhança se esvaíam. Encomendar um produto e receber em casa, dispor de um lugar pessoal nesse espaço virtual, compartilhar textos e músicas com outros usuários, buscar por um parceiro(a) ideal. Estávamos, naquele final de século, às vésperas da nova tecnologia incipiente, a miniaturização das telas, que se faz presente no nosso cotidiano. “É como se assistíssemos finalmente à vitória de Hermes, o deus do movimento e do comércio na Grécia antiga, sobre Héstia, a deusa do lar, enraizada num lugar fixo, a lareira dos ancestrais (WISNIK, 2018, p.71).

À mobilidade física das pessoas que portam esses dispositivos, computadores potentes, cada vez mais miniaturizados, soma-se à mobilidade da informação nas arquiteturas líquidas do ciberespaço. Este e o espaço físico se misturam de tal forma que, as antigas dicotomias entre mundo real e mundo virtual, metaforicamente apresentadas no filme *Matrix*, desapareceram do horizonte sem deixar rastros.

Mas a próxima etapa dos impactos da comunicação está prometida pela internet das coisas, a robótica evolutiva e a computação vestível. Não por acaso, na filosofia está emergindo uma nova tendência denominada Realismo especulativo ou também chamada de ontologia orientada ao objeto (OOO) que está sinalizando a necessidade inescapável de se rever radicalmente nossas maneiras de conceber o mundo das coisas. Estas passarão a se comunicar entre si e conosco, como se fossem seres vivos (SANTAELLA, 2017, p. 21).

Ainda incipientes, as tecnologias que se comunicam entre si, ao menos neste momento, não estão disponíveis para a maioria da população. Muito recentemente, ao final do ano de 2019, foram lançados ao mercado assistentes caseiros, *Google Home* e *Amazon Alexa*, que se comunicam, em certa medida, com alguns equipamentos muito específicos, como câmeras de vigilância e lâmpadas dotadas de sensores. Através da voz, é possível iniciar a assistência.

Como vimos, a máquina de morar era estreitamente ligada aos processos industriais, pelo seu caráter global e ao progresso técnico científico, ou mais precisamente à ideia de uma técnica guiada pelas ideias e modelos científicos. Le Corbusier vislumbrava as casas em série como modelos produzidos pela indústria para solução do problema habitacional de grandes cidades com intuito de preservar os vazios espaciais³⁹. Considerando espaço como “aquilo que não se vê através do buraco da fechadura, nem através da porta aberta. Espaço não existe apenas para os olhos não é um quadro; queremos viver dentro dele” (LISSITZKY, 2019, p.136). Naquele momento, era a casa que demarcava a posição do indivíduo. A casa, era ao mesmo tempo, seu ponto de fixação e sua referência de estabilidade no mundo.

Para o indivíduo, o espaço público não é muito mais que uma tela gigante em que as ações privadas são projetadas sem cessar, sem deixarem de ser privadas ou adquirirem novas qualidades coletivas no processo da ampliação: o espaço público é onde se faz a confissão dos segredos e intimidades privadas. Os indivíduos retornam de suas excursões diárias ao espaço “público” reforçados em sua individualidade *de jure* e tranquilizados de que o modo solitário como levam sua vida é o mesmo de todos os outros “indivíduos como ele”, enquanto – também como eles – dão seus próprios tropeços e sofrem suas (talvez transitórias) derrotas no processo (BAUMAN, 2001, p.54).

Podemos dizer ainda que, dois objetos constituíam dois centros de interesse da casa moderna, a televisão e o fogão. Enquanto o rádio não necessita de espaço, pode ser ouvido ao longe, a tela da TV demanda uma qualidade espacial. Prevaleceram as telas, que alteravam o convívio familiar, na medida em que uma série de ações e objetos se modificaram para atender a demanda de ver cinema em casa, e depois, em qualquer lugar. As conversas diante do fogo cessaram diante da tela. Os sofás ficaram mais confortáveis para que todos no ambiente assistissem as imagens de televisão em silêncio, e depois, cada um no seu espaço de dormir. A sala de visitas se torna sala de estar, e a televisão associada ao computador, solapou a organização habitações com base na jornada de trabalho de oito horas diárias.

A mídia digital não oferece apenas uma janela para o assistir pacífico, mas sim também portas através das quais passamos informações produzidas por nós mesmos. *Windows* são janelas com portas, que se comunicam com outras *Windows* sem espaços ou instâncias intermediárias. Por meio de *Windows* não lançamos um olhar apenas a um espaço público, mas sim a outras *Windows*. Nisso as mídias digitais se distinguem das mídias de massa como o rádio e a televisão (HAN, 2018, p.36-37).

³⁹ “Exijam o vazio” (LE CORBUSIER, 2014, p.85). Esse vazio corbusiano, para nós, se refere ao espaço, ora de contemplação ora de comunicação dos ambientes, algo entre as ressignificações habitativas do morar.

Neste momento, onde o sujeito parece buscar por um lazer íntimo e ser exposto midiaticamente, essa superexposição, se traduz no espaço construído, em superposição de funções que induz a programas de necessidades com uma maior compartimentação, diminuindo assim, ao menos hipoteticamente, a dimensão dos compartimentos.

A sociedade da transparência é, ademais, uma sociedade na qual tudo está exposto. Nessa sociedade exposta, cada sujeito é seu próprio objeto de propaganda. Tudo é medido em seu valor de exposição, desaparecendo todo e qualquer valor cultural que não consista no ser-exposto, mas no ser-aí, na existência (HAN, 2017, p.209).

Para Han, é através da conexão permanente das pessoas à internet que, por meio das telas e pela presença de modos de trabalho flexíveis (de casa ou em deslocamento), domestica os antigos momentos de ócio e de lazer com atividades supostamente produtivas, matando o tédio criativo com a ansiosa e troca de informações. Por esse motivo, vivemos um momento de importante quebra de paradigmas, em que os valores de alteridade e de negatividade são substituídos por valores de uma positividade homogeneizadora, a forma de vida contemporânea.

Neste primeiro momento, buscamos traçar um breve mapa desse patrimônio, e tentar esclarecer uma forma de vida estabelecida por um modelo adequado a uma ideia de mundo. Cada forma (dispositivo ou metrópole), cada situação planejada e realizada pela inteligência factiva do homem, é uma janela que revela ou deforma a realidade. Atualmente, quando o poderio tecnológico tomou conta do ambiente global, a fim de ser manipulado como o material da arte, a natureza do lugar desapareceu. Nesse sentido, onde a produção de um espaço altera a realidade humana, cabe destacar como um dos aspectos discutidos por Heidegger, no seu texto *Construir, Habitar, Pensar*, considerando que ao construir linguagem o homem produz o habitar, e este, abre sempre uma nova perspectiva de mundo. Dentro destas possibilidades, sempre plásticas, encontra-se o pensar.

Não percamos de vista o nosso objetivo: harmonizar o fluxo da produção em todo o mundo. Estes produtos serão prefabricados à escala mundial. Trata-se de um grande acontecimento histórico, que está prestes a ocorrer.

Normalizar, significa correr o risco do arbitrário, tendo como contrapartida uma libertação extraordinária dos métodos de produção econômica. Tem ainda outras vantagens: evitar o erro avassalador das normalizações realizadas com um esforço mínimo, das normalizações por concessões recíprocas; a promessa, comprovada, de ser sempre harmonioso, diverso, elegante, em vez de banal, monótono e sem graça; e ainda reduzir, os problemas criados por medidas inconciliáveis, baseadas ora no metro, ora no pé-polegada (LE CORBUSIER, 2010, p.129).

CAPÍTULO 2 – A VIDA NERVOSA

Nos programas de entrevistas, palavras e frases se referem a experiências consideradas íntimas e, portanto, inadequadas como tema de conversa são pronunciadas em público – para aprovação, divertimento e aplausos universais. Pela mesma razão, os programas de entrevistas, legitimam o discurso público sobre questões privadas. Tornam o indizível dizível, o vergonhoso, decente e transformam o feio segredo em questão de orgulho (BAUMAN 2001, p.89).

O que está ocorrendo não é simplesmente outra renegociação da fronteira notoriamente móvel entre o privado e o público. O que parece estar em jogo é uma redefinição da esfera pública como um palco em que dramas privados são encenados, publicamente expostos e assistidos. A definição corrente de “interesse público”, promovido pela mídia é amplamente aceita por quase todos os setores da sociedade, é o dever de ensinar tais dramas em público e o direito do público de assistir à encenação (BAUMAN 2001, p.90-91)

O ensaio publicado em 1903, do sociólogo alemão Georg Simmel (2013, p. 312), “As grandes cidades e a vida do espírito”, interpreta o ambiente urbano como avassalador, onde “o fundamento psicológico sobre o qual se eleva o tipo das individualidades da cidade grande é a intensificação da vida nervosa”. O que exacerba a “vida nervosa” é o bombardeamento incessante de estímulos, que se alteram rapidamente e que se condensam em seus antagonismos, o que hoje podemos considerar como os conteúdos que se apresentam no fluxo informacional, que circulam em todos os âmbitos da vida. Simmel está numa Berlim transformada em capital política, econômica e cultural do império alemão, vivenciando com já milhões de habitantes o processo de industrialização crescente, o comércio e exposições mundiais de produtos, obras públicas para meios de transporte em massa ou individualizados, centros de encontros, núcleos de informações impressas como jornais e revistas ilustradas, entre outros, e também as condições de moradias precárias de aluguel. Berlim era uma massa de barro em constante experimentação, pouco resistente à perda de tradições, que se expressa, por exemplo, na massiva demolição das edificações mais antigas, assim como ocorreu na Paris do Barão de Haussmann, conforme citamos no capítulo anterior.

Na medida em que a cidade grande cria precisamente essas condições psicológicas – a cada saída à rua, com a velocidade e as variedades da vida econômica, profissional e social –, ela propicia, já nos fundamentos sensíveis da vida anímica, no *quantum* da consciência que ela nos exige em virtude de nossa organização como seres que operam distinções, uma oposição profunda com relação à cidade pequena e à vida no campo, com o ritmo mais lento e habitual, que corre de maneira mais uniforme, de sua imagem sensível-espiritual de vida. (SIMMEL, 2013, p. 312-313)

Considerando que o espírito moderno se torna, cada vez mais, um espírito contábil, Simmel trata de estabelecer que a vida no campo trata de relações pautadas pelo sentimento, no ritmo dos fenômenos. Já o habitante da cidade grande, envolto em milhares de modificações individuais, cria um órgão protetor contra o desenraizamento, algo como as imunizações propostas, e sempre presentes, nos escritos de Sloterdijk e Han diante do digital, contemporaneamente.

As grandes cidades sempre foram o lugar da economia monetária porque a multiplicidade e a concentração de troca econômica dão ao meio de troca uma importância que não existiria na rarefação da circulação de troca do campo. Mas a economia monetária e o domínio do entendimento estão conectados profundamente. É-lhes comum a pura objetividade no tratamento de homens e coisas, na qual uma justiça formal frequentemente se liga a uma dureza brutal.” (SIMMEL, 2013, p. 313-314)

Mediante a essência contábil do dinheiro, chegou-se, na relação dos elementos da vida, a uma precisão, a uma segurança na determinação de igualdades e desigualdades, a uma univocidade nos acordos e combinações, tal como a difusão propícia dos relógios de bolso, mais tarde os de pulso, e recentemente, o próprio telefone móvel.

A pontualidade, a contabilidade, a exatidão, que coagem a complicações e extensões da vida na cidade grande, estão não somente no nexos mais íntimo com seu caráter intelectualístico e econômico-monetário, mas também precisam tingir os conteúdos da vida e facilitar a exclusão daqueles impulsos e características irracionais, instintivos e soberanos, que pretendem determinara a partir de si o modo de vida, em vez de recebê-lo de fora como uma forma universal, definida esquematicamente (SIMMEL, 2013, p. 316).

Se por um lado, Simmel (ibid., p. 327) observa que a vida se torna mais fácil, na medida em que estímulos, interesses, preenchimentos do tempo e da consciência, lhe oferecem de todos os lados e a sugam em uma corrente na qual ela praticamente prescinde de todo movimento para nadar. Por outro lado, a vida compõe-se cada vez mais desses conteúdos e programas impessoais, que pretendem recalcar as colorações verdadeiramente impessoais. Nesta grande cidade simmeliana, o grupo doméstico desaparece porque se torna ser urbano sem fazer a cidade em que vive e mora. Ao contrário, ela é produzida por uma organização de coisas e poderes. Assim, a metrópole, fenômeno da formação social moderna por excelência, tem pouca coesão interna e limites indefinidos, abrindo-se a infinitas conexões com o espaço exterior.

Uma das tecnologias incipientes no morar são os assistentes pessoais. Por meio da rede, têm acesso a uma infinidade de informações do espaço urbano. Uma de suas aplicações permite que, ao perguntarmos ao assistente por um endereço, automaticamente ele nos fornece um mapa no telefone móvel com todas as opções de trajeto, seja a pé, de bicicleta, de carro ou de transporte público; são “trânsitos eletrônicos”, como denomina Massimo Di Felice (2009, p. 167).

Fizemos uma experiência de deslocamento através do aplicativo *Google Maps* utilizando o sistema de transporte público, metrô e ônibus, na cidade de São Paulo. Este registro, ora descritivo, ora analítico, realizou-se no dia 28 de outubro de 2019, no período da tarde sem nenhum agravante meteorológico desde o início do dia, tínhamos como destino à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, campus Monte Alegre, localizada à 5,8km de distância do meu ponto inicial, indicação do próprio aplicativo.

Antes de iniciar o relato, destacamos que utilizar o transporte público de superfície da cidade de São Paulo pressupõe conhecimento da (des)organização do sistema diante da complexidade de variáveis a enfrentar. Numa metrópole com 465 anos e milhões de habitantes, consolidada sobre antigas trilhas indígenas, e com raros casos de intervenções viárias bem-sucedidas, se avaliadas sob a perspectiva do tempo dos deslocamentos, num primeiro olhar, a tarefa do aplicativo em estimar um horário de chegada ao destino, mesmo num trajeto curto, parecia absurda. A questão voltou-se para um jogo de aposta: quanto ele irá errar? Quem habita São Paulo sabe: uma breve garoa desencadeia uma série de eventos que impactam o deslocamento dos usuários de transporte público. Condições climáticas, fogem ao controle do homem, portanto, se há chuva prevista, saia muito mais cedo. Entretanto, há casos curiosos controlados pelo homem, como os horários de saída dos ônibus dos terminais. Basta um período curto de observação para perceber os atrasos em condições normais, mesmo considerando os 30 minutos de tolerância como indicado nos informes da prefeitura colados, e deteriorados, nos pontos: são ônibus da mesma linha que chegam e saem ao mesmo tempo, existem paradas superiores ao tempo de tolerância; para citar apenas dois exemplos sob os olhares de homens com pranchetas, “supervisores de linha”, sempre atentos as planilhas. Há algo misterioso, sem previsibilidade, que se passa entre as determinações horárias, ou entre os dois pontos que marcam nosso percurso.

Um utilizador iniciante, ao observar as indicações coloridas das linhas e dos tempos estimados nas paradas dos diversos ônibus que circulam pela metrópole, perceberá rapidamente que não há rigor em relação ao tempo. E talvez, durante a espera, se pergunte: as cores atribuídas aos ônibus que passaram por mim tem significado? O aplicativo *Google Maps* busca prever o

tempo do deslocamento pretendido e, se utiliza da mesma escala cromática para representar os ônibus de linha que devemos embarcar, mas a intenção é deslocar o olhar do horizonte para a tela. A expectativa de chegada do ônibus está agora na tela, assim como o relógio de bolso simmeliano.

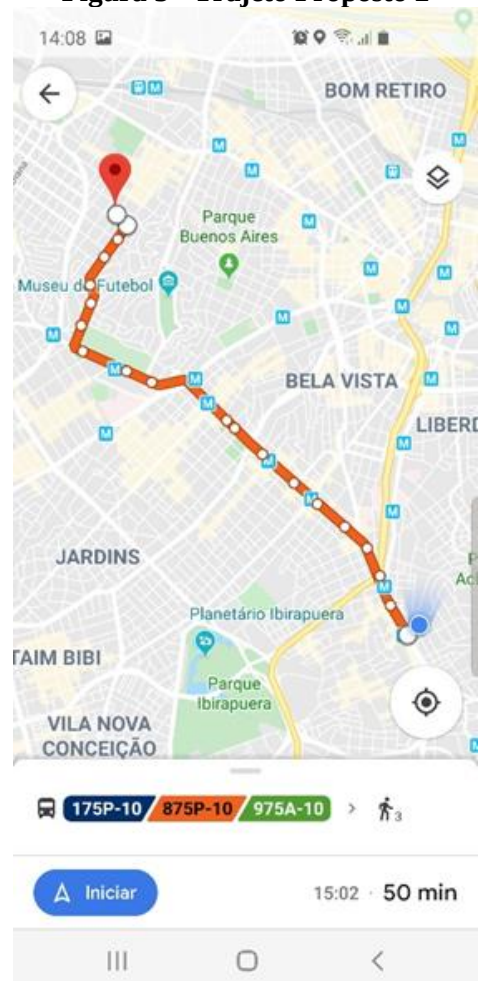
O compromisso estava previsto para 16:00 horas, portanto iniciamos a primeira experiência com o aplicativo às 14:00 horas. Ele sabe onde estamos. Automaticamente define a posição no mapa e, após definirmos o local de destino, traça uma série de rotas a partir de “transporte público”. Cabe a escolha entre 37 minutos e 50 minutos, sendo a primeira utilizando metrô e ônibus, e a segunda, utilizando só ônibus. O que, no dia, significava escolher entre tomar um café, ou subir correndo quatro andares até o departamento de Semiótica. Optamos pela primeira opção, 37 minutos, substituímos o café por um sorvete e uma água, o termômetro marcava 35°C. Não sairemos agora.

Figura 2 - Trajeto Proposto 1



Fonte: *Print Screen* elaborado pelo autor no sistema operacional Android.

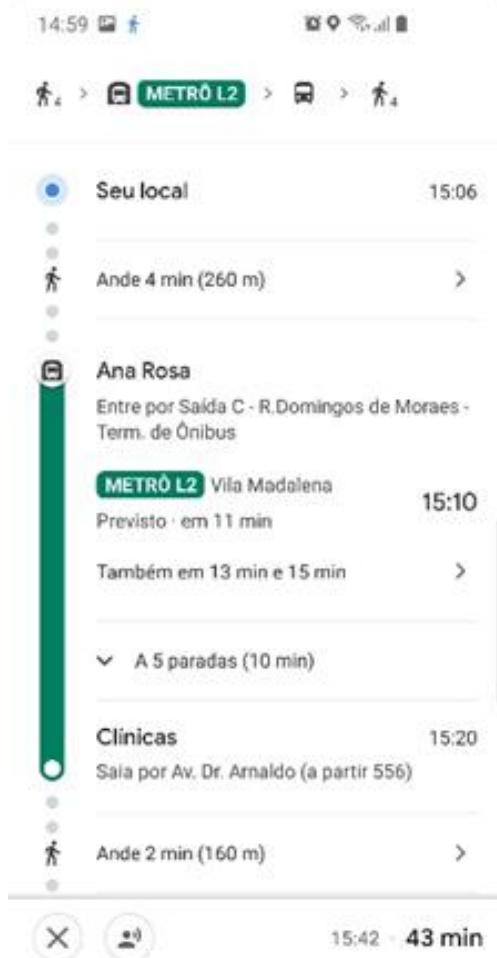
Figura 3 - Trajeto Proposto 2



Fonte: *Print Screen* elaborado pelo autor no sistema operacional Android.

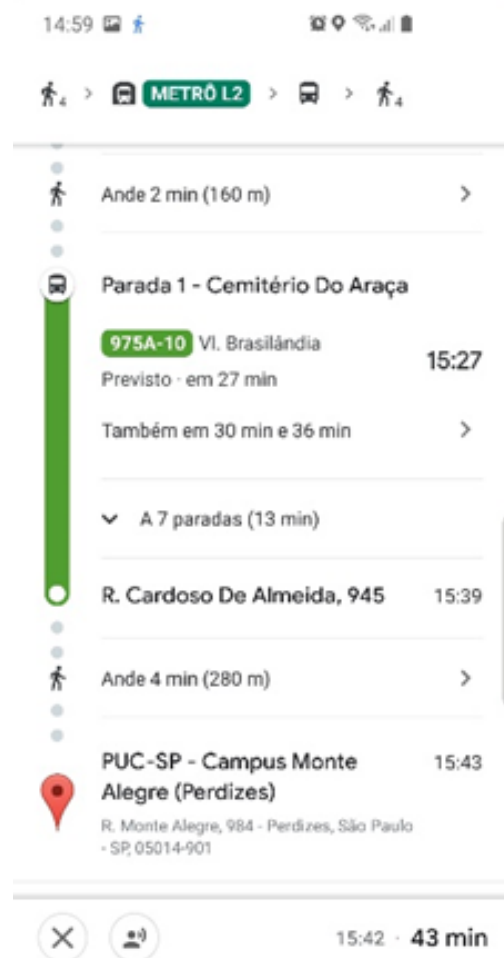
Conferimos o trajeto novamente antes de partir, há caminhadas e os percalços do caminho, não haverá orientação verbal, não nos comunicaremos com ninguém. Horário de chegada previsto 15:43 horas, sendo previsto pelo Google Maps: 4 minutos de caminhada até a estação Ana Rosa do Metrô, 10 minutos entre embarque e desembarque no Metrô, 2 minutos de caminhada até o ponto de ônibus próximo a estação Clínicas do Metrô, 12 minutos entre embarque e desembarque da linha 975A-10 (Passam outras linhas neste ponto. Por que indicar apenas esta?) e, por último, 4 minutos de caminhada até a PUC-SP.

Figura 4 - Itinerário detalhado parte 1 de 2



Fonte: *Print Screen* elaborado pelo autor no sistema operacional Android.

Figura 5- Itinerário detalhado parte 2 de 2



Fonte: *Print Screen* elaborado pelo autor no sistema operacional Android.

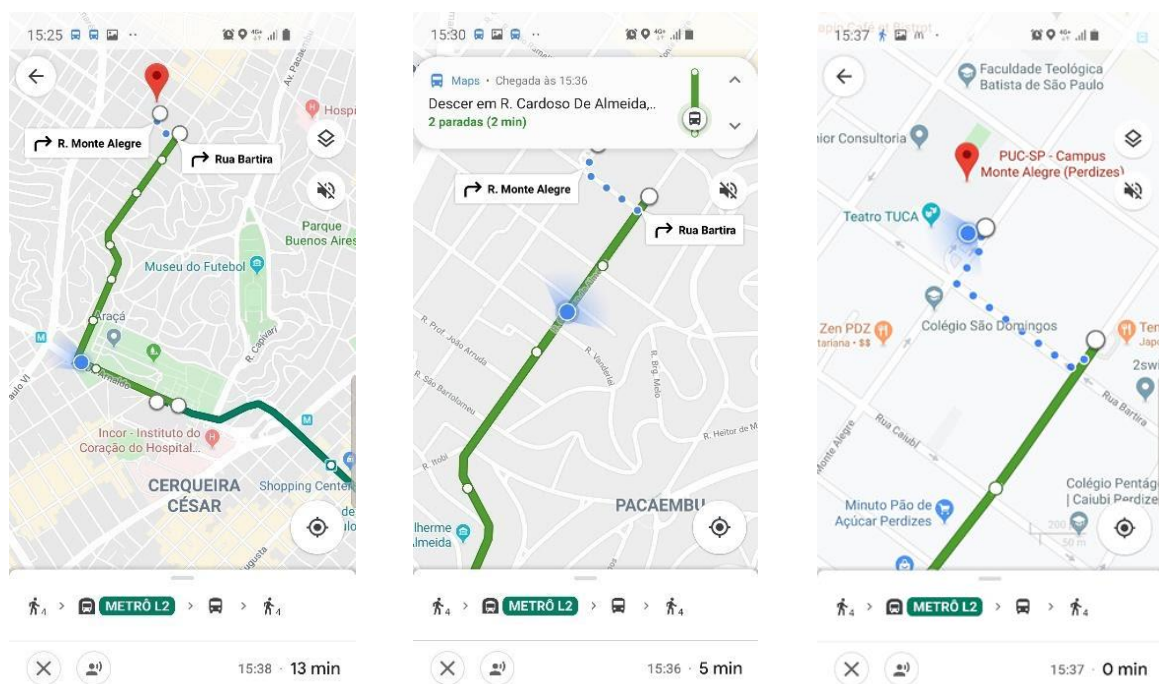
15:04 horas já estávamos dentro do vagão, aparentemente o aplicativo superestimou o tempo de percurso do trajeto. Eram 14:59 horas quando ele estimou que a saída de casa seria 15:06 horas. Curioso... Próximo da estação Clínicas aparece um aviso na tela: Desça! Não houve sinal sonoro.

15:14 horas subimos as escadas rolantes rumo a superfície. 6 minutos adiantados em relação a estimativa inicial. Quantos minutos de caminhada até o ponto do ônibus? Serão os 2 minutos previstos. Não! Quiçá 1 minuto. Resta saber se a linha indicada corresponde ao veículo mais próximo diante da estimativa. Haverá controle tão rigoroso sobre os veículos?

15:15 horas contamos quantas pessoas estão à espera de transporte público de superfície num calor de mais de 35°. Os pontos de ônibus não têm bancos para todos e têm cobertura de vidro. Quem sabe para quem são feitos? Publicidade talvez. 5 pessoas estão a esperar um ônibus, todas em busca de sombra atrás de um poste de energia elétrica. 2 são idosos, e são as únicas pessoas sem um celular na mão. 15:20 horas somos 7 pessoas a esperar um ônibus.

15:22 horas entramos no ônibus da linha 875P-10. Onde estará o 975A-10? Não esperamos para ver se ele estaria lá 15:27 horas. Passamos a catraca. Não há lugar para nos sentar, a não ser os bancos reservados para idosos revestidos com material vinílico na cor amarela. Somos 25 passageiros do lado de cá da catraca. 3 leem livros. 2 leem revistas. 4 estão com seus celulares, nenhum olha para a tela, ouvem algo através dos fones e olham para fora como os demais. Não há conversa entre os passageiros. Registramos a tela ao longo da jornada, Rua Cardoso de Almeida, o aplicativo me informa quando descer. 2 minutos até o desembarque. Chegaremos em menos de 1 minuto. 15:30 horas.

Figura 6 - Trajeto de ônibus identificados os pontos de alerta do aplicativo



Fonte: Montagem elaborada pelo autor. *Print Screen* no sistema operacional Android.

15:30 horas tem início a caminhada rumo à PUC-SP. De Vila Mariana para Perdizes em 30 minutos. 30 minutos entre a cor laranja da zona oeste e a cor verde escuro da zona sudeste. Resta saber o horário de chegada ao marco final. Previsão 15:43 horas. Chegaremos antes, precisamente 15:35 horas. Compramos água numa banca de jornal em frente ao campus, elas ainda existem e vendem mais do que jornal. Fizemos o registro 2 minutos depois. Chegamos muitos minutos antes, dá para incluir o café nas atividades pré compromisso e organizar os apontamentos colhidos muito rapidamente no trajeto. Há tempo!

A partir do relato, podemos pensar que a condição pós-urbana da casa que ocupamos, tem início nos anos 2000, marcados por mudanças tecnológicas que transformaram os modelos de interação entre nós e as máquinas, reinventando os sujeitos e intensificando os controles por meio digital. As telas passam a administrar tanto nosso trabalho, quanto nossos relacionamentos. E dada a dependência crescente que criamos em relação a essas telas, com seus sistemas e aplicativos, que carregam todo histórico de dados (contatos, mensagens, fotos) Nos vemos enredados na necessidade constante de atualização contínua, sem a qual somos excluídos tanto da esfera da comunicação, quanto da esfera da gestão prática de nossas necessidades cotidianas.

2. 1 Era uma vez o streaming

O advento das novas tecnologias não implica diretamente na morte de uma mídia. Os discos de vinil, o rádio e o cinema são provas vivas que elas sobrevivem, que parte delas reconfiguram-se em um novo paradigma. Nas décadas de 1940 e 1950, o rádio era o principal meio de comunicação. O vinil, até 30 anos atrás, era uma referência para quem queria ouvir música em casa e o cinema já teve um status maior, perdendo espaço hoje para *streaming* em plataformas da *Amazon*, da *Netflix*, entre outras marcas, que disputam esse território do entretenimento que já foi primazia do cinema.

À medida que o ciberespaço amplia a esfera das interações sociais, torna-se ainda mais importante poder falar sobre as pessoas que conhecemos através da mídia do que sobre pessoas de nossa comunidade local, que não são conhecidas por todos os participantes de uma conversa on-line. Nesse espaço entram as figuras complexas, muitas vezes contraditórias, que aparecem nos reality shows (JENKINS, 2008, p.122).

É inegável que novos equipamentos constituem novos hábitos e negociações nas interfaces. Basta lembrar como você ficava sabendo de uma nova música há dez anos. E agora na segunda década deste século, plataformas como *Spotify* te sugerem *playlists* diárias a partir do monitoramento do que você ouviu na última semana. Isso sem falar nos *podcasts*, que são

programas de rádio que reconfiguraram a mídia e caíram no gosto dos nativos digitais, nascidos a partir de meados da década de 1990. Portanto, temos a primeira rodada de experiência com esta nova forma de linguagem mediada por telas, impactando a forma que estabelecemos a relação com o outro, condicionando as relações sociais através destas alterações de linguagem que interferem na exposição do eu, e nos processos de individualização. Quais os diferentes impactos disso? Para Han “o liso é a marca do presente (...) O liso não quebra. Também não opõe resistência. Ele exige likes. O objeto liso extingue seus contrários” (2019, p.07), busca a experiência que conforta.

Ao nos debruçarmos sobre “Era uma vez...em Hollywood”, filme lançado em 2019 pelo diretor de cinema Quentin Tarantino, iluminaremos a relação entre os aspectos da vida cotidiana contemporânea e as respectivas modificações de grupos sociais geracionais e suas reterritorializações. Essa “dialética dos corpos” (urbanos e humanos) assevera que, antes de ser opositiva, “a operação de compreensão do corpo no espaço, ou de espaços nos corpos, descortina um continuum, uma relação de conflitos e afetos, afastamentos e reterritorializações” (AUGÉ, 2004, p.59). Podemos dizer que “Era uma vez...em Hollywood” é tudo menos confortável.

“É preciso que cada um se afirme na posição singular que ocupa; a faça viver, que a articule com outros processos de singularização e que resista a todos os empreendimentos de nivelação de subjetividade” (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p.50). Mas como estabelecer movimentos divergentes, se o capitalismo já se instala no âmago do ser e se apropria do tempo? O amor de Tarantino pelo cinema faz com que seu nono longa nos faça refletir sobre essa aceleração que o fluxo carrega, mas também traz uma releitura esperançosa no caso do assassinato de Sharon Tate, pois para o diretor, ela continua a alegre vizinha em Cielo Drive de Rick Dalton.

As redes sociais são a principal fonte de vínculo diário de conversação, de contato; das pessoas, do entretenimento, do consumo, ou seja, de toda uma vida diária mediada por telas. Por outro lado, acontecem também desencontros de forma massiva, porque se trata de um tipo deformado de linguagem, simplificada e horizontal, principalmente, porque o “meu” tempo, não é o tempo do “outro”. Portanto, a interpretação proposta para o longa-metragem de Quentin Tarantino, se propõe a identificar como a geração Z tem impactado as outras gerações nas relações sociais e na comunicação de massa, principalmente na indústria do entretenimento diante dessa nova forma de linguagem, que estabelece um novo paradigma de tempo, e suas respectivas distorções com os meios propagadores de mensagem, que Segundo Han (2017), essa supercomunicação seria uma ficção ininterrupta no visor, que compensa o vazio da “tela

de focagem”, um “cenário forçado”, que procura compensar a falta de ser com excesso de positividade.

Esse cenário novo, de consumo de mídia individualizado, é o retrato de pessoas expectadoras que se relacionam mais com telas e produtos sob medida, do que com outros expectadores. Nesse sentido, os meios de comunicação da indústria do entretenimento são parte do espetáculo, não o próprio espetáculo, que depende da nossa criação, do nosso trabalho num tempo 24x7 ininterruptos. Esta sociedade do espetáculo tem livro, tem música, tem cinema, tem show, tem televisão, tem videogame, tem rede social, tem uma infinidade de imagens em movimento porque nós as criamos a partir da expectativa das imagens, principalmente entre a geração Z, totalmente instagramável, que adora experienciar espaços recriados a partir de referências das telas, reconfigurando o real como, por exemplo, um shopping-center de uma grande cidade reproduzir o cenário do velho Oeste de “Era um vez em ... Hollywood” para fotos a bel prazer dos transeuntes.

O espetáculo é a ideologia por excelência, porque expõe e manifesta em sua plenitude a essência de todo o sistema ideológico: o empobrecimento, a sujeição e a negação da vida real. O espetáculo é, materialmente, a expressão da separação e do afastamento entre o homem e o homem. (DEBORD, 1997, p. 138)

A tecnologia está tão entranhada no cotidiano, sobretudo dos grandes centros urbanos, que a mera falta de energia ou de conexão com a rede configuram-se em situações de caos. O trabalho, o lazer, as tarefas rotineiras, todas estão permeadas por algum tipo de tecnologia e, mais recentemente, de algum tipo de conexão. Na visão de Kelly (2017), o entrelaçamento das vidas das pessoas, de artefatos e mentes em âmbito global é o maior impacto nesse cenário.

Como tantos outros fenômenos, o entretenimento começou no século XVIII, porque é primeiramente no século XVIII que surgiu a diferença entre trabalho e tempo livre. A nobreza não precisa de entretenimento porque ela não realiza nenhum trabalho regrado. Ocupações dos nobres como concertos ou peças de teatro estariam “mais para atividades comunais do que para entretenimento. Nenhum trabalho regrado significa: nenhum tempo livre (HAN, 2019, p. 257).

Portanto, pertencer aos padrões sociais ganha relevância, criando círculos que previamente julgam os outros por um *ranking* de visibilidades (os *hippies* retratados por Tarantino, por exemplo), trazendo múltiplas vozes que têm lugar na internet e, em especial, nas redes sociais digitais, pois externalizam a personalidade individual de seus usuários. As falas e discursos são livremente propagados em rede, sem controle ou convenção.

Nesse mundo de mudanças confusas e incontroladas, as pessoas tendem a reagrupar-se em torno de identidades primárias: religiosas, étnicas, territoriais, nacionais. O fundamentalismo religioso, cristão, islâmico, judeu, hindu e até budista (o que parece uma contradição de termos) provavelmente é a maior força de segurança pessoal e mobilização coletiva nestes tempos conturbados. (CASTELLS, 1999, p.41)

Segundo pesquisa original da *MindMiners* no Brasil, a geração Z (nascidos entre 1995 e 2010) apesar de terem alguns aspectos em comum com a geração Y (nascidos entre 1981 e 1994), estão longe de ser iguais à geração que os antecede. A geração Z demonstra diferenças de comportamento marcantes por ter crescido durante períodos de depressão econômica, do medo da violência e com uma criação bastante diferente. De maneira geral, são conectados, mas solitários; confiantes, mas preocupados; mimados, mas estressados. O primeiro encontro geracional entre X e Z no filme, acontece num *set* de filmagem *western*, em típico espaço de entrada, avarandado neste caso, para os antigos salões de convivência comunitária. Rick Dalton (Leonardo de DiCaprio), ator obsoleto dentro do sistema criado pela indústria do cinema, se aproxima de Trudi (Julia Butters), atriz infantil de dez anos que estuda o roteiro da próxima cena entre eles. Num primeiro momento, ela não dá atenção a Rick, ator de meia idade em crise existencial, em virtude do declínio do cinema hollywoodiano. Na cena, Trudi, de atitude sempre indiferente, não o reconhece de imediato, o reconhecimento se dá por meio das personagens interpretadas por Dalton na tela. Byung-Chul Han, em entrevista ao jornal *El País* de Barcelona, ressalta que “sem a presença do outro, a comunicação degenera em um intercâmbio de informação: as relações são substituídas pelas conexões, e assim só se conecta com o igual; a comunicação digital é somente visual, perdemos todos os sentidos; vivemos uma fase em que a comunicação está debilitada como nunca: a comunicação global e dos *likes* só tolera os mais iguais; o igual não dói! (GELI, 2018).

a geração Z já nasceu com celulares e outros dispositivos nas mãos. Por isso, é considerada a primeira geração de nativos digitais de verdade. (...) Televisão e rádio não fazem mais parte de suas vidas. Estão 100% do dia conectados, ouvindo música online, assistindo vídeos no YouTube e vídeos na Netflix. (...) São *heavy users* de redes sociais – e, talvez por isso, os que mais sentem solidão, inveja e ansiedade com as postagens de vidas perfeitas que veem por lá (MINDMINERS, 2018, slide 11).

A polarização retratada nesta ficção, entre a geração X, vivenciada por Leonardo DiCaprio e Brad Pitt, como atores e dublês de meia idade tentando dar conta da velocidade informacional da geração Z, e o grupo de *hippies*, que em algumas cenas parecem zumbis saídos do seriado *The Walking Dead*, exibido pela FOX Brasil a partir de 2010 até o presente, reforça ainda mais um fosso entre as gerações que só vem aumentando com a tecnologia.

A política generalizada da transparência consiste em fazer desaparecer totalmente a alteridade, condenando tudo à luz do igual; alcança a transparência justamente pela eliminação do outro. A violência da transparência se manifesta, portanto, no nivelamento do outro em igual, como eliminação da alteridade. Ela é i-gualitadora. Por isso, a política da transparência é uma ditadura do igual (HAN, 2017, p. 204).

“A indústria do cinema está mudando por causa do *streaming*, o que abre caminho para novas vozes. Mas e a experiência comunal do cinema como fica?” (MORISAWA, 2019), questiona o ator Brad Pitt em entrevista para a revista brasileira Cláudia. Esta análise, sobretudo, está centrada na aparente nostalgia e no declínio do cinema frente às novas telas atomizadas, individuais como, por exemplo, os serviços de streaming da *Netflix*, e é aí onde reside a curiosa percepção de mundo atual, apresentada na caracterização da geração vindoura.

De acordo com a consultoria McKinsey, o mercado de comércio eletrônico por assinatura tem crescido mais de 100% ao ano nos Estados Unidos. Para se ter uma ideia desse mercado, o centro de distribuição da *Amazon* conta com mais de 100 milhões de assinantes do serviço *Prime*, nos EUA, segundo noticiou reportagem de capa da revista Exame (COHEN; SERRANO, 2019).

Para Jenkins, 1999 foi o ano que mudou o mercado de filmes.

A revista Entertainment Weekly proclamou em 1999 o ano em que Matrix, Clube da Luta (Fight Club), A Bruxa de Blair (Blair Witch Project), Quero Ser John Malcovich (Being John Malcovich), Corra, Lola, Corra, Vamos Nessa (Go), Beleza Americana (American Beauty) e O Sexto Sentido (The Sixth Sense) chegaram ao mercado, o “ano que mudou o mercado de filmes”. Frequentadores de cinema acostumados a mídias não-lineares, como videogames, estavam à espera de um tipo diferente de experiência de entretenimento. Se analisados por critérios antigos, esses filmes podem parecer mais fragmentados, mas os fragmentos existem para que os consumidores possam fazer as conexões em seu próprio ritmo e à sua própria maneira (JENKINS, 2008, p.165).

O notório avanço do consumo de entretenimento da geração Z sobre o cinema, ficou mais evidente depois que Roma, dirigido, roteirizado e produzido por Alfonso Cuarón ganhou o Oscar 2019 de melhor filme estrangeiro, sendo produzido e exibido exclusivamente pela plataforma *Netflix*, que em relatório dedicado aos investidores, publicado em 17 de janeiro de 2019 (NETFLIX, 2019), aponta um jogo de videogame, *Fortnite* (disponível para dispositivos fixos e móveis), como seu principal concorrente, desconsiderando o cinema e outros competidores no mesmo segmento, como Amazon Prime, HBO Go, Disney +, entre outros. Neste mesmo relatório, destaca ainda que, quando o YouTube cai globalmente, mesmo que seja por alguns minutos como aconteceu em outubro de 2018, suas visualizações e inscrições aumentam nesse mesmo período de inoperância da plataforma. Ou seja, nesse cenário

diversificado, de consumo de mídia individualizado, é preciso produzir o conteúdo esperado pela sua audiência, assim como faz a plataforma de vídeos da Google.

Na questão da retropia, a utopia do passado, como nacionalismos exacerbados ou costumes antigos como mostrou Bauman em seu último livro:

Num território povoado por tribos, lados conflitantes evitam e desistem de persuadir (...). Para deixar as coisas como estão e evitar infortúnios, membros de tribos diferentes se trancam num discurso circular de superioridade/inferioridade não de um para o outro, mas para além do outro (BAUMAN, 2019, p. 52).

Em “Era uma vez...em Hollywood”, Tarantino, aos 56 anos e típico representante da geração X, volta-se para a América do Norte em uma Los Angeles que não existe mais, onde Hollywood tenta se reinventar depois da chegada do *streaming*, modelo de negócio que está colocando em xeque o modelo industrial estabelecido por Hollywood, principalmente porque, depois da música, agora é a vez do cinema se reinventar, ou reagir, exemplificado pela cena onde Rick Dalton (Leonardo DiCaprio), cobrador de recompensas do velho oeste, sequestra Trudi (Julia Butters) para extorquir dinheiro de seu pai. Esta Trudi, que parece eficientemente robotizada desde a primeira cena em que contracenava com Rick, e que o enxergava com certa indiferença, nesta outra, do sequestro, vê no improviso de DiCaprio a melhor atuação que já viu em toda a sua vida de uma década, reconhecendo que a geração X, representada por um ator que perde espaço na glamourosa Hollywood decadente, e que esquece o texto com certa frequência, tem valor na experiência vivida, uma história a contar e a ensinar às novas gerações.

O que caracteriza essa nova forma de linguagem a partir do fluxo informacional, em primeiro lugar, há a alteração primária no tempo da linguagem, comparando os diálogos face a face, com as conversações através das redes digitais. Em segundo lugar, existe uma redução significativa dos aspectos prosódicos da conversação, como o tom de voz e as expressões faciais. Em terceiro lugar, a linguagem do fluxo nos vende um modelo do que é estar com outro, ao mesmo tempo que não é estar com o outro. O *unfollow* (em português, deixar de seguir) torna-se termômetro de um comportamento geracional, ou seja, você se desconecta de tudo que está fora de sua bolha, e obviamente isso tem efeitos colaterais, criando um mundo onde a velocidade do clique é mais importante do que o contexto de espaço e tempo.

Este processo do fácil desconectar ou conectar num clique, nos torna espectadores de uma complexa rede de vigilância que não necessita câmeras instaladas ou aparelhos do IBOPE. Disseca nossos dados e comportamentos, podendo antecipar e induzir desejos de compras ou, endereçar mensagens de cunho político, tal como dissemos no Capítulo 1, envolvendo

manipulações de dados do *Facebook* pela empresa de marketing *Cambridge Analytica*. Para ilustrar melhor esta complexidade e perda de equilíbrio, retomaremos o espaço da casa que encolheu de maneira significativa.

A respeito do “capital produtor de moradias”, Villaça afirma que “em qualquer caso, ele desenvolve uma ideologia (a venda de um novo estilo de vida, mais moderno e seguro) em torno da ‘nova’ forma de morar” (2005, p.184). E uma nova forma de morar surge a partir do discurso colaborativo das redes. É uma apropriação do mercado financeiro sobre o estoque de moradia em vacância, que já havia sido engolido pelo aplicativo *Airbnb* (onde o proprietário do imóvel o coloca a disposição de viajantes, intermediado pelo aplicativo). Um desses lugares que oferecem o serviço é site *Housi*, onde o serviço de moradia vira *on demand*, como na TV à cabo e os serviços de streaming.

Figura 7 – Propaganda para investidores em moradia *on demand*



Fonte: *Print Screen* elaborado pelo autor no sistema operacional Windows 10.

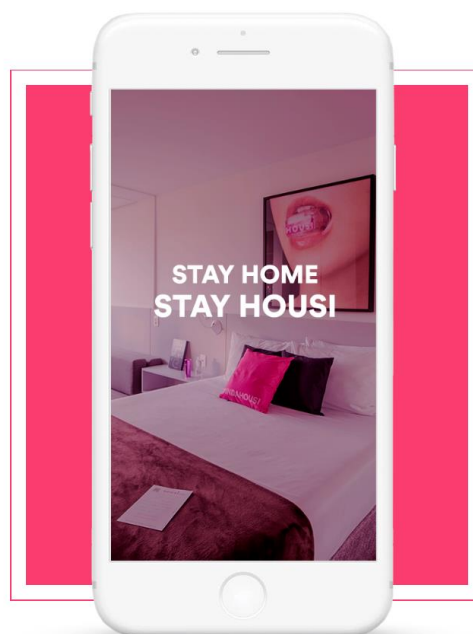
Disponível em <https://morar.housi.com.br/pt/>. Acesso em: 28 de setembro de 2019.

Além da todos os desdobramentos sobre o habitar, essa forma de morar no fluxo informacional mata a experiência comunal dos condomínios, assim como ocorreu com as salas de cinema. Fecha-se uma porta e todos os problemas do viver são deixados para fora, em outro lugar. Se coloca como parte do entretenimento, para parte da população que tem acesso as telas. A partir delas podemos solicitar comida em inúmeros restaurantes, fazer compras no supermercado ou assistir algum programa sobre cozinheiros em ação. A facilidade ao conteúdo é instantânea. A *Housi* inclusive oferece diversos serviços através de startups parceiras para quem optar por plugar sua casa no serviço. Em 28 de setembro de 2019, 277 imóveis estavam a disposição dos usuários, com preços entre R\$105,40/noite e \$245,00/noite.

Figura 8 - Serviço de casa por assinatura

SOMOS UMA PLATAFORMA DE MORADIA ON DEMAND

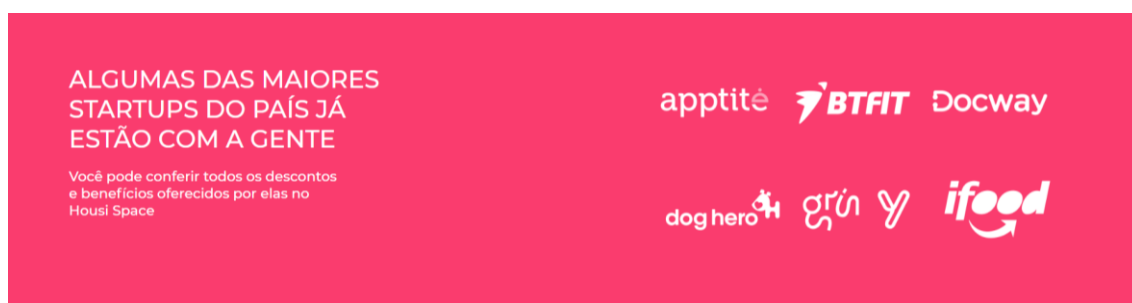
100% DIGITAL
E SEM BUROCRACIA



Fonte: *Print Screen* elaborado pelo autor no sistema operacional Windows 10.

Disponível em <https://morar.housi.com.br/pt/>. Acesso em: 28 de setembro de 2019.

Figura 9 - Serviços associados a startups parceiras



Fonte: *Print Screen* elaborado pelo autor no sistema operacional Windows 10.

Disponível em <https://morar.housi.com.br/pt/>. Acesso em: 28 de setembro de 2019.

Disponível, por enquanto, apenas em São Paulo, as ofertas de imóveis para este fim, se concentravam na região da avenida Paulista (com 87 unidades ofertadas) e na região da avenida Ibirapuera (com 99 unidades ofertadas). A especulação imobiliária se transformou em uma ferramenta econômica poderosa, os metros quadrados precários ofertados pela *Housi* por preços a partir de três salários mínimos ao mês, começarão em breve a determinar comportamentos sociais, pela falta de possibilidades. O morar virou o empacotar e empilhar a espacialidade em endereços dotados de infraestrutura. O movimento de desconstrução da casa começa pela cozinha.

O futuro do fluxo informacional nos possibilita terceirizar até nossa alimentação. Na perspectiva artística apresenta pela *Housi*, como oferta de imóvel disponível, podemos identificar apenas uma pequena pia para lavagem de louças e um refrigerador pequeno. A construtora que oferece a *Housi* como serviço é a *Vitacon*, notória em São Paulo por oferecer imóveis de até dez metros quadrados, na zona oeste da cidade. O projeto prevê na área de uso comum, uma cozinha comunitária para os residentes temporários.

Figura 10 - Perspectiva artística da casa on demand



Fonte: *Print Screen* elaborado pelo autor no sistema operacional Windows 10.

Disponível em <https://morar.housi.com.br/pt/>. Acesso em: 28 de setembro de 2019.

Por inércia, estendi a mão (um instrumento) até a prateleira da estante de livros para colocar o jornal de hoje junto com os demais, dentro de uma pasta com capa dourada. E enquanto fazia este gesto: “Mas para quê? Que diferença faz? Se para cá, para este quarto, eu nunca mais... (ZAMIÁTIN, 2017, p.216).

2.2 O ambiente “instagramável”

Percebemos há algum tempo que o mais fiel retrato do sujeito seja a selfie (o autorretrato feito com a câmera do smartfone). Assim, se considerarmos esse sujeito como turista, que chega em bando a algum lugar desejado, voltando-se nesse momento para trás para que sua foto o retrate tendo o lugar turístico em questão como plano de fundo.

[...] subproduto da circulação das mercadorias, o turismo, circulação humana como consumo, resume-se fundamentalmente no lazer de ir ver o que se tornou banal...A mesma modernização que retirou da viagem o tempo, lhe retirou também a realidade do espaço.” (DEBORD, p.112)

Mas seu olhar não está aterrorizado com a ruínas e traumas do passado. O que ele vê é uma lente, espelho de si mesmo, que o posiciona como protagonista do presente emoldurado pela tela. Não por acaso, estandes de venda de imóveis e móveis, transformam seus espaços em instagramáveis. Segundo Debord em 1967, a representação ilusória do não vivido, deve produzir a vida privada como realidade distinta e sua reconquista posterior pelo consumo social das imagens, recortar todo o real de acordo com seu modelo. O espetáculo é materialmente a expressão da separação e do afastamento entre o homem e o homem. É o estágio supremo de uma expansão que fez com que a necessidade de oponha à vida. Um olhar sobre *Flickr*, *Pinterest* ou *Instagram*, na contramão da propaganda programada, são fotografias que, ao mesmo tempo que eliminam a sequência narrativa, intentam um parecer ter algo.

Ao mesmo tempo que nos locomovemos cada vez mais por meio de aplicativos com GPS que monitoram o trânsito, a presença de radares e de vistorias policiais, transformando as cidades, esses monstros informes em algo permanentemente mapeado e acessível numa linguagem palatável.

[...] quando os *drives* de disquetes, de CD, e até mesmo as portas USB foram desaparecendo para que as informações contidas nos computadores se transmitissem apenas via WiFi para as chamadas nuvens, em consonância com o nomadismo da vida contemporânea, segundo o qual precisamos acessar conteúdos de qualquer lugar. Trata-se de uma filosofia, ou de um estilo de vida, impulsionado pela evolução tecnológica e por imperativos de consumo e de concentração de poder [...] (WISNIK, 2018, p. 107).

A vida privada não é uma realidade natural, dada desde a origem dos tempos: é uma realidade histórica, construída de diversas maneiras por sociedades determinadas. Assim, a história da vida privada começa pela história de suas fronteiras. Conforme já mencionado no Capítulo 1, o apartamento ou a casa burguesa se caracterizam por uma nítida diferença entre as salas para as visitas e os demais aposentos. De um lado, o que a família mostra de si, o que pode vir a público, o que ela julga apresentável; de outro, o que ela conserva ao abrigo de olhares estranhos. Segundo FERRARI e FERNANDES (2014, p. 10)

Não existe mais o ON-line e o OFF-line, tudo que puder ser digital será. A TV, a geladeira, o telefone, os negócios, o entretenimento, alguns relacionamentos, o aprendizado”, diz Abel Reis, presidente e COO da agência Click Isobar. No atual século XXI as sociedades confrontam –se com transformações aceleradas, desencadeadas pelo desenvolvimento científico e técnico, pela mundialização e pela sociedade da informação. Acreditamos, como nos ensina o escritor Mia Couto, que todos sabemos o que é um rio. No entanto, essa definição é quase sempre redutora e falsa. Nenhum rio é apenas um curso de água, esgotável sob o prisma da hidrologia. Um rio é uma entidade vasta e múltipla. Compreende as margens, as áreas de inundação, as zonas de captação, a flora, a fauna, as relações ecológicas, os espíritos, as lendas, as histórias. É uma rede de entidades vivas, um assunto mais da Biologia que da Engenharia. Habitados a olhar as coisas como engenheiros, esquecemos que estamos perante um organismo que nasce, respira e vive de trocas com a vizinhança (FERRARI; FERNANDES, 2014, p.10).

O foco deste capítulo é mostrar o Youtube como TV, um organismo vivo e mutante, um lugar, em constante construção, é aquilo que temos; não há nada além dele. Nada mais instagramável do que o *YouTube*, onde os agentes permanecem ao limite produzindo conteúdo para a plataforma num tempo 24/7. Seus horizontes e limites são produzidos e disputados por nós mesmos. Coletivamente as pessoas se reconhecem na reflexividade, no relato e na produção de saberes, não poderemos ignorar a produção incipiente, do setor de construção civil, em apartamentos com espacialidade precária. Acreditamos que com a chegada da mídia social, o conviver mudou. Inicia-se a partir da ação enquanto fluxo de intervenções causais reais ou intencionais no contínuo processo de eventos no mundo. Se focalizássemos conceitualmente a questão do fenômeno a partir do lugar, teríamos de reconhecer que não são as pessoas que possuem os ambientes. Pode-se argumentar que o mundo do lugar também é uma construção; em contra-argumento, entretanto, seria necessário reconhecer que a polissemia de sua forma-em-ação expande e não reduz a reflexividade. Há, sim, um complexo de ligações e relações de colaboração, solidariedade, contradição, disputa e de conflito presente na discussão sobre a sala.

A gente não percebe isso no dia a dia, mas o suporte não importa mais, o hardware não importa mais. Se usarmos um computador pessoal, notebook, palm, celular ou uma geladeira inteligente, o importante é ter a informação ao alcance das mãos, ou seja, onde você precisa, na hora que você precisa. A era digital está invertendo o cenário da baixa capacidade de acesso (FERRARI, 2016, p.08).

2.3. O YouTube é TV

BigTech é o termo utilizado para designar uma empresa do ramo de tecnologia que tem significativa participação no mercado global. Segundo Evgeny Morozov (2018, p.147), “o mercado está dividido entre cinco grandes empresas de tecnologia: Apple, Google, Facebook, Microsoft e Amazon”. Nossa questão está centrada na *Google*, que é a empresa responsável pela plataforma *YouTube*, criada em 2005 num contexto positivista de participação e colaboração por meio de redes informatizadas. Hoje, porém, temos um visão crítica em relação a este grupo de empresas que propagandeava uma multiplicidade de ferramentas capazes de enfrentar o sistema: a *Uber* nos oferece serviços de transportes que se contrapõem ao setor existente dos táxis, entre outros em expansão como o transporte de alimentos; o *Airbnb* nos ajuda a encontrar acomodações e evitar o setor hoteleiro; a *Amazon* se encarrega de vender livros sem passar pelas livrarias; para não mencionar os incontáveis aplicativos que nos vendem vagas de estacionamento, nos arranjam parceiros sexuais, fazem reservas em restaurantes. Não resta quase nenhuma restrição social, econômica ou política que estas empresas não tenham se empenhado em romper.

No caso do *YouTube*, é a associação imediata da marca ao imaginário da televisão; a ruptura está em verbalizar que é a sua televisão: livre da grade de programação, com conteúdo produzido por qualquer pessoa e que pode ser monitorada, e avaliada, de acordo com a sua preferência. Será o *YouTube* diferente da televisão? Analisaremos a alteração em 2017 da logomarca, o que a *Google* apresenta como missão, valores e dados da plataforma, e observaremos o que a plataforma apresenta como indicação de conteúdos para visualização.

No agora eletrônico, indivíduos isolados, anônimos, mas presumivelmente bem informados, podem reunir-se sem o risco de violência ou infecção, engajando-se em debates, troca de informações ou meramente não fazendo nada.” IANNI faz uma referência ao livro *O Príncipe*, de Maquiavel, batizando o príncipe atual de “príncipe eletrônico”, verdadeiro arquiteto do *Ágora* eletrônico, “no qual todos estão representados, refletidos, defletidos ou figurados, sem o risco da convivência nem da experiência. Aí, as identidades, alteridades e diversidades não precisam desdobrar-se em desigualdades, tensões, contradições e transformações. Tudo se espetaculariza, de modo a criar e dissolver (...) tudo que for inquietante, problemático e aflitivo (FERRARI; FERNANDES, 2014, p.101).

2.4 O ser nômade

Morar em espaços diminutos, assistir séries e vídeos que ensinam a arrumar a casa ou dormir e cozinhar no mesmo espaço de dez metros quadrados parece não incomodar o ser conectado no fluxo informacional em que vivemos. Para Ferrari:

A informação não é um privilégio ou um luxo, mas uma necessidade. O processo de comunicação está relacionado de modo íntimo com o macromercado de seres humanos que precisam de informação e comunicação todos os dias, da mesma maneira que precisam do ar que respiram. A sociedade atual se move em torno das pessoas, das suas histórias, de seus costumes, das suas experiências de vida, enfim, da informação individualizada. E, também, mais recentemente em torno de dados. Interpretar e decodificar dados virou a grande pedra filosofal das primeiras décadas do século XXI (FERRARI, 2016, p. 05).

Para analisar esse consumo de plataformas de *streaming* iremos nos debruçar sobre o *YouTube*, que apareceu como depósito de vídeos digitais no ano de 2005, em formato WWW. Já em 2006, a *Google* comprou o *website* mas, só a partir de 2008, com o desenvolvimento de seu próprio sistema operacional para dispositivos móveis, denominado *Android*, é que o *YouTube* se transformou em aplicativo para telefones celulares do tipo *smart*. Para Clay Shirky, ao observar pesquisas acadêmicas e matérias jornalísticas norte-americanas datadas de 2006, as quais identificaram que alguns grupos de jovens estão vendo menos televisão do que os mais velhos, indicou que “populações jovens com acesso à mídia rápida e interativa afastam-se da mídia que pressupõe puro consumo” (2011, p.15); tal afirmação se baseia num olhar para as possibilidades da mídia em si, não para o aplicativo em questão, mas é interessante observar que, nesse dado momento, se olhava para a coisa em estágio embrionário como algo diferente e descolado do sistema que a gestava. O ponto relevante apontado por Shirky, se refere a outra pesquisa, contratada pelo *McDonald’s*, para aumentar as vendas de seus *milk-shakes*. Um dos pesquisadores contratados identificou, por observação da rotina das lojas visitadas, que “os consumidores matinais de *milk-shakes* eram claramente pessoas em trânsito” (2011, p. 17); sempre sozinhos, poucas vezes compraram outros produtos e nunca consumiam na loja.

Figura 11- Logomarcas do YouTube (acima em 2017 e abaixo em 2005)



Fonte: *Print Screen* elaborado pelo autor no sistema operacional Windows 10.

Em 2017, a Google anunciou a mudança da logomarca do YouTube. O padrão de cores branco, vermelho e preto não é alterado, mas a tela “retrô” da televisão se desloca para a esquerda e ganha um triângulo equilátero, símbolo mundialmente reconhecido como iniciar conteúdo de áudio ou vídeo. A tela da televisão virou botão de acionamento remoto aos mais diversos conteúdos, depois que a própria Google, em seu site destinado à imprensa, destacou que mais de 70% do tempo de exibição do YouTube vem de dispositivos móveis (YOUTUBE, s/da). O aplicativo, acionado em grande medida através de *smartphones*, já indica que a alteração se relaciona com mobilidade e portabilidade.

Ao olharmos para o Brasil, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, em relação ao acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal (BRASIL, 2017), os equipamentos mais utilizados são: em primeiro lugar o telefone móvel celular, que em 2016 corresponde à 94,6% dos domicílios e em 2017 corresponde à 97,0% dos domicílios; em segundo lugar o microcomputador, que em 2016 corresponde à 63,7% dos domicílios e em 2017 corresponde à 56,6% dos domicílios; em terceiro lugar a televisão, que em 2016 corresponde à 11,3% dos domicílios e em 2017 corresponde à 16,3% dos domicílios; e em quarto lugar o tablet, que em 2016 corresponde à 16,4% dos domicílios e em 2017 corresponde à 14,3% dos domicílios. Nesta mesma pesquisa do IBGE, assistir a vídeos, inclusive programas, séries e filmes, aponta que em 2016 corresponde à 74,6% dos domicílios e em 2017 corresponde à 81,8% dos domicílios, quanto a finalidade do acesso à internet. Conforme esta pesquisa nacional, o que se destaca é a quantidade apresentada de telefones móveis, as quedas de microcomputadores e tablets, e o aumento significativo de 5 pontos percentuais para a televisão. Mas o que mais impressiona, do ponto de vista da base instalada, ou seja, sistema operacional *Android*, é que 93,2% do mercado nacional é da Google (KANTAR, 2017), o que corrobora com matéria publicada em El País (ZURIARRAIN, 2017).

CAPÍTULO 3 - RESSIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO DE MORAR

O YouTube apresenta em seu *website* como missão “dar a todos uma voz e revelar o mundo”, e acredita que “todos têm o direito de expressar opiniões e que o mundo se torna melhor quando ouvimos, compartilhamos e nos unimos por meio das nossas histórias” (YOUTUBE, s/db). Sobre valores aponta quatro fundamentos: liberdade de expressão, direito à informação, direito à oportunidade e liberdade para pertencer. Destacamos algumas expressões extraídas dos textos de cada fundamento, disponíveis na mesma referência indicada acima: “expressar livremente”, “compartilhar opiniões”, “promover o diálogo aberto”, “acesso livre e fácil às informações e que o vídeo tem grande influência na educação”, “oportunidade de ser descobertos”, “montar um negócio” e “alcançar o sucesso”.

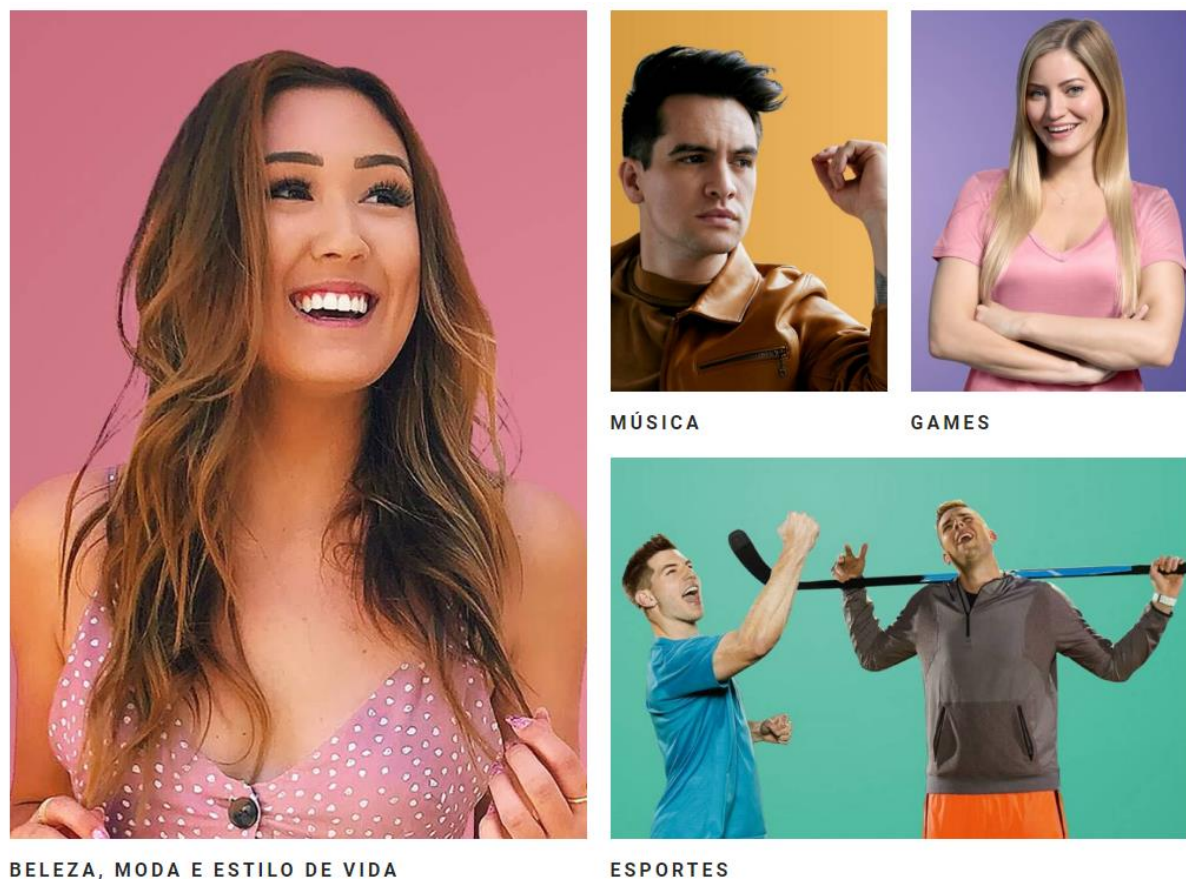
Em seu espaço dedicado à imprensa (YOUTUBE, s/d) a plataforma divulga que mais de 1,9 bilhão de usuários conectados ao *YouTube* acessam a plataforma todos os meses. Diariamente, as pessoas assistem mais de um bilhão de horas de vídeo e geram bilhões de visualizações. O YouTube lançou versões locais em mais de 91 países e podemos navegar em até 80 idiomas diferentes, o que abrange 95% dos usuários da internet. Ao olharmos o *YouTube*, em outra camada informacional, temos principalmente o sistema operacional da *Google*, o *Android*, que é um aplicativo pré-instalado nos aparelhos. Acordos comerciais entre atores globais, sejam eles fabricantes, comerciantes de dados, operadoras, anunciantes, entre outros, em princípio, não apresenta nenhuma novidade, mas a questão centrada na televisão e seus mecanismos de controle, nos faz pensar o tema não como algo novo, mas como um aperfeiçoamento tecnológico da televisão em si.

O elemento mais latente, ao primeiro olhar, é a escala da base de dados da *Google*. Entretanto, o resultado de um estudo acadêmico publicado por El País indica que “já se sabia que os celulares andam no limite das autorizações de uso na hora de colher e compartilhar dados. A novidade da função dos aplicativos pré-instalados está em sua extensão, falta de transparência e posição privilegiada dentro do celular” (COLOMÉ, 2019). O problema, sob o olhar destes pesquisadores, é que o *Android*, desenvolvido a partir de um código livre, criou um “ecossistema descontrolado”, ou seja, têm mais atores, além da *Google*, que possuem condições de coletar dados de bilhões de pessoas. São institutos de pesquisa em escala global.

3.1 Lineups do *Google Preferred* e algoritmos

Em seu espaço dedicado aos anunciantes, o *YouTube* reporta que “mais de um bilhão de pessoas usam o YouTube. Isso é quase um terço de toda a comunidade da Internet. Como o público jovem não costuma mais assistir TV, a única maneira de alcançá-lo é na Web” (YOUTUBE, s/dc). A comparação é sempre construída a partir da televisão, para exemplificar, apresenta que tem 25% mais alcance do que todas as redes de TV à cabo. No mesmo local, informa que estão aprimorando o *Google Preferred* para refletir os hábitos de visualização em constante mudança e ajudar os anunciantes a se conectarem com esses espectadores. Esse mapeamento de hábitos é feito por algoritmo, *P-Score*, que “analisa a popularidade e a paixão dos espectadores por conteúdo específicos”, como a quantidade de repetidas visualizações e a frequência com que os vídeos são compartilhados, o que mantém os *Lineups* do *Google Preferred* atualizados, revisados primeiro por máquinas e depois verificados por seres humanos.

Figura 12 - Lineups do YouTube



Fonte: *Print Screen* elaborado pelo autor no sistema operacional Windows 10.

Os vídeos indicados na aba “em alta” no Brasil, no dia 23 de maio de 2019, consideradas apenas as 25 primeiras posições, refletem os *lineups* determinados pelo Google. Semelhante a grade de programação da TV aberta, identificamos seis categorias (música, jogos, filmes, TV, esportes e, beleza, moda e estilo de vida) e contabilizamos os percentuais correspondentes conforme a incidência de vídeos (20%, 0%, 8%, 28%, 18% e 28%, respectivamente). Jogos e filmes, foram separados dos demais conteúdos na interface do aplicativo, porque provavelmente terão serviços futuros disponibilizados por *streaming*. A categoria indicada como TV, alçada pelo algoritmo *P-Score*, é a informação mais relevante porque é a própria grade da televisão de sinal aberto que se apropria da plataforma e abre novas possibilidades para ambas as partes. Se a ideia por trás das *lineups*, que coloca ênfase maior na adequação do conteúdo onde os anúncios serão veiculados, os conteúdos da televisão, digamos, de outra época, já estão prontos. Além disso, a mudança do algoritmo de ranqueamento e classificação dos vídeos, passa a privilegiar não a quantidade de visualizações, isto é nítido ao observarmos o tamanho dos canais que apareceram, mas o tempo que as pessoas passam assistindo ao conteúdo.

Figura 13 - Vídeos indicados na aba "em alta", da posição 1 até 5

	🎵 LIVERPOOL É CAMPEÃO DA CHAMPIONS Paródia Roar - Katy Perry FutParódias 493 mil visualizações • 8 horas atrás Uma paródia de futebol da música "Roar" de Katy Perry, sobre a final da Champions League 2019. Liverpool foi campeão, depois de vencer o Tottenham por 2 a 0. O jogo não foi o show que todos
	▶ Entramos na usina nuclear de Angra!!! #Boravê Manual do Mundo 341 mil visualizações • 10 horas atrás ▶ Gerador termoeletrico https://youtu.be/wLrXYMJs-q8 ▶ Tratamento de água https://youtu.be/cWBSF0VyiMI ▶ Como esmagar uma garrafa usando um avião
	DJay W - Favelado ft. MC Kelvinho, MC Cabelinho e MC Hariel (GR6 Filmes) GR6 EXPLODE 651 mil visualizações • 1 dia atrás Inscreve-se GR6 FLUXOS: http://bit.ly/2oPPsHP Artistas: DJay W, MC Kelvinho, MC Cabelinho e MC Hariel Musica: Favelado Ouvir mais: https://GR6.lnk.to/Funk Produzido por GR6 Filmes Faça seu víd...
	Orochi - Real Freestyle 1999 [Rap Box Ep. 152] Rap Box 128 mil visualizações • 10 horas atrás Orochi conhecido nas batalhas de rimas e com seu grupo Mode\$tia, coleciona hits como Balão, Milionários, Poesia Acústica e Meu Mundo. Ouça Real Freestyle 1999 feat. Mirele [Beat: Kizzy] no
	CHEGA PRIMEIRO REFORÇO PEDIDO POR JORGE JESUS / CENTROAVANTE E VOLANTE NA MIRA DO MENGÃO / PRÉ-JOGO! FLAZOEIRO 133 mil visualizações • 9 horas atrás

Fonte: Print Screen elaborado pelo autor no sistema operacional Windows 10.

Figura 14 - Vídeos indicados na aba "em alta", da posição 6 até 10

	As Aventuras de Poliana Capítulo 274 - 03/06/19, completo As Aventuras de Poliana • 2 mi visualizações • 23 horas atrás Escrita pela autora Iris Abravanel e com a direção-geral de Reynaldo Boury, a nova novela do SBT, As Aventuras de Poliana, é uma história inspirada no clássico da literatura infantojuvenil de 1913,...
	Entrevista com elenco e direção do filme "X-Men: Fênix Negra" The Noite (03/06/19) The Noite com Danilo Gentili • 274 mil visualizações • 10 horas atrás O The Noite é um talk show apresentado por Danilo Gentili e vai ao ar de segunda a sexta nas madrugadas do SBT. Personalidades de todas as áreas são entrevistadas no programa, que também
	La Casa de Papel: Parte 3 Trailer oficial Netflix Netflix Brasil • 1,3 mi visualizações • 1 dia atrás Desta vez não é pelo dinheiro. É pela família. La Casa de Papel: Parte 3. Estreia em 19 de julho. Só na Netflix.
	Cúmplices de Um Resgate capítulo 106 - 03/06/19, completo Cúmplices de um Resgate • 145 mil visualizações • 11 horas atrás Cúmplices De Um Resgate conta a história das gêmeas que se separam no nascimento e se reencontram sem saber que são irmãs! Elas trocam de lugar e desencadeiam várias aventuras e
	ATENÇÃO SEU CELULAR ESTÁ TE ESCUTANDO JoutJout Prazer • 88 mil visualizações • 11 horas atrás os robôs da nossa rotina vão pegar os nossos dados e planejar nosso fim, só não vê quem não quer, e você aí sem descrever as coisas porque tem foto pra mostrar, francamente... vamos nos amar virtu...

Fonte: *Print Screen* elaborado pelo autor no sistema operacional Windows 10.

Figura 15 - Vídeos indicados na aba "em alta", da posição 11 até 15

	CORTEI MEU CABELO, FINALMENTE !! 🙌🙌 Ingrid Ohara TV • 375 mil visualizações • 1 dia atrás No vídeo de hoje eu cortei meu cabelo !! Se inscreva na Ingrid Ohara TV Me siga nas redes (não a de vólei) abaixo: Instagram: https://www.instagram.com/oharaingrid Minha página: https://www.fac...
	O APRENDIZ - EP 12 - PARTE 3 - 03/06/2019 O Aprendiz na Band • 91 mil visualizações • 21 horas atrás Assista em HD à terceira parte do 12º episódio desta temporada de O Aprendiz. INSCREVA-SE NO CANAL E NÃO PERCA NENHUM DETALHE DE O APRENDIZ.
	CENAS IMPROVÁVEIS #170 Barbixas • 104 mil visualizações • 13 horas atrás Abençoado seja o refrigerante! ASSISTA AO VIVO: Quintas-feiras - TUCA (SP): https://goo.gl/QUmCdP 07 a 09/06 - Florianópolis (SC): https://bit.ly/2VgU4mU 16/06 - Jundiaí (SP): https://bit.ly/2Hjgp...
	TIMES BRASILEIROS QUE JOGARAM CONTRA SELEÇÕES!! SoccerJM • 155 mil visualizações • 1 dia atrás Nesse vídeo eu mostro pra vocês 6 times BRASILEIROS que jogaram contra SELEÇÕES! E tem umas GIGANTES hein?! Tu vai se surpreender com esses resultados! Confira! Eai Mundo! Tudo certo? Me siga
	#TheLionKing "Come Home" Beyoncé • 1,1 mi visualizações • 1 dia atrás

Fonte: *Print Screen* elaborado pelo autor no sistema operacional Windows 10.

Figura 16 - Vídeos indicados na aba "em alta", da posição 16 até 20



10 Trilhas Sonoras + FAMOSAS que os FILMES! 🎵🎶

Pipocando Música • 161 mil visualizações • 1 dia atrás

Existem músicas tão boas feitas para filmes, que muitas vezes ficam mais famosas que a própria obra cinematográfica. De "I Believe I Can Fly" a "Tears in Heaven", relembre as Trilhas sonoras mais f...



NALATA com Ministra Damare Alves

Na Lata com Antonia Fontenelle • 130 mil visualizações • 1 dia atrás

Hoje o nosso Na Lata é com a Ministra Damare Alves. Gostaria de pedir que assistam a entrevista e depois me digam o que acharam. SEJA MEMBRO — <https://goo.gl/85zo9M> NALATA • STORE • ...



O LADO OCULTO DE CHICO XAVIER

Fatos Desconhecidos • 144 mil visualizações • 1 dia atrás

Compre o livro da Fatos Desconhecidos: <https://amzn.to/2LiWim4> Mais uma vez, estamos aqui para contar para vocês o lado oculto de uma grande personalidade. Dessa vez, vamos falar de um homem



MASTERCHEF ESPECIAL (02/06/2019) | PARTE 1

MasterChef Brasil • 567 mil visualizações • 1 dia atrás

Assista à parte 1 do Episódio Especial do MasterChef. #MasterChefBrasil no YouTube, inscreva-se no canal: <https://goo.gl/hcUL7X>. Conheça os Produtos #MasterChef: Loja Oficial: <https://goo.gl/B3...>



Neto: Neymar não pode continuar na Seleção

Os Donos da Bola • 857 mil visualizações • 1 dia atrás

Devido às últimas polêmicas do craque da Seleção Brasileira, Neto afirmou que o jogador não deveria permanecer na equipe de Tite para poupar sua imagem e carreira. INSCREVA-SE NO CANAL E NÃO

Fonte: *Print Screen* elaborado pelo autor no sistema operacional Windows 10.

Figura 17 - Vídeos indicados na aba "em alta", da posição 21 até 25



NÃO ESCOLHA O SALGADO ERRADO !!!

Camila Loures • 494 mil visualizações • 1 dia atrás

MOSTRA ESSE CANAL PRA ALGUEM, UM DIA TEREMOS 10 MILHÕES DE INSCRITOS!! SEJA MEMBRO AQUI DO CANAL <https://www.youtube.com/channel/UCvuJTWLpeL49CUFF2EAbvg/join> CANAL DO PH



Peças com defeito no 737 Max EP #442

Aviões e Músicas • 100 mil visualizações • 21 horas atrás

Comentando sobre as novas notícias da Boeing e seus problemas. ➔ Seja Membro: <http://bit.ly/ApoiarCanal> ➔ Livro do lito: <http://bit.ly/livrosDoLito> ➔ Contato Comercial:



Jornal da Manhã - 04/06/19

Jovem Pan News • 161 mil visualizações • Transmitido 10 horas atrás

Votação das MPs no Senado; desdobramentos do caso Neymar; viagem de Trump a Londres Inscreva-se no nosso canal: <https://tinyurl.com/y8zs5h8n> Entre no nosso site: <http://jovempan.uol.com.br/> F...



5 COISAS QUE DEVERÍAMOS TER APRENDIDO NA ESCOLA

5 Alguma Coisa • 297 mil visualizações • 1 dia atrás

Olá Internet! Vou recomendar para vocês um canal do Youtube - o Eu Quero Investir! <http://bit.ly/EQIYT> Lá você vai ter acesso a playlist "A Jornada do Investidor" <http://bit.ly/JornadaEQI> que conté...



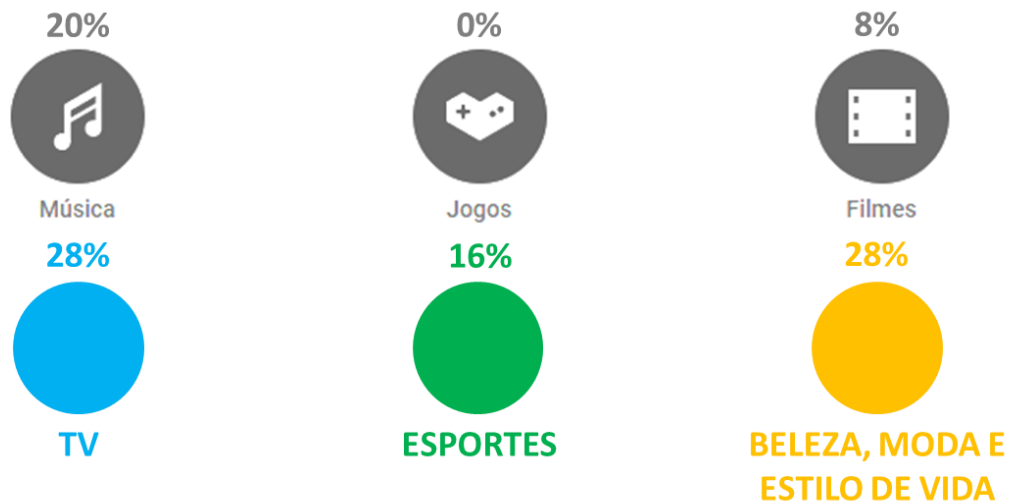
Somos ciumentas? - Depois das Onze

Depois das Onze • 181 mil visualizações • 1 dia atrás

E aí, gente! Tudo bacana? Gabie Fernandes e Thalita Meneghim fazem um vídeo que não aparecia há um tempo aqui no canal: DD11 Responde! Quem aí tava com saudade?! Faça sua pergunta com a

Fonte: *Print Screen* elaborado pelo autor no sistema operacional Windows 10.

Figura 18 - Relação dos *Lineups* com os vídeos indicados na aba "em alta"



Fonte: *Print Screen* elaborado pelo autor no sistema operacional Windows 10.

Kate Stanford, executiva da plataforma, divulgou em blog oficial que a oferta de TV se divide em duas partes: YouTube na tela da TV, que é o aplicativo instalado na tela e o YouTube TV, que é um serviço lançado há dois anos nos EUA para oferecer TV com canais a cabo. Nas palavras dela, “para espectadores de hoje, o horário nobre é pessoal” (STANFORD, 2019). Esse tempo, do horário nobre particularizado, do repouso do indivíduo, nos leva novamente a Guy Debord e o tempo espetacular (1997, p.103), o tempo pseudocíclico, onde a intenção não é convencer, mas ser a única coisa exposta na vitrine para, em seguida, ser esquecida. A aquisição de dados globais, a implantação de *lineups* (indicação de conteúdos) e os sistemas de controle, sugerem segurança financeira para anunciantes, esse movimento para criação de regras em benefício de determinado grupo significa, em grande medida, ao ganho de previsibilidade da atividade. Dessa forma são criadas as barreiras, novas fronteiras estabelecidas para controlar o que aparece na tela.

3.2 Metodologia

A proposta metodológica desta parte do presente estudo é fazer uma análise qualitativa de vídeos depositados na plataforma YouTube que tratam do morar em espaços diminutos. Conforme SELLTIZ (1974), existem “dois tipos gerais de razões para a proposição de questões de pesquisa: as intelectuais, baseadas no desejo de conhecer ou compreender, e as práticas, baseadas no desejo de conhecer a fim de tornar-se capaz de fazer algo melhor ou de maneira

mais eficiente”. Optamos pelo desejo de compreender, parafraseando Simmel (1903) “nossa tarefa não é acusar ou perdoar, mas somente compreender”.

A escolha pela pesquisa qualitativa em detrimento da quantitativa, sabendo que ambas possuem limitações no caso de se analisar conteúdo informativo através da interface da plataforma YouTube, visa um compromisso ético de ser o “mais fiel possível em todas as etapas, o mais coerente possível entre os objetivos, objeto de estudo e processos de pesquisa, em todas as etapas”, segundo Orozco (1996). Adiciona-se a isso o grau de inovação do tema. Assim, no escopo geral do estudo poderíamos classificá-lo como exploratório.

Define-se estudo exploratório como uma investigação baseada em conhecimentos teóricos anteriores, em que o planejamento do método a ser utilizado é cuidadosamente engendrado. Para Marconi e Lakatos (1986), “pesquisador formula problemas e hipóteses, registra sistematicamente os dados e os analisa com a maior exatidão possível. Para efetuar a coleta de dados, utiliza instrumentos adequados, emprega os meios mecânicos possível, a fim de obter maior exatidão na observação humana, no registro e na comprovação de dados”. com base nesta afirmação, o estudo visa utilizar do conhecimento prévio do assunto estudado e encontrar, de formar ampla, afirmações para as hipóteses presentes.

A contribuição da teoria da midiatização “(...) é prover uma base de análises e criar uma compreensão teórica de como a mídia, pode interagir com outros processos culturais e sociais” (HJARVARD, 2013, p.4)⁴⁰. Portanto, a primeira etapa do procedimento deste estudo, consiste em pesquisa bibliográfica e iconográfica para compreender o atual cenário das discussões sobre o morar e como ele surgiu em meados de 1900 até os dias atuais, como resultado temos um capítulo essencialmente descritivo. A segunda etapa busca, a partir da bibliografia e iconografia pesquisadas, uma aproximação da temática para compreender melhor a personalização em publicidade direcionada aos arquitetos e ao público em geral através das telas, objetivando compreender o que mudou nesse habitar a casa da cidade, como resultado temos um capítulo analítico. A terceira, e última etapa, pesquisa qualitativamente uma série de vídeos depositados na plataforma Youtube sobre o tema, elencados em etapa anterior. A interface adotada pela plataforma permite comentários, respostas a uma provocação apresentada na tela, e pela praticidade na busca de respondentes esse questionário on-line se mostra como algo valoroso, onde o entrevistado interpreta e responde sem a presença do entrevistador. O modelo de questionário que será utilizado é explicado por Mattar (1996), como

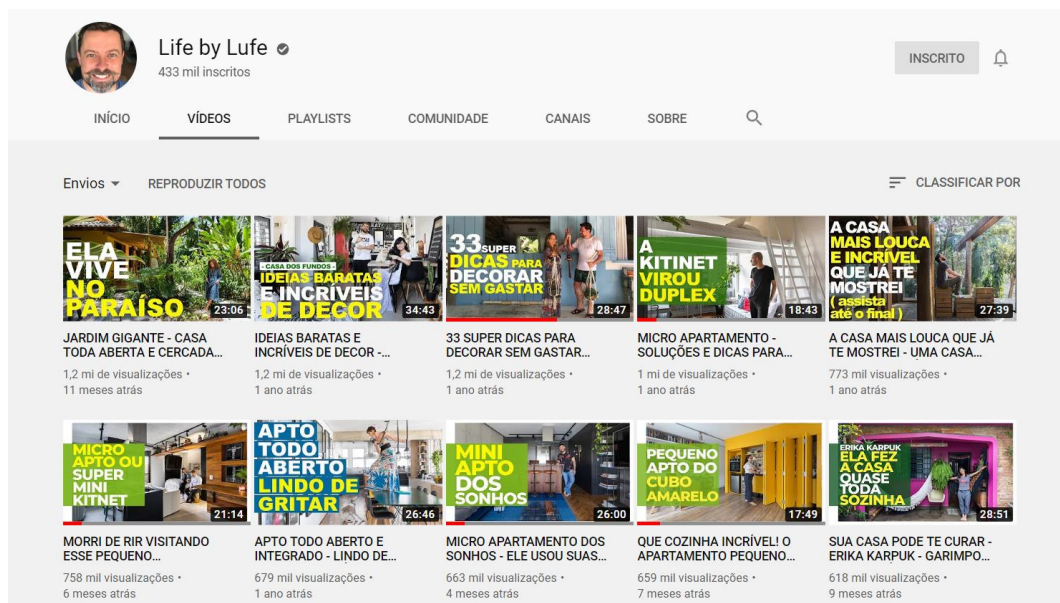
⁴⁰ Tradução livre do autor – “The contribution from mediatization theory to this interdisciplinary venture is to provide a *framework* for *analyzing* and bulding a *theoretical* understanding of how the media may interact with other social and cultural processes”.

estruturado disfarçado, onde o pesquisador busca através da tabulação e informações presentes, presumir a importância e valor do tópico estudado ao respondente. e quantificar qual sua percepção quanto ao uso de seus dados.

Para delimitar o campo de coexistência desses fragmentos da máquina de morar, atravessado entre passados e futuros, optamos por dois canais de anônimos antes das telas atomizadas. A ainda incipiente morada no Brasil em fluxo, inspira alguns atores a buscar referências e encontramos certa dificuldade em mapear um canal dedicado a moradas diminutas. Já no exterior, a busca na rede social *YouTube* apresentou 437 incidências a partir do termo *Tiny House*. Nosso olhar se voltou para dois vídeos, os mais visualizados de cada canal.

Dos quase 2 bilhões de usuários, 433 mil aparecem inscritos no canal de um brasileiro. Na descrição do canal, um lugar onde a plataforma disponibiliza um espaço para que o produtor de conteúdo se apresente, Lufe Gomes, fotógrafo, se diz “apaixonado por casas que contam histórias inspiradoras pelo mundo”. *Life by Lufe* iniciou sua jornada na plataforma de streaming de vídeos em 17 de outubro de 2013, contando com 41.770.622 visualizações, na data de acesso ao canal em 15 de novembro de 2019. Ao todo, foram produzidos 298 vídeos, dentre os quais 16 vídeos se referem a espaços pequenos, dos quais selecionamos o de maior relevância em número de visualizações.

Figura 19 - Envios mais visualizados do canal *Life by Lufe*



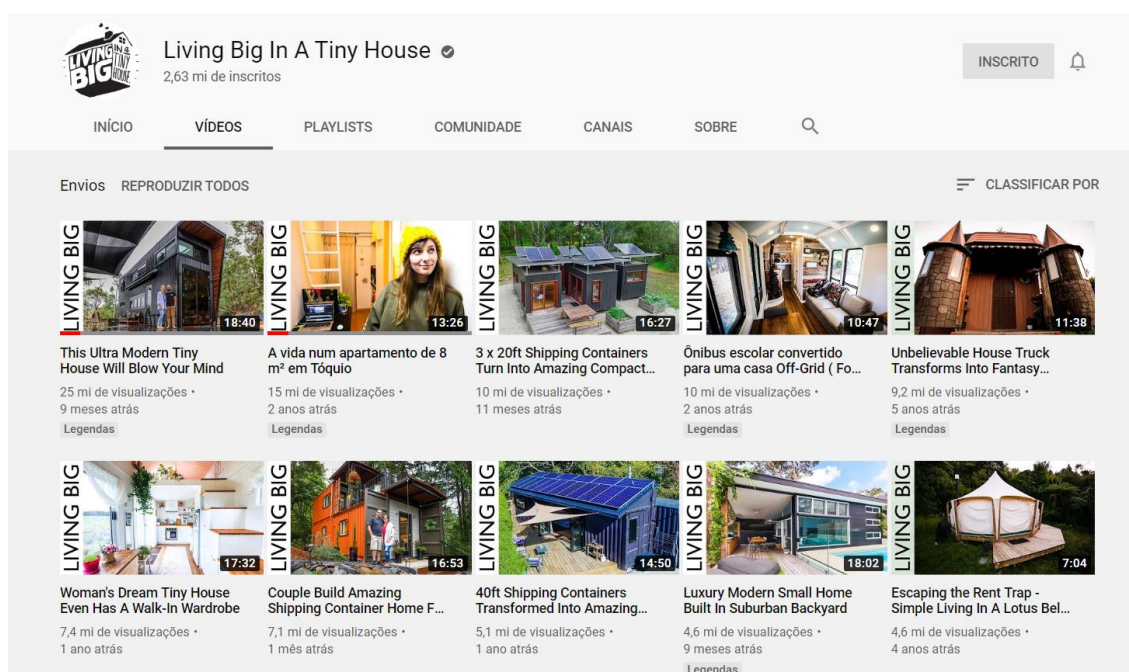
Fonte: *Print Screen* elaborado pelo autor no sistema operacional Windows 10.

Disponível em

https://www.youtube.com/channel/UCwlrqVg7vmqzoHeCfDB1uEA/videos?view=0&sort=p&shelf_id=2. Acesso em: 15 de novembro de 2019.

Num outro contexto, internacional, analisamos o canal *Living Big In A Tiny House*, que iniciou sua trajetória na plataforma de streaming de vídeos em 17 de outubro de 2013 contando com 328.654.735 visualizações, na data de acesso ao canal em 20 de outubro de 2019. Ao todo, foram produzidos 205 vídeos até a data de acesso, dos quais selecionamos um apartamento metropolitano em Tóquio, com maior número de visualizações do canal no contexto urbano, nosso ator se apresenta como “Bryce, um apaixonado por design de pequenos espaços”. Conforme ele viaja para outros países temos acesso a casas minúsculas, residências alternativas e narrativas de vida que ele considera “ecológica”.

Figura 20 - Envios mais visualizados do canal *Living Big In a Tiny House*



Fonte: *Print Screen* elaborado pelo autor no sistema operacional Windows 10.

Disponível em https://www.youtube.com/user/livingbigtinyhouse/videos?view=0&sort=p&shelf_id=5.

Acesso em: 20 de outubro de 2019.

Percebemos uma diferença significativa no número de visualizações dos vídeos mais vistos, em ambos os canais. Se por um lado o público do canal internacional quer visualizar conteúdos de espaços pequenos, como a casa num container ou um apartamento em Tóquio, quer entender seu funcionamento, por outro, o canal nacional apresenta como vídeo mais visto “Ela vive no paraíso”, onde mostra uma casa aberta à natureza. Os dois outros vídeos mais visualizados do canal brasileiro, tratam de dicas de decoração para gastar menos, gastar pouco, economizar em móveis e utensílios para o lar. Nos pareceu uma diferença entre a busca por um novo lugar e o melhorar o lugar onde está.

3.3 Análise dos vídeos

VÍDEO 1

Nome do canal: *Life by Lufe*

Nome do vídeo: MICRO APARTAMENTO – soluções e dicas para ganhar mais espaço.

Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=DFps_o5e4DA&t=124s.

Número de visualizações: 1.082.839 visualizações

Número de likes: 71.000

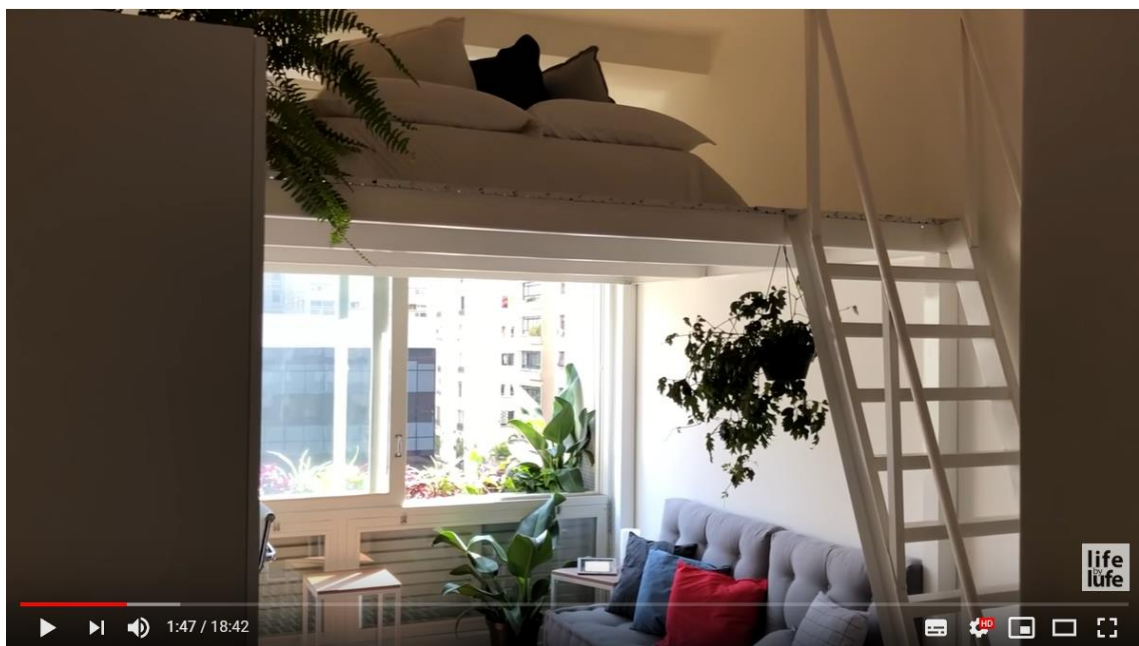
Número de dislikes: 1.000

Número de comentários: 3.091

Data de publicação do vídeo: 13 de janeiro de 2019

Duração do vídeo: 18:42 minutos

Figura 21 - Imagem Panorâmica da unidade habitacional do André



Fonte: *Print Screen* elaborado pelo autor no sistema operacional Windows 10.

Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=DFps_o5e4DA&t=124s.

Acesso em: 15 de novembro de 2019.

O apresentador Lufe caminha pelos corredores de um edifício na cidade de São Paulo, a construção apresenta traços de outra época, elementos vazados e corredores extensos são raros na verticalização que pulsa atualmente. A primeira cena da unidade habitacional nos mostra a porta branca pelo lado de fora do apartamento. O espectador é convidado a entrar aos 0:56 segundos de vídeo, quando a porta se abre e é recebido pelo morador, o André, um homem jovem.

Logo temos acesso, através da lente, ao mezanino dormitório colocado sobre um espaço de estar com sofá de dois lugares cinza e almofadas coloridas, mesa lateral e plantas. Uma janela de dimensões generosas faz a luz entrar no ambiente. O pé direito alto também revela que se trata de um exemplar de décadas passadas, é sabido que o centro da cidade de São Paulo se revitaliza. A cor das paredes é branca, assim como a cor dos armários embutidos no teto, sobre a porta de entrada. O piso é de tacos de madeira intertravados em cor natural. Aos 2:04 minutos de vídeo, André revela que “foi materializando uma casa possível” diante desse espaço que ele considera “minúsculo”.

Aos 2:13 minutos de vídeo, André diz que “não tinha nada, eu tinha oficialmente uma mala 23 kg e uma mochila, e essa era minha vida material, assim...” Durante a mudança para esse novo espaço, ele comprou tudo novo. Aos poucos aparecem outros elementos que compõem o ambiente, como um tapete preto e branco com um grafismo que lembra uma parede de tijolos sem revestimento, ou uma série de plantas penduradas e espalhadas pela casa. A conversa entre morador e apresentador nos conduzem ao mezanino, apesar do pé-direito alto, não é possível ficar em pé ali onde tem a cama. A estrutura desse elemento que corta e divide o espaço é metálica e pintada na cor branca. Eles nos conduzem novamente a sala de estar, André revela que o sofá se transforma em cama de casal quando necessário. Em frente ao sofá, vemos uma mesa de estrutura metálica cinzenta de secção quadrada e tampo de madeira. Sobre a mesa, um computador compacto, em frente, uma cadeira em couro preto com estrutura ajustável metálica cromada.

Aos 5:04 minutos de vídeo, André conta que o apartamento tinha trinta metros quadrados, com o mezanino tem trinta e sete metros quadrados. O apresentador resume o espaço como sala com escritório, quarto aberto e cozinha aberta, revela que mora no mesmo prédio e informa a medida do pé direito, três metros e vinte centímetros. Ao subir a escada metálica branca visualizamos o lugar de dormir que tem como objetos um colchão no chão revestido com um conjunto de roupa de cama branco, uma luminária de piso e uma samambaia. O guarda-roupa se localiza em frente ao acesso do apartamento. Ao descer, temos uma outra vista da sala,

não há televisão, vemos um poster na parede em frente ao sofá com uma imagem de máquina de escrever.

Aos 7:51 minutos de vídeo, André informa que um móvel adquirido como estante se transformou em sapateira. Aos 8:08 minutos de vídeo, André comenta sobre uma fala de Lufe sobre o novo estilo de vida: “eu nunca tive muitas coisas, se você reparar, nesta casa, ela tem poucos objetos [...] acho que com as viagens, com a vida ela vai se transformando. E essa possibilidade de poder embalar tudo e levar para onde você for, para mim, é libertador”. A mesa lateral identificada inicialmente tem outro uso também, funciona como banquetas, e existem mais três espalhadas pelo ambiente. Olhamos pela janela de madeira pintada na cor branca, André apresenta sua jardineira, o edifício foi pensado assim. Rapidamente voltamos ao guarda roupas, agora aberto.

Aos 10:40 minutos de vídeo, André revela que até os 23 anos foi bancário, “vida frenética, rolo compressor” e percebeu que aquela vida não era para ele. Inicia-se aqui uma conversa sobre o estilo de vida de André. Aos 12:10 minutos de vídeo, Lufe faz uma síntese do que vimos até agora, um apartamento predominantemente branco, que dispões de um mezanino como solução a falta de um dormitório, com móveis multiuso, poucos objetos e roupas. De repente, aos 12:40 minutos de vídeo, a câmera de Lufe nos direciona para a cozinha, um balcão revestido em pedra natural separa este espaço da sala. As paredes estão revestidas com peças cerâmicas retangulares na cor branca. Observamos que o forno de micro-ondas está diretamente sobre a geladeira. Vemos um fogão de quatro bocas e um exaustor ligado a tomada logo acima, mais nada.

Aos 13:30 minutos de vídeo, Lufe incita a curiosidade de quem o assiste ao questionar o que falta naquela casa que a deixa tão “deliciosa” e revela: “ela não tem televisão”! Tem início uma conversa entre os dois protagonistas onde André diz que não assiste televisão há 15 anos, “eu assisto muito YouTube e conteúdo, assim, para internet ... não tenho Netflix”. Os dois continuam a conversar sobre o que sai das telas, que segundo eles, alteram o padrão emocional. Aos 15:45 minutos de vídeo, Lufe expõe um pequeno pedaço de papel com uma poesia escrita por meio de máquina escrever. Já o banheiro localizado próximo a saída, aparece no final do vídeo, aos 8:01 minutos.

VÍDEO 2

Nome do canal: *Living Big In A Tiny House*

Nome do vídeo: A VIDA num apartamento de 8 m² em Tóquio.

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=TYVJbupG3Xg>.

Número de visualizações: 15.202.330 visualizações

Número de likes: 225.000

Número de dislikes: 8.600

Número de comentários: 20.279

Data de publicação do vídeo: 13 de janeiro de 2019

Duração do vídeo: 13:25 minutos

Figura 22 - Imagem Panorâmica da unidade habitacional do Emma



Fonte: *Print Screen* elaborado pelo autor no sistema operacional Windows 10.

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=TYVJbupG3Xg>.

Acesso em: 20 de outubro de 2019.

O apresentador Bryce caminha pelo corredor escuro de um edifício em Tóquio. O espectador é convidado a entrar aos 0:21 segundos de vídeo, quando a porta se abre e é recebido pela moradora Emma, uma jovem *youtuber* australiana. Logo, temos acesso através da lente, a unidade habitacional, um corredor longilíneo todo branco. Uma janela ao fundo se apresenta ao espectador. O pé direito alto também revela um mezanino para dormir.

Aos 1:10 minutos de vídeo, Emma se diz feliz com o apartamento porque tem “dois níveis”, suprimindo uma preocupação em relação ao espaço de dormir, normalmente próximo ao banheiro. Diz ainda que, na região de Tóquio que habita, esses apartamentos são comuns. Aos 2:41 minutos de vídeo, relata que precisa escolher muito bem suas roupas porque não tem muito espaço no armário embutido na parede, logo na entrada do apartamento, além disso, aos 5:33 minutos de vídeo Emma nos conta que esses apartamentos já vem mobiliados: “você não pode escolher sua própria mobília”, diz Emma, que tem um Macbook ao lado de um iPhone sobre uma pequena mesa, um espaço para trabalhar.

Aos 6:20 minutos de vídeo, a australiana comenta a diferença entre a organização da cozinha japonesa diante da australiana, ela não compreende por que os japoneses priorizam a área de lavagem de louça e não o espaço livre da bancada para o preparo de alimentos. Nesta cozinha, observamos apenas um ponto para cocção de alimentos.

“Qual você acha que é a maior vantagem de morar num lugar assim”? Pergunta à Emma o apresentador Bryce (10:49 minutos). E Emma prontamente responde: “Um lugar assim me mantém criativa, e eu amo viver sozinha”.

Na busca por similaridades no habitante da aldeia global, que permitiu ao YouTube como rede social em 2005 nos mostrar infinitas possibilidades de mundo (como decorar a casa, como consertar um aparelho doméstico, ou como viver num espaço tão pequeno), analisamos dois vídeos separados geograficamente por 18.520 quilômetros de distância, sendo uma morada localizada em São Paulo e a outra em Tóquio, duas grandes metrópoles.

A precarização do morar, em ambos os casos, não se trata apenas das dimensões pequenas (30 metros quadrados em São Paulo e 8 metros quadrados em Tóquio) das unidades analisadas, se trata de uma sobreposição de funções que constatamos nos dois casos, ao mesmo tempo que eu me alimento, eu trabalho; ao mesmo tempo que eu durmo, eu danço. O mobiliário é multifuncional, nada pode estar fora do lugar.

A televisão já não é parte desses espaços analisados. Ícone de uma era, a TV que já foi objeto de desejo da família, ocupando o espaço de protagonista na sala, se fragmentou em telas menores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início deste mestrado, tínhamos a intenção de refletir, em que medida, a intervenção tecnológica das comunicações em rede impacta nas dimensões do espaço habitado a partir das múltiplas telas (smartphones, TVs e aparatos inteligentes). Para isso, nos debruçamos sobre um pensar moderno na arquitetura, que recebeu a tela pela primeira vez, e a relação que teria com o habitar contemporâneo, centrado nas pequenas unidades habitacionais que vemos emergir pela cidade, as quais pressupõem um fluxo intermitente de dados que possibilitam desde um passeio com o animal de estimação, contratar um serviço do salão de beleza, ou até o abastecimento completo de suprimentos de uma casa, incluindo eletrodomésticos.

Atestamos que a noção moderna envelheceu, a colonização dos lugares pelos fluxos de informação, e de capital, engole as medidas do habitar, que se refere a uma questão de como nos enraizamos num canto do mundo a partir de um projeto de igualdade mínima. A casa continua sendo nosso canto do mundo. Mas ela mudou, até a mais modesta delas é cortada pelo fluxo informacional e seus respectivos desdobramentos sociais. Numa cidade como São Paulo, por exemplo, onde os processos econômicos e políticos da cidade fluxo se espacializam, observamos que as novas formas de morar dependem de serviços externos como, por exemplo, uma rede de serviços por assinatura se soma à taxa condominial. A casa se auto organiza por fluxos externos em telas: APPs que acionam as lâmpadas, comida que é pedida à distância e séries em formato streaming que ganham dias de “maratonar”, só para citar alguns exemplos de um habitar baseado em agenciamentos coletivos, burburinhos de um morar/prosumer, ou seja, um morar ligado a um consumo exterior, mas que não deixa de fazer parte da casa.

Entretanto, não foi apenas a introdução midiática que maculou a autenticidade da casa, entendida como uma cultura do objeto casa. Le Corbusier antecipou a era eletrônica, artificial, industrial, ou mais precisamente ainda, consumista. Tentou nos proteger ao estabelecer a preservação dos vazios e pensar a antropometria. Vislumbramos num primeiro olhar que esta será mais uma batalha perdida, concretamente será construída através de produtos industriais sistematizados acessíveis em catálogos comerciais, como as casas em containers e tubos de esgoto [vistas no Capítulo 3], que já fazem parte das cidades projetadas para o futuro, englobando desde a roupa até o mobiliário. Essa exterioridade pulsante determinará o que é um parâmetro básico da regulação interna, a influência da moda, que não apenas determina em grande medida seu caráter efêmero. É por causa desse novo morar, transformado pela chegada das telas que a casa é reconfigurada. Esse fluxo incessante de estímulos produz novas

arquiteturas e o espaço euclidiano torna-se binário. Também é verdade que as próprias redes sociais se revezam em ser artefatos e companhia para seus moradores, agenciando o excedente cognitivo em likes e compartilhamentos. Mas não precisavam ser assim. Poderiam ser concebidas não para serem jardins murados, como os portais-currais denominados por André Lemos, mas para permitirem a produção de fluxos que privilegiariam o humano.

Atualmente, as redes sociais estimulam a produção de pessoas que vivem suas vidas como personagens, que pensam poder mudar suas vidas mudando as personagens, vida em estado de turismo, em estado de bolhas que vão temporalmente se dissolvendo. Mas o que a vida digital propicia é uma nova experiência, mais ampla, mais complexa portanto, de reconhecimento. E isto não é um problema desde que não sejam solapadas as formas exploratórias de reconhecimento, onde a própria indústria do cinema tem contribuição notória ao longo de décadas. Por isso olhamos para o filme de Quentin Tarantino.

Este reconhecimento da diferença, que a princípio é geracional, tem relação com a indiferença à diferença do outro, seja etária, socioeconômica, ou nas relações de trabalho pré-estabelecidas pelas gerações anteriores, como no caso do cinema. Esta é a característica fundamental para perceber como a geração Z estabelece suas relações com o mundo, através das telas cada vez mais lisas dos nossos telefones móveis, e da maneira violenta como este modelo se coloca para as outras gerações ao aniquilar parte da linguagem, na medida que eu capturo o mundo sem resistência, com a ilusão de que eu controlo o ambiente porque decido, determino, corto, paro de seguir. Isso aumenta o volume do eu e diminui o tamanho do mundo. Do nós. O morar no século XXI aumentou o eu, o single, o individual, em detrimento do Nós. Talvez por isso, as unidades habitacionais as quais olhamos, claro que há questões de outras ordens também envolvidas, econômica principalmente [não objeto deste mestrado], tenham diminuído tanto. Um grupo em particular cresce, pessoas sozinhas, que veem nessas pequenas casinhas seu lugar no mundo, será uma nova forma de morar. É um ponto interessante, ampliar esta pesquisa no futuro em busca das falas de construtores e ocupantes, investigar um pós-ocupação.

Entretanto, como todo instrumento depende da maneira como você o usa, a tecnologia desse nosso tempo permite também, novas maneiras de estabelecer contato com algum grupo de interesse, e cria um mecanismo capaz de encontrar o outro que não seja nosso espelho (como não é o caso do arco hippie que encontramos no filme do Tarantino). Se a arte e o cinema têm o papel de reunir a comunidade em torno da tela, proporcionar encontros na sala de cinema, onde o ator age como se fosse o outro nas relações de conflito típicas da linguagem humana, a rede social, ao menos inicialmente, se propõe a compartilhar gostos. Mas o belo está na

diferença, na diversidade de pensamento, de gostos, de cores, pequenos fragmentos de mundo romantizado que Tarantino expõe na tela ao longo de “Era uma vez...em Hollywood” para que a geração Z acesse e apreenda que o belo não é liso. Estamos interessados no que o outro traz de diferente para a nossa vida, estamos cansados de nós mesmos, como diria Byung-Chul Han em outro contexto.

Aparentemente, a convicção de que um homem pode existir sem um domicílio fixo, que a tecnologia é capaz de transformar o mundo a tal ponto que já não é mais necessário vivenciá-lo por meio das emoções, é equivocada. Novas barreiras surgem quando nossa privacidade está ameaçada. Apesar da latente estetização e o excesso de funcionalismo que a casa fluxo traz, não podemos esquecer que a casa, com suas dimensões bioculturais mais profundas, vem sendo transformada num produto funcionalizado e mercantilizado desde a década de 1950, num pós-guerra que transformou a casa em objeto de desejo.

O olhar para o futuro, em perspectiva, pressupõe um fragmento temporal, que recorta e projeta no espaço uma ideia a partir de uma coleção de referências. Esta noção espacial é fundamental para o ato de projetar em arquitetura. A linha do horizonte, o ponto de fuga e a altura do observador são três elementos determinantes da perspectiva, assim como, a abordagem pretendida para enfrentar a questão: o contexto que a casa se insere, as tecnologias da inteligência que se apresentam e os novos hábitos que começam a emergir na vida privada. De que maneira novas configurações espaciais da habitação se apresentam como futuro? Algo a conferir.

A provocação que fica é: será que saberemos encontrar o equilíbrio da medida nos movimentos sociais tecnológicos do futuro, que presam por valores que se distanciam cada vez mais das identidades culturais que nos representam em direção a um pseudo multiculturalismo baseado exclusivamente em uma sociedade de consumo? E as novas possibilidades de representatividade na arquitetura, irão levar em consideração a necessidade da proteção de um ser, baseada em uma cultura ou viveremos essa síndrome de vida que se apequena, onde se encontra artificialmente representações caricatas das culturas mundiais, embaladas e prontas para viagem? Afinal de contas, o morar é somente um negócio ou ele deve possuir uma profunda representação sócio cultural, baseada na medida do humano?

O mundo de amanhã convoca a uma série de espaços conectados, fisicamente e virtualmente, onde o espaço tem escala humana em termos de solução projetual, ele se difere das habitações construídas em massa conforme um modelo, teremos muitos modelos, o que precisamos manter é a importância da medida nos pontos de conexão.

As casas que habitam o fluxo estão desprovidas de medida.

REFERÊNCIAS

Bibliográficas:

ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (org.). *História da vida privada, 5: da Primeira Guerra a nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

AUGÉ, Marc. *Não lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 2004.

BACHELARD, Gaston. *A psicanálise do fogo*. São Paulo: Martins Fontes 2008.

BANHAM, Reyner. *Teoria e Projeto na Primeira Era da Máquina*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. *Retropia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

BENEVOLO, L.; ALBRECHT, B. *As Origens da Arquitetura*. Lisboa: Edições 70, 2002.

BERQUÓ, Elza. Arranjos Familiares no Brasil: uma visão demográfica. In: SCHWARCZ, Lilian Moritz (org.) *História da vida privada no Brasil 4: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 411-438.

BOUERI FILHO, José Jorge. *A contribuição da ergonomia na formação do arquiteto*. Tese de Livre Docência – São Paulo, FAU USP, 2004.

BRANDÃO, Ludmila de Lima. *A Casa Subjetiva: matérias, afectos e espaços domésticos*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BRYSON, Bill. *Em casa: Uma breve história da vida doméstica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CACCIARI, M. *A cidade*. 4ªed. Barcelona: Gustavo Gili, 2010.

CACCIARI, M. Grandeza e crepúsculo da utopia. In: CACCIARI, M.; PRODI, P. *Ocidente sem Utopias*. Belo Horizonte: Âyiné, 2017.

CAMARGO, Matheus Moreno dos Santos. *Transhabitat: Topologias Transorgânicas em Arte e Tecnologia*. 2016. Dissertação (Mestrado em Centro de Artes e Letras). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria:2016.

CARR, Nicholas. *A grande mudança*. São Paulo: Landscape, 2008.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COHEN, David; SERRANO, Filipe. *Tudo por assinatura*. Exame, São Paulo, número 15, p. 20-33, jul/ago. 2019.

COSTA, L. *Registro de uma vivência*. São Paulo: Editora 34 e Edições Sesc, 2018.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia* Vol. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

DI FELICE, Massimo. *Paisagens Pós-urbanas: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar*. São Paulo: Annablume, 2009.

DI FELICE, Massimo. A digitalização das florestas. In: PEREIRA, Eliete da Silva. *Ciborgues indígenas.br*. São Paulo: Annablume/Atopos, 2012.

FERRARI, Pollyana; FERNANDES, Fábio. *No tempo das telas: reconfigurando a comunicação*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

FERRARI, Pollyana (Org.). *Fluido, fluxo*. Porto Alegre: Fi, 2018.

GROPIUS, Walter. *Bauhaus: Nova arquitetura*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

HALL, Edward T. *A Dimensão Oculta*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

HAN, Byung-Chul. *Topologia da violência*. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

_____. *No exame: perspectivas do digital*. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

_____. *Bom entretenimento*. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

HEIDEGGER, M. Construir, Habitar, Pensar. In: *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Vozes. 2ª ed. 2002.

JACOBS, Jane. *Morte e Vida de Grandes Cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.

KELLY, Kevin. *Inevitável*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017.

LE CORBUSIER. *O modular*. Lisboa: Orfeu Negro, 2010.

_____. *Por uma Arquitetura*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

LISSITZKY, El. *Rússia: reconstrução da arquitetura na União Soviética*. São Paulo: Estação Liberdade, 2019.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de Pesquisa – Planejamento e execução de pesquisas*. São Paulo: Atlas. 1986.

MARTINS, Joana Sousa - *A experiência sensorial de habitar e respectiva relação com o espaço idealizado pelo projeto de arquitetura*. 2016. Dissertação (Mestrado em Faculdade de Arquitetura e Artes). Universidade Lusíada de Lisboa, Lisboa: 2016.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix: 2007.

MENDES, Letícia Teixeira. *Habitação coletiva contemporânea: inovações metodológicas e tecnologia da informação no processo de projeto*. 2010. Dissertação (Mestrado na Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo). Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas: 2010.

MENEGUETTE, Lucas Correia. *Realidade Virtual e experiência do espaço: imersão, fenomenologia, tecnologia*. 2010. Dissertação (Mestrado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, São Paulo: 2010.

MOROZOV, Evgeny. *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Ubu, 2018.

OROZCO, Guillermo Gomes. *La Investigación em Comunicación desde la Perspectiva Qualitativa*. La Plata: Un. Nacional de la Plata, 1996.

PALLASMAA, Juhani. *Habitar*. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

PROST, Antoine. Fronteiras e espaços do privado. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gérard (orgs) *História da vida Privada 5: da primeira guerra a nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 13-59.

REQUENA, Carlos Augusto Joly. *Habitar híbrido: interatividade e experiência na era da cibercultura*. 2007. Dissertação (Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo). Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos: 2007.

RISÉRIO, Antônio. *A casa no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2019.

RUBANO, Lizete Maria (Org.). *O terceiro território: Habitação coletiva e cidade*. São Paulo, Vigliecca & Associados, 2015.

RYBCZYNSKI, Witold. *Casa: Pequena História de um Ideia*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SANTAELLA, Lúcia. *Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. *A Ecologia Pluralista da Comunicação*. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. *Extensões Ecotécnicas do Humano: fugidias paisagens do pensamento*. São Paulo: Instituto Langage, 2017.

SECCHI, Bernardo. *A cidade do rico e a cidade dos pobres*. Belo Horizonte: Âyiné, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *História da vida privada no Brasil, 5: constrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SELLTIZ, Claire et al. *Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais*. São Paulo: EPU, 1974.

SHIRKY, Clay. *A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. In: BOTELHO, André (org.). *Essencial Sociologia*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013. p. 311-329.

SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

_____. *Esferas I: Bolhas*. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

SPENGLER, Oswald. *A decadência do ocidente: esboço de uma morfologia da história universal*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

TINHORÃO, José Ramos. *Música Popular: do gramofone ao rádio e tv*. São Paulo: Editora 34, 2014.

VILLAÇA, Flávio. *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel Editora, 2005.

VIRILIO, Paul. *O Espaço Crítico*. São Paulo: Editora 34, 2014.

WISNIK, Guilherme. *Dentro do Nevoeiro*. São Paulo: Ubu, 2018.

ZABALBEASCOA, Anatxu. *Todo Sobre la Casa*. Barcelona: Gustavo Gili, 2011.

ZAMIÁTIN, Ievguêni. *Nós*. São Paulo: Editora 34, 2017.

Sitiográficas:

A VIDA num apartamento de 8 m² em Tóquio. *YouTube*. Tóquio: Living Big In A Tiny House, 2017. 1 vídeo (13:25 min.). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=TYVJbupG3Xg>. Acesso em 15 de novembro de 2019.

BRASIL. IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua*: Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal. 2017. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?edicao=23205&t=publicacoes>> Acesso em 04 de março de 2019.

COLOMÉ, Jordi Pérez. M. *Como você é espionado por seu celular Android sem saber*. El País, 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/17/tecnologia/1552777491_649804.html>. Acesso em 8 de maio de 2019.

GALEANO, Luis Fernández. Amores que matam. **Arquitectura Viva**. Madri, v. s/i, n. 139, p. 3. 2011. Disponível em: http://www.arquitecturaviva.com/media/public/img/sumarios/aviva/aviva_139_sumario.pdf. Acesso em: 20 jan. 2018.

GELI, Carles. *Byung-Chul Han: “Hoje o indivíduo se explora e acredita que isso é realização”*. Jornal El País, Barcelona, 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/07/cultura/1517989873_086219.html?fbclid=IwAR0

Exf0PRqJjBU3AZnfF32OXyAaspZNdi22can_fABMInmzy9UzhC313k7A>. Acesso em: 02 setembro 2019.

KANTAR. 2017. Disponível em: <https://www.kantarworldpanel.com/global/smartphone-os-market-share>. Acesso em 20 de maio de 2019.

MICROAPARTAMENTO: soluções e dicas para ganhar mais espaço. *YouTube*. São Paulo. Life by Lufe, 2019. 1 vídeo (18:42 min.). Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=DFps_o5e4DA&t=124s. Acesso em: 15 de novembro de 2019.

MINDMINERS. *Geração Z: um estudo comparativo com a geração Y*. São Paulo, 2018. 25 slides. Disponível em: <https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms/files/18283/1544119813Estudo_Original_I_Geracao_Z_I_Final.pdf>. Acesso em: 03 setembro 2019.

MORISAWA, Marianne. *O filme que uniu Brad Pitt e Leonardo DiCaprio*. Revista Claudia, São Paulo, Edição 695, agosto de 2019. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/famosos/o-filme-que-uniu-brad-pitt-e-leonardo-dicaprio/>>. Acesso em: 03 setembro 2019.

NERY, Marcelo Batista; SOUZA, Altay Alves Lino de; ADORNO, Sergio. *Os padrões urbano-demográficos da capital paulista*. Estud. av., São Paulo, v. 33, n. 97, p. 5-36, dez. 2019. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142019000400005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 12 jan. 2020. Epub 02-Dez-2019. <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-4014.2019.3397.002>.

NETFLIX. *Fourth Quarter Earnings: Letter to shareholders*. Los Gatos: Netflix Inc., 2018. 13 páginas. Disponível em: <https://s22.q4cdn.com/959853165/files/doc_financials/quarterly_reports/2018/q4/01/FINAL-Q4-18-Shareholder-Letter.pdf>. Acesso em: 03 setembro 2019.

STANFORD, Kate. *Where our TV offering is going and how it's growing*. 2019. Disponível em: <<https://youtube.googleblog.com>>. Acesso em 20 de maio de 2019.

TREAT, Jason. *Cities of the future: from mega-regions to micro-size homes*. National Geographic, 2019. Disponível em: <https://www.nationalgeographic.com/magazine/2019/04/see-sustainable-future-city-designed-for-people-and-nature/>. Acesso em 25/08/2019.

UBISOFT. *Q3 FY18*. Paris, 2018. 41 slides. Disponível em: <https://ubistatic19-a.akamaihd.net/comsite_common/en-US/images/41ubisoft%20q3fy18%201202_tcm99-318995_tcm99-196733-32.pdf>. Acesso em: 04 setembro 2019.

YOUTUBE. s/da. Disponível em: < <https://www.youtube.com/intl/pt-BR/yt/about/press/>>. Acesso em 20 de maio de 2019.

_____. s/db. Disponível em: < <https://www.youtube.com/intl/pt-BR/yt/about/>>. Acesso em 20 de maio de 2019.

_____. s/dc. Disponível em: < <https://www.youtube.com/intl/pt-BR/google-preferred/>>. Acesso em 20 de maio de 2019.

_____. *Brandcast stage highlights: primetime is now personal*. 2019. Disponível em: <<https://youtube.googleblog.com>>. Acesso em 20 de maio de 2019.

ZURIARRAIN, J. M. *Android já é o sistema operacional mais usado do mundo*. El País, 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/04/tecnologia/1491296467_396232.html>. Acesso em 2 de abril de 2019.